

ELIANA KAWATA

RETRATOS DE JOVENS:
UMA APROXIMAÇÃO DA VIOLÊNCIA VIVIDA
POR JOVENS DE DIADEMA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob orientação do Prof. Dr. Sergio Ozella.

Programa de Estudos Pós- Graduated em Psicologia Social

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2003

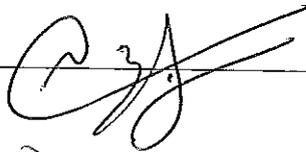
Biblioteca MA - PUC/SP

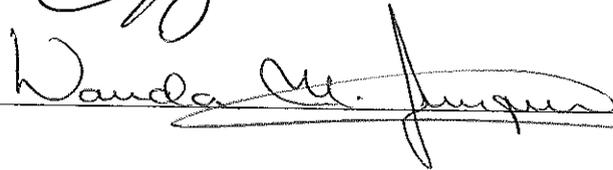


100127143

Biblioteca
Nadir Gouvêa Kfour
PUC/SP

BANCA EXAMINADORA




Wanda M. Jaquez



Para Camila,
minha filha querida,
estrela sempre presente no meu caminhar

“Aqui as histórias de crime não têm romantismo e nem heróis.

Vida longa aos guerreiros justos.”

(Mano Brown In Férrez, 2000)

AGRADECIMENTOS

- À CAPES, cujo apoio foi fundamental para a realização deste trabalho;
- Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC, em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Sergio Ozella, que com muita paciência me acompanhou nesta trajetória e, por seu acolhimento e estímulo, possibilitou que eu conseguisse concluir esta etapa;
- À Ia, pelo seu entusiasmo contagiante, que me inspirou a percorrer os caminhos da Psicologia Sócio-Histórica;
- À Profa. Dra. Myrian Veras Baptista, pelas valiosas contribuições nos momentos decisivos deste trabalho;
- Ao Ernesto, meu companheiro, pelo amor e prazer da convivência diária, por estar sempre presente nos momentos mais difíceis, apoiando e suprindo minhas deficiências ;
- À Camila, minha filha, por seu carinho, paciência e compreensão diante de minha ausência nestes últimos tempos;
- Aos meus pais, por sempre acreditarem em mim e potencializarem meus projetos ;
- À Denise, minha irmã, pela imensa disponibilidade em me ajudar, pela tradução do resumo e pela revisão do trabalho;
- Aos amigos da PUC, com quem partilhei as dificuldades e as alegrias de retornar à academia depois de tanto tempo. Agradeço especialmente ao meu amigo Rogério, que me acompanhou do começo ao fim nesta jornada; ao amigo Alessandro, que sempre tentou que eu avançasse mais rapidamente neste percurso; e às amigas Bia e Paula, pelo ombro amigo nos momentos de sufoco;
- Aos colegas do Departamento de Ação Social e Cidadania, pelo apoio e pela solidariedade em todos os momentos;
- Aos amigos de Diadema, sempre solidários, companheiros de luta e de fé num mundo melhor - são tantos que não haveria espaço suficiente para citá-los aqui;
- À Irandi Pereira, pelas sugestões preciosas, pela força e pela disponibilidade em compartilhar suas reflexões;
- Aos amigos que, mesmo estando distantes no dia-a-dia, deram força a este projeto: Marta , Juana, Sandra, Godô, Esther, Ana Maria, Cris, Rô;
- Finalmente, agradeço do fundo do coração aos jovens de Diadema. Como não haveria espaço para citar todos os jovens, tomo como representantes de meus agradecimentos Geovan Sabino e Edison Queiroz (sem esses profissionais este trabalho não teria sido possível) e os jovens Regiane, Renato, Maria Elenice, Paula, Elízia, Betinho, Adeilton, Alexandre, Léo, Talita, Fernando, Cris, Emerson, André, Oíres e Jailton que, apesar de todas as dificuldades que enfrentam em suas vidas, acreditam e constroem no presente um futuro melhor.

RESUMO

KAWATA, ELIANA. Retratos de jovens: uma aproximação da violência vivida por jovens de Diadema. Dissertação de mestrado em Psicologia Social. São Paulo: PUC, 2003.

Esta pesquisa tem por objetivo apreender os significados sociais e os sentidos pessoais que jovens pertencentes às classes populares da cidade de Diadema atribuem à violência.

O referencial teórico-metodológico utilizado é o da Psicologia Sócio-Histórica que se fundamenta em Vigotski (1999) e na epistemologia qualitativa proposta por González Rey (1999). Nesta perspectiva, a pesquisa busca construir um conhecimento que penetre nas zonas de sentido ocultas à aparência, desenvolvendo um processo interativo que ressalta a importância das relações entre todos os sujeitos que intervêm na investigação, desde as do pesquisador-pesquisado até as dos sujeitos investigados entre si. Além disso, defende que o conhecimento científico não se legitima pela quantidade de sujeitos estudados, mas pela sua singularidade e sua qualidade de expressão. A legitimação do conhecimento é dada pela capacidade explicativa dos processos constitutivos do fenômeno pesquisado.

Partimos da análise de uma peça teatral, criada e produzida por um grupo de jovens do município de Diadema, na região metropolitana de São Paulo. A opção pela peça deu-se por seu conteúdo, que retrata o cotidiano e a violência vivida pelos jovens na periferia, e pela forma como foi produzida: os próprios jovens construíram coletivamente o enredo, os personagens e seus diálogos. A partir da peça, realizamos entrevistas com dois jovens do grupo. Em nossas entrevistas procuramos aprofundar a reflexão desses jovens sobre a peça produzida, esclarecer alguns pontos que pudessem desvelar o significado e o sentido atribuído à violência vivida.

De forma geral, constatamos que a violência permeia a vida desses jovens, mas os sentidos a ela atribuídos são pessoais e variam de acordo com as situações vividas. Num primeiro momento, instituem a morte como significado social da violência vivida. Desenvolvem uma tolerância à violência, o que faz com que se anestesiem e deixem de perceber muitas situações como violentas. Neste estudo evidenciaram-se os seguintes significados sociais: o apelo ao consumo, a desigualdade social, a desigualdade entre os gêneros e as dificuldades socioeconômicas como geradores de violência; a saída de casa, a opção pelo crime, o envolvimento com as drogas como meios para adquirirem poder e serem reconhecidos como sujeitos; a fragilidade das relações afetivas, o conflito entre valores morais, o estigma social e a vivência do medo como conseqüências da violência.

Embora os sentidos da violência sejam diferenciados para cada pessoa, há uma base afetivo-volitiva comum a esses jovens: a necessidade de se sentirem reconhecidos e valorizados enquanto sujeitos potentes. A violência pode ser entendida como a linguagem que utilizam para denunciar a situação vivida e indicar a necessidade de transformação social. Esses jovens demonstram, que apesar de reproduzirem a violência vivida em seus relacionamentos e em suas expressões, utilizam a criatividade para se recriar e transformar a violência vivida em potência de ação.

ABSTRACT

KAWATA, Eliana. Youngsters' Portraits: A study concerning violence experienced by youngsters in Diadema City. (Master's thesis dissertation in Social Psychology. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2003)

Objective:

The objective in this research is to ascertain social implications and individual perceptions in relation to what violence means to youngsters of low-income classes in Diadema City, São Paulo State, Brazil.

Method:

We used Vigotski's theoretical-methodological in Social-Historical Psychology, as well as fundamentals of dialectical historical materialism in Qualitative Epistemology proposed by González Rey. This research attempts to expose root causes, developing an interactive process that stresses the importance of relationships among all subjects who interact in the investigation, including those between researcher and subject(s) and among subjects themselves.

We analyzed a theatrical play created and produced by a group of youth from Diadema City. This play was chosen for two reasons: firstly, for its theme, focused on the daily life and violence experienced by youngsters in the outskirts of the city. Secondly, for the way the play was produced brought further insight: these youngsters, as a group, developed plot, characters, and dialogue. We interviewed two members of this theatrical group. We attempted to get a clear sense of their personal views of the play; also, we wanted to clarify some aspects highlighting social and personal viewpoints attributed to their experiences with violence.

We realized violence permeates the lives of these youngsters but not in a general way. They perceive violence personally, which varies according to individual life experience. First, when asked what violence meant, the answer was: death. Our conclusion was that these youth develop tolerance to violent episodes which desensitize them, leaving them unable to perceive many situations as violent. In this study it was possible to identify some common values that provoked violence: consumerism appeal, social inequality, gender inequality, social-economic difficulties. Life on the street does not help: the option for crime as a way of life and involvement with drugs become means to acquire power and be seen as powerful people. Also, fragility of affectionate relationships, moral values conflicts, social stigmatization, and living under fear are among other consequences of violence.

Although each individual views violence differently, there is a common affectionate-volitive element: the need of being acknowledged and valued as empowered individuals. Violence can be understood as the language they use to denounce the situation they live and to indicate the need of social transformation. Although these youngsters reproduce the violence they live, they use their creativity to recreate themselves and transform violence in action power.

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------------------------------------|-----|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 01 |
| CAPÍTULO 1 SER JOVEM, SER ADOLESCENTE | 07 |
| CAPÍTULO 2 AS FACES DA VIOLÊNCIA..... | 20 |
| CAPÍTULO 3 O ADOLESCENTE, O JOVEM E A VIOLÊNCIA..... | 30 |
| CAPÍTULO 4 PRESSUPOSTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS | 41 |
| • Procedimentos metodológicos | 47 |
| • O grupo de jovens | 51 |
| • Processo de construção da peça teatral | 53 |
| CAPÍTULO 5 DIÁLOGO COM A PEÇA TEATRAL E AS ENTREVISTAS..... | 57 |
| CAPÍTULO 6 SIGNIFICADOS E SENTIDOS DA VIOLÊNCIA..... | 82 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 121 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 124 |
| ANEXOS | |
| Anexo 1 – PEÇA TEATRAL ÓPERIFERIA..... | 130 |
| Anexo 2 – ENTREVISTAS..... | 135 |
| Anexo 3 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE DIADEMA..... | 168 |

NÃO PRECISAVA SER ASSIM (letra: M.C. Renato de Souza)

Uma história de amor começa na favela
Um romance num lugar onde não tem história bela
Tudo começou em um encontro sem querer
Daí para frente mudaria totalmente a maneira deles viver
O início foi surpreendente, bonito e feio
Se conheceram no meio das balas em um tiroteio
Se apaixonaram e com o tempo a paixão virou amor
O durão descobre um sentimento que pra ele não tinha valor
Trocam anéis e juras de amor eterno
Eis que vem o encontro com o lado paterno
Pra ser saldada uma dívida, houve discussão
A vizinhança em alerta, sempre de plantão
Em poucos minutos chega a polícia, a casa está cercada
Lá dentro um alvoroço, menina desesperada
Diz que se arrepende e que por ele não quer mais ser amada
Ele agora fora de controle, pois viu morrer a única esperança de
Sua vida ser mudada
Vai para fora, agarra sua amada de refém
Diz que se deixarem ele ir, todo mundo fica bem
Ela em um golpe de susto dele escapa e corre para outra ponta
Ele sem saber direito o que faz, a arma pra ela aponta
Sua amiga se desespera e pede pra ele parar
Ele sem noção de nada, acaba por atirar
Seu dedo, como que por vontade própria, encosta no gatilho
E de longe só se escuta o barulho do tiro

REFRÃO

Ódio, amor, vingança. A periferia é nossa esperança

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“... A foto era uma façanha. Chinolope tinha conseguido fotografar a morte. A morte estava ali: não no morto, nem no matador. A morte estava na cara do barbeiro que a viu”
(Galeano, 1991, p. 25)*

Nos últimos quinze anos, minhas atividades profissionais foram dedicadas ao trabalho com adolescentes, em particular com aqueles “em situação de risco”¹. No contato diário com estes jovens, muitas vezes deparei com situações em que me vi – e que ainda me vejo – sem respostas.

* Um educador comenta que as crianças sob sua responsabilidade choram muito pouco a morte de conhecidos e parentes. Ele não tem certeza se isto é ruim, uma vez que estas crianças já sofreram tanto com outras perdas.

* Um adolescente saído de uma medida de internação na Febem diz sentir o “sangue no olho”². Não consegue esquecer o dia em que disparou 20 tiros num sujeito que, segundo ele, infernizava-lhe a vida. Afirma que, se preciso for, não hesitará em fazer tudo novamente.

* Um jovem, que participa de um dos projetos sociais nos quais trabalho, aparece transtornado. Diz que está prestes a cometer uma loucura: por não suportar mais viver sob o mesmo teto com o padrasto, afirma ter arrumado uma arma para “acabar com ele”. Não acredito muito em sua história e peço-lhe que me mostre a arma. Para meu espanto, o rapaz estava, de fato, armado.

* Na tentativa de localizar um dos adolescentes do projeto, arrumo um guia, um rapaz simpático que conhece tudo no bairro. Ele me aconselha a não acompanhá-lo até as “bocadas”³, pois não seria seguro circular por lá. No dia seguinte, o adolescente que eu procurava reaparece. Conta que o rapaz que me servira de guia fora morto durante a madrugada com 11 tiros, vítima de uma emboscada.

¹ A terminologia crianças e adolescentes em situação de risco é utilizada para caracterizar aqueles que tenham seus direitos fundamentais violados ou em vias de ser violado no campo da política da assistência social

² “sangue no olho”: gíria que significa pessoa sem limite, capaz de fazer tudo de ruim.

³ Bocada ou boca de fumo: gíria para designar lugar onde se vende drogas.

Identifico-me com Helena, personagem do livro de Eduardo Galeano (1991):

“Os sonhos iam viajar. Helena ia até a estação do trem. Da plataforma, dizia adeus aos sonhos com um lençinho.”

Despedindo-me dos sonhos ingênuos que tinha sobre uma juventude idealizada. Tudo isso me fez perceber que o conhecimento profissional desses anos ainda não era suficiente para lidar com as situações que surgiam no cotidiano do trabalho. Senti a necessidade de aproximar-me mais desses jovens, descobrir como vivem, o que pensam, o que sentem. Cheguei à conclusão de que era preciso refletir sobre minhas práticas, pesquisar e trocar experiências para aprender mais e, quem sabe, contribuir para melhoria da atenção a esses jovens.

Mesmo assim, percebo singularidades: a minha, a dos meus pares, a de cada adolescente, a de cada jovem. Subjetividades constituídas em sua própria história, em diferentes contextos, que agora começam a se encontrar. Vejo-me diante da violência, fato que sempre me assustou e que evitava tomar contato direto e mesmo indiretamente. Entretanto, na convivência com os adolescentes e jovens, pude perceber que a violência faz parte de suas vidas no cotidiano. Uma violência diária e tão próxima que acaba se tornando natural, uma parte inevitável da vida.

E isso me intriga. Calvino (1990) escreve sobre Adelma, uma cidade em que todos os habitantes lembram pessoas mortas:

“Chega um momento da vida em que, entre todas as pessoas que conhecemos, os mortos são mais numerosos que os vivos.”

Eles são jovens, mas já perderam muitas pessoas queridas no decorrer da curta existência. Quando a cidade onde vivem, Diadema, foi apontada em

1999 como a mais violenta do Brasil,⁴ o discurso das autoridades locais foi que se tratava de mais uma tentativa dos meios de comunicação de massa de "lançar o nome da cidade na lama", aproveitando-se da brecha aberta pelo caso da Favela Naval⁵. Espantou-me ver como estes jovens, que iam a enterros de parentes, vizinhos ou amigos praticamente todas as semanas, reproduziam o discurso oficial: estavam convencidos de que a violência não era tanta, que tudo não passava de uma manipulação da imprensa para levantar o íbope.

Sem entrar no mérito do papel da mídia, que muitas vezes exagera e distorce informações para aumentar a audiência, o fato é que a violência em Diadema é muito diferente, por exemplo, da que atinge a Vila Mariana e Perdizes, bairros de classe média de São Paulo que aparecem com baixos índices de vulnerabilidade juvenil na cidade⁶. Tiroteios na praça central durante um show dominical, disparos de armas de fogo no salão de danças, corpos cravejados de balas estirados na rua em plena luz do dia, jovens morrendo a cada semana - não são lugar-comum nos lugares onde moro e onde estudo, mas o são onde trabalho. O que mais assusta é que as pessoas tentam se adaptar a essa violência extrema sem questionar o fato de que isto não deveria ser algo natural.

"Um corpo estendido no meio da rua, somente Deus por testemunha(...). Suas perdas eram constantes e aparentemente intermináveis: o primeiro amigo a morrer lhe causou um baque e tanto, mas a morte dos outros dois fôra menos desgastante, afinal, estava crescendo" (Férez, 2000, p. 29)

Meu tema de pesquisa foi se tornando mais complexo: como esses jovens enxergam a violência que os atinge — aliás, será que a enxergam como

⁴ Números divulgados pelo Datasus (Ministério da Saúde) revelaram que a taxa de homicídios da cidade de Diadema foi de 140 homicídios por 100 mil habitantes em 1997, cinco vezes superior à média brasileira. (Toledo, J.R. de. Diadema é a cidade mais violenta do país. Folha de São Paulo, 15.08.1999)

⁵ Em março de 1997, o Jornal Nacional exibiu cenas de violência praticadas por policiais militares que, durante madrugadas, mataram, torturaram, extorquiram e humilharam a população da Favela Naval, na cidade de Diadema. (O PSDB e a violência. Revista Isto É, 09.04.1997)

⁶ Os distritos da cidade de São Paulo foram classificados segundo o IVJ (Índice de Vulnerabilidade Juvenil). Marsilac é o distrito mais vulnerável com IVJ de 92 pontos e Jardim Paulista é o menos

violência? Se sim, qual o sentido subjetivo da violência em suas vidas? Ao estar com eles no dia-a-dia do trabalho, sinto que meu sentimento de horror e meu repúdio à violência que os atinge não é compartilhado do mesmo modo por eles. González Rey (1999) explica melhor essas diferenças ao afirmar que todo problema subjetivo é afetado pelas condições em que o sujeito se encontra e pelo sentido dessas condições para ele. A subjetividade constitui-se e é resultante de um complexo e contraditório processo de integração entre a história do sujeito, a subjetivação desta história na personalidade e os momentos atuais de sua vida .

Após essa tentativa de delimitar o problema a investigar, foi-se em busca de subsídios para aprofundar a reflexão. No capítulo 1, apresenta-se uma revisão bibliográfica das principais concepções sobre juventude e adolescência, procurando focar a perspectiva sócio-histórica. No capítulo 2, procura-se fazer uma discussão sobre os conceitos de violência, tentando situar a questão da violência no Brasil. No capítulo 3, apresentam-se as discussões e resultados de pesquisas em torno da associação entre adolescência, juventude e violência. A revisão bibliográfica sobre os temas adolescência, juventude e violência são essenciais para a construção de idéias que podem dar sentido às experiências empíricas desta pesquisa.

No capítulo 4, apresentam-se os pressupostos teórico-metodológicos ancorados na teoria sócio-histórica de Vigotski (1991, 1999) e na epistemologia qualitativa de González Rey (1999, 2000), que servem de base para o presente estudo. Trata-se de conhecer os processos complexos que constituem a subjetividade desses jovens, promover um processo ativo e contínuo de troca de informações e interlocução entre os marcos teóricos, a prática e o trabalho de campo.

Na apresentação dos pressupostos teórico-metodológicos que norteiam a pesquisa, busca-se contextualizar o grupo de jovens autores da peça teatral *Óperiferia*, cujo resumo composto na linguagem de "rap" por um de seus

autores, introduziu esta dissertação. Explicam-se também os procedimentos metodológicos utilizados.

A peça teatral *Óperiferia* é uma produção de jovens que participam de um dos projetos sociais que acompanhamos em nosso trabalho. Este projeto propõe promover a paz e a cidadania a partir de ações dos próprios jovens, que, entre outras atividades, criam peças teatrais como forma de chamar a atenção para temas sociais, e em seguida estimular o debate com outros jovens. A *Óperiferia* mostra a visão que um grupo de jovens moradores de Diadema tem do seu cotidiano. Fala da violência, do amor, da droga, da família e dos amigos, da vingança e das contradições da vida. A peça foi concebida e escrita pelos próprios jovens em oficinas teatrais. Eles foram estimulados a trazer suas reflexões e suas vivências, que serviram de matéria-prima na elaboração do perfil de cada personagem e do enredo da peça. Durante o processo de definição dos personagens e da história, houve uma participação e um compromisso crescente dos jovens, instigados pelo desejo de terem suas propostas e visões escolhidas pelo grupo. A peça, em sua versão integral, consta no Anexo 1 deste trabalho.

Em seguida, busca-se captar as singularidades por meio de entrevistas (Anexo 2) com dois jovens do projeto — nossos sujeitos significativos — para apreender os sentidos subjetivos da violência vivida.

Este projeto foi desenvolvido em Diadema, município do ABCD paulista com a configuração típica das periferias para onde trabalhadores pobres migram em busca de moradia mais barata: condições muito precárias de habitação e de vida, altos índices de analfabetismo, alta densidade demográfica e elevadas taxas de criminalidade. Há mais dados de contextualização da cidade no Anexo 3.

No capítulo 5, procura-se organizar o material da peça *Óperiferia* e das entrevistas realizadas com os dois sujeitos significativos, estabelecendo um diálogo em busca de indicadores que pudessem evidenciar o significado e o sentido da violência para esses jovens.

No capítulo 6, analisa-se o material organizado anteriormente: procura-se construir e reconstruir o fio condutor em que se integram os momentos de coleta, organização e análise do material. Busca-se identificar os temas e conteúdos fundamentais para a compreensão da violência, agrupando-os em cinco núcleos de significação. Procura-se apreender os processos constitutivos do significado social e do sentido subjetivo da violência para o jovem de Diadema para uma ampliação das zonas de sentido sobre a temática estudada.

Feitas essas considerações iniciais, fica o convite para a leitura das páginas a seguir.

CAPÍTULO 1: SER JOVEM, SER ADOLESCENTE

Há uma supervalorização da juventude na sociedade contemporânea. Hermano Vianna (1997, p. 8-10) afirma que o "ser jovem" tornou-se objetivo perseguido por grande parte da sociedade, independentemente de idade, pois o "ser jovem" ou "manter-se" jovem associou-se a valores como vitalidade, beleza, criatividade, dinamismo, lazer e aventura. Tudo o que é considerado "jovem" passa a ter grandes chances de ser objeto de consumo e há uma tendência de generalizar esse conceito a ponto de ser difícil estabelecer quem é jovem e quem não é.

Entretanto, ao se abordar a juventude da periferia, surge uma nova generalização sobre o "ser jovem": Significa não vislumbrar horizontes profissionais, viver o subemprego e o desemprego, não ter o apoio de equipamentos sócio-culturais, conviver com a falta de perspectivas, a marginalidade, a delinqüência e outras rupturas de ordem social.

Sousa (1999) alerta que, apesar da crescente visibilidade da juventude nas duas últimas décadas, desde os anos 70 tem havido pouca produção teórica sobre este tema no Brasil. A autora lembra que nos anos 60 e 70 houve uma produção intensa e cita autores como Foracchi, Eisenstadt e Ianni, entre outros, cujas produções contribuíram para a caracterização da disciplina Sociologia da Juventude no Brasil.

Por sua vez, nos dados preliminares de seu projeto de pesquisa "Juventude e escolarização: uma análise da produção do conhecimento", Sposito (1997) constata que desde os anos 80 tem havido pouca preocupação com a temática da juventude no conjunto de pesquisas da área da Educação. Indica como uma das possíveis causas o fato da Sociologia não ter conseguido desenvolver um campo sólido de pesquisa nestes últimos 25 anos, impossibilitando uma interlocução com outras áreas de conhecimento, entre as quais a Educação. Entretanto, a partir de meados da década de 90, constata

um aumento de trabalhos na área da Educação e avalia que se abrem perspectivas de uma produção teórica mais fecunda sobre a juventude.

Isto posto, cabe a indagação: e a adolescência? Existe alguma diferença entre os conceitos de juventude e adolescência?

Para Waiselfisz (1998a), a distinção deve-se a aspectos sociais, culturais e biopsíquicos. Segundo este autor, juventude tem um sentido dinâmico e coletivo e remete a um segmento de população de uma determinada sociedade, sendo definida enquanto categoria sociológica. Já adolescência, remete a um plano mais individual, cronológica e biologicamente demarcado, sendo um conceito mais utilizado nas áreas da saúde e da psicologia.

Apoiando essa visão, Vicuña (apud Peres, 1998) afirma haver um consenso de que o termo adolescência refere-se a um processo de maturação biopsicossocial e aparece mais ligado à prática médica e da saúde. Afirma, por outro lado, que juventude é uma categoria fundamentalmente sociológica, que se refere antes ao cumprimento de uma etapa de integração social de uma pessoa que está adquirindo a plenitude de direitos e responsabilidades.

A diferenciação entre juventude e adolescência também é feita por abordagens que utilizam como parâmetro a categoria etária ou biológica.

Para a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é um processo fundamentalmente biológico durante o qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrange a pré-adolescência (10-14 anos) e a adolescência (15-19 anos). O conceito de juventude seria uma categoria sociológica que indica um processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adultos na sociedade, contemplando a faixa etária dos 15 aos 24 anos. (Sallas, 1999, p. 23)

Pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1997), considera-se adolescente, para efeitos legais no Brasil, a pessoa que tenha entre 12 anos e 18 anos de idade (Livro I, Título I, artigo 2º), mas não há nenhuma regulamentação quanto a faixa etária da juventude.

Sposito (1997) buscou delimitar para sua pesquisa a faixa etária de 15 a 24 anos para a juventude, seguindo orientações de trabalhos desenvolvidos na área demográfica. Percebeu, porém, a necessidade de incorporar faixas etárias um pouco anteriores ou posteriores ao universo etário previamente estabelecido, por observar nelas certas características típicas do momento definido como de transição da situação de dependência da criança para a autonomia do adulto. Sposito afirma que, em alguns países europeus, os estudos tendem a alongar os limites superiores da faixa etária, incorporando pessoas de até 29 anos, pois muitas vezes o jovem, ao concluir sua escolaridade, não consegue se inserir no mercado de trabalho formal. Entretanto, aponta que na sociedade brasileira o inverso é o mais comum: há uma tendência de antecipação da vida juvenil para antes dos 15 anos, uma vez que a inserção no mundo do trabalho torna-se uma necessidade imediata para a maior parte da população de baixa renda.

Como podemos notar, não há um consenso no estabelecimento dos limites de idade nas definições que utilizam o critério etário, o que nos permite concluir que as "as divisões entre as idades são arbitrárias...(e) a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputa em todas as sociedades" (Bourdieu apud Sallas, 1999, p. 25). Isto é, o "ser jovem" é sempre estabelecido tendo como parâmetro outras categorias etárias de uma sociedade.

Quanto ao uso dos conceitos de adolescência ou juventude de acordo com a área de conhecimento, temos notado nestes últimos anos esforços interdisciplinares no sentido de analisar criticamente a construção social do conhecimento sobre adolescência e juventude, com o objetivo de apreender a questão como uma totalidade concreta e historicamente constituída, articulando as dimensões biológica, psicológica e social (Abramo, 1997, Peres, 1998,

Ozella, 1999). Isto nos permite uma liberdade na utilização de um ou outro termo independentemente da área de conhecimento em questão.

Para fins desta pesquisa, da área da Psicologia Social, optamos pelo uso de juventude e jovens para identificar nossos sujeitos, principalmente por serem termos que eles próprios mais utilizam na sua auto-identificação, o que não significa abrir mão dos conhecimentos produzidos pela psicologia sobre a adolescência.

Na Psicologia, o conceito da adolescência foi abordado predominantemente pelos estudos psicanalíticos. Estes estudos associavam a adolescência a um período de crises, angústia e dificuldades de relacionamento motivadas por conflitos de valores e de identificações necessárias para alcançar a identidade adulta (Erikson, 1976).

Aberastury e Knobel (1981) caracterizam a adolescência introduzindo o conceito de “síndrome normal da adolescência”, um conjunto de dez sintomas que descrevem as características de uma adolescência normal:

“(...) podemos descrever a seguinte sintomatologia que integraria esta síndrome: 1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas (...); 5) deslocalização temporal (...); 6) evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversas intensidades; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta (...); 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações de humor e de estado de ânimo.” (Aberastury & Knobel, 1981, p. 29)

Os autores defendem o caráter universal da adolescência (p. 90), um período de vida em que, para estabelecer sua identidade, o adolescente passa por “desequilíbrios e instabilidades extremos”, que o obrigam a recorrer a “manejos psicopáticos” de conduta, considerados pelos autores como “normais” nesse período de vida (p. 9-11).

A associação da adolescência à patologia, angústia, sofrimento, crise e tendências anti-sociais inerentes ao desenvolvimento humano, bem como a ênfase dos autores nos aspectos biológicos e psicológicos, consolidam a concepção naturalizante, normativa e patologizante da adolescência que tem predominado na Psicologia.

Mais recentemente, a psicologia sócio-histórica tem fornecido subsídios teóricos para a superação do mito da naturalização da adolescência, a partir de um referencial que procura romper com os modelos normatizadores de compreensão do ser humano (Aguilar, Bock e Ozella, 2001).

Esta concepção assimila as contribuições antropológicas que questionam a universalidade dos conflitos da adolescência. Uma das contribuições vem de Ariès (1981), que mostra que as noções e percepções da infância e juventude são sócio-historicamente construídas, ou seja, variam conforme o lugar, a época e a cultura, assim como as classes ou os segmentos que compõem uma sociedade. Outra contribuição é dada por Santos (1996) que afirma que as variações intraculturais são estabelecidas a partir de vários cortes, tais como gênero, etnia, contexto urbano/rural e porte das cidades, e que cada sociedade e cultura define as suas idades privilegiadas ou paradigmáticas a partir de uma escala de valores construída coletivamente.

A psicologia sócio-histórica concebe o ser humano como um ser histórico, que se constitui ao longo do tempo, pelas relações dialéticas que estabelece com o mundo, com as condições sociais e culturais em que vive. Ao vincular o desenvolvimento do homem à sociedade, nega a adolescência como uma etapa natural e a concebe como parte do processo de construção do ser humano em uma determinada sociedade:

“a adolescência existe, mas não é uma fase natural do desenvolvimento humano. É criada historicamente pelo homem, nas relações sociais, enquanto um fato, e passa a fazer parte da cultura enquanto significado” (Aguilar, Bock, Ozella, 2001, p. 168)

A psicologia sócio-histórica, além disso, busca as condições sociais que constroem determinada adolescência e encontra em Ariès (1981) a reconstituição do processo de como a juventude foi se configurando enquanto categoria social. Com a passagem da sociedade medieval para a moderna, as relações sociais tornaram-se mais complexas. A educação informal, antes realizada dentro das famílias, passou a ser insuficiente para atender à necessidade de especialização da força de trabalho, provocando o surgimento da escola como o espaço público responsável pela educação e formação dos jovens para o ingresso no mundo adulto. O tempo de aprendizado escolar foi se estendendo, dando visibilidade a uma etapa intermediária entre a infância e o mundo adulto: a adolescência e a juventude.

Clímaco (apud Aguiar, Bock e Ozella, 2001) acrescenta que o desemprego estrutural da sociedade capitalista retarda o ingresso dos jovens no mercado de trabalho. Também a evolução da ciência tem prolongado a vida do homem, conseqüentemente estendendo a idade produtiva e acirrando a concorrência no mercado de trabalho. Estes fatores impulsionam a extensão do período escolar, configurando a adolescência e juventude como fase de latência social, de afastamento do trabalho e preparação para a vida adulta.

Segundo Aguiar, Bock e Ozella (2001), a adolescência é criada historicamente enquanto momento significado e constituído na cultura e na linguagem que mediam as relações sociais de uma sociedade. Sendo assim, as características biológicas da adolescência não têm significação por si mesmas. Elas somente assumem determinada expressão de acordo com a forma como são significadas nas relações sociais e na cultura da sociedade contemporânea.

Os autores afirmam que as características decorrentes da contradição entre apresentar todas as possibilidades de se inserir na sociedade adulta (em termos cognitivos, afetivos, de capacidade de trabalho ou de reprodução) e não encontrar espaço de inserção no mundo adulto podem explicar em grande parte as características descritas para a adolescência : rebeldia, instabilidade,

busca de identidade, conflitos. Em vez de percebê-las como naturais e imutáveis, é importante considerá-las como decorrentes de um processo histórico da sociedade, podendo ser transformadas ou reforçadas de acordo com as condições concretas de vida de um determinado grupo social.

Nossa pesquisa se alicerça nos fundamentos da Psicologia Sócio-Histórica, que serão melhor apresentados no Capítulo 4 deste trabalho. Seguindo seus princípios que ressaltam a importância de se apreender o processo sócio-histórico de construção do conhecimento, buscaremos na Antropologia e na Sociologia um breve histórico dos estudos sobre a juventude.

Estudos sociológicos sobre a juventude

A juventude emerge como um fenômeno da sociedade moderna e recebe a atenção da sociologia quando determinados setores juvenis surgem como um problema, apresentando comportamentos que fogem aos padrões de socialização esperados e trazendo um risco de ruptura com a continuidade social. Estes riscos decorrem da possibilidade do indivíduo jovem desviar-se do seu caminho em direção à integração social (por problemas individuais, por deficiências das instituições encarregadas de sua socialização ou por problemas do próprio sistema social), ou então da possibilidade de um grupo ou movimento juvenil propor ou produzir transformações na ordem social (Abramo, 1997, p. 29).

Existem pelo menos duas tradições sociológicas de estudos e análise da presença juvenil: a americana e a francesa (Neto & Quiroga, 2000).

Segundo Abramo (1994), nas décadas de 20 e 30, a Escola de Chicago torna-se um marco nos estudos americanos sobre juventude, sempre opondo juventude e ordem social, bem como associando juventude à delinqüência, rebeldia e revolta. A juventude é analisada pela sua rebeldia e seus comportamentos desviantes, decorrentes das crises sócio-econômicas e da desestruturação familiar. É uma época em que um grande número de imigrantes, segregados no espaço cultural e social urbano, organizam-se em

guetos formando grupos, bandos, organizações clandestinas e gangues, com a presença marcante de jovens. As gangues caracterizavam-se pela organização territorial, pelas rigorosas regras de conduta, fidelidade e hierarquia, com ritos de entrada e permanência marcados pelo uso da força e da violência, sempre vislumbrando possibilidades guerreiras.

Nos anos 50 e 60, os estudos da Escola de Chicago são retomados por Parsons e Merton. Os atos de "delinqüência juvenil " ultrapassam os limites dos guetos de imigrantes e marginalizados e tornam-se comuns entre jovens de classe média e de setores integrados à sociedade. A juventude é tida como categoria social potencialmente delinqüente por sua própria condição etária e pelas condições específicas dessa fase de desenvolvimento. A explicação de "fase inerentemente difícil" leva à localização do problema na adolescência e na juventude enquanto tal e na aplicação de uma série de medidas de controle e educação repressiva para assegurar a contenção dessa delinqüência. Mais tarde, esse pânico cede espaço ao entendimento da "normalidade" dessas condutas juvenis. Passa-se a compreender este comportamento, momentaneamente desviante, como parte de um processo de integração à sociedade adulta. Há uma isenção de responsabilidades por parte dos adultos ao entender que, com a passagem do tempo, a maior parte dos adolescentes se integrará de forma sadia e normal à sociedade (Abramo, 1997, p. 30).

Recentemente, pesquisadores (Zaluar, Vianna) têm retomado os estudos sobre as gangues em função de ocorrências juvenis similares no cenário urbano. Esta dimensão potencialmente transgressora da juventude será marca presente no imaginário americano e brasileiro, assumindo o modelo dominante da própria sociologia (Neto & Quiroga, 2000, p. 225).

Neto & Quiroga (2000) apresentam a segunda linha de análise internacional, a francesa, representada por autores como Morin, Maffesoli e Dubet.

Morin⁷ (apud Neto & Quiroga) considera a juventude como um produto da cultura de massas iniciada a partir da década de 60. Percebe-a como ambivalente e predominantemente urbana. A juventude representa a rebeldia diante da ordem social e projeta o sonho do consumo e do lazer, ou seja, ao mesmo tempo em que se adapta e consome os produtos materiais e simbólicos (tais como felicidade, amor, lazer) da indústria cultural dominante, apresenta uma crítica a essa sociedade de consumo, denuncia suas crises e reivindica autonomia e emancipação.

Dubet⁸ (apud Neto & Quiroga) introduz o termo “galera”, apresentando-a como o meio de sociabilidade entre jovens da periferia. Para ele, o mundo do trabalho operário organizava e estruturava a vida social e o bairro de moradia da classe trabalhadora, mas com as crises econômicas que afetam o mundo do trabalho, estes bairros passam a ser tomados pela realidade da exclusão social, isto é, do desemprego, subemprego, racismo e xenofobia. Não havendo mais uma base estruturadora da condição operária, o movimento operário se enfraquece. Há uma privação da consciência de classe e os jovens procuram nas galeras uma forma de sociabilidade “solta, plena de niilismo, de autodestrutividade e de raiva”, marcada por “atividades criminosas intermitentes ou por uma marginalidade difusa” (Abramovay, 1999, p. 95) que garanta o acesso aos bens de consumo de que se sentem privados. Dubet acaba, deste modo, retomando a noção da escola americana de juventude associada a desvio de comportamento e crise social.

Maffesoli⁹ (apud Neto & Quiroga) apresenta uma terceira abordagem da sociabilidade juvenil contemporânea. Apresenta as “tribos” como microgrupos que se organizam no interior de uma sociedade massificada, numa estruturação social pós-moderna. As tribos seriam uma nova forma de reagrupamento social de caráter efêmero e local. A participação em tais microgrupos se daria pelo compartilhamento de valores, ideais e sentimentos.

⁷ Morin, Edgar. *Cultura de massa no século XX* (apud Neto & Quiroga)

⁸ Dubet, François. *La Galère: jeunes en survie* (apud Neto & Quiroga)

⁹ Maffesoli, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

No Brasil, de acordo com Neto & Quiroga (2000), os estudos sociológicos da década de 60 (Foracchi, Ianni) entendiam as manifestações juvenis da época como questionadoras da ordem social, engajadas na revolução de usos e costumes. O movimento estudantil era o principal representante dessas manifestações e era composto fundamentalmente por jovens de classe média que apresentavam questionamentos políticos e criticavam valores e padrões sociais vigentes, reivindicando a construção de uma nova sociedade.

No final da década, surge o movimento hippie, que compreendia várias perspectivas: propunha modelos alternativos de sociedade, oferecia o amor à vida, contra a guerra, a violência e a morte, defendia as experiências sensoriais proporcionadas pelas drogas, experiências transcendentais baseadas na filosofia oriental, apresentava perspectivas hedonistas que questionavam o relacionamento monogâmico. Enfim, um movimento que trouxe à tona a discussão sobre temas até então considerados tabus, tais como drogas, sexo, racismo, liberdade de expressão, vida alternativa, paz, amor e ecologia (Arce, 1999, p. 76).

A forma de compreender e representar a juventude da década de 60 foi assimilada de forma positiva, generalizando-se a imagem de uma geração idealista, generosa, inovadora e compromissada com a transformação social (Abramo, 1997, p. 31). Ela permaneceu como uma referência de análise a tal ponto que desqualificou as manifestações juvenis dos anos posteriores, interpretadas como movimentos alienados. Esta desqualificação deu-se porque nos anos 70 e, principalmente, nos 80, os jovens organizaram-se em torno de movimentos culturais que tinham na música, no lazer e no consumo sua marca de identificação.

Sousa (1999) avalia que a repressão imposta desde os anos 60 (direitos políticos cassados, prisões arbitrárias, censura) refletiu-se na juventude dos anos 70. Diante da impossibilidade de transformar as relações sociais, estes jovens optaram por ações mais individualistas e apostaram no fortalecimento de uma contracultura difusa, recorrendo às terapias alternativas, à psicanálise

e às drogas, desviando-se dos problemas sociais e focalizando nas questões individuais.

Nos anos 80, Sousa (1999) constata que os jovens assumem uma expressão de forte apelo visual: os punks, darks e rocks mostram aos pesquisadores que novas formas de sociabilidade juvenil surgiam, acompanhadas das mudanças tecnológicas. Os jovens chamam atenção pela agressividade real e simbólica de seu comportamento, pela negatividade de suas representações do presente e do futuro, pela priorização da própria imagem, do lazer e dos produtos da indústria cultural como elementos articuladores de suas atividades. Enfim, suas atividades priorizam uma lógica visual (de imagens) mais do que discursiva (de palavras). Abramo (1997) afirma que esta geração é criticada pelo seu individualismo, consumismo, conservadorismo moral e falta de idealismo e de compromisso político.

Nos anos 90, a presença de inúmeras figuras juvenis nas ruas chama a atenção para a juventude urbana pobre. Associando-a à violência e ao desvio, ganham destaque os meninos de rua, os arrastões, o surfe ferroviário, as gangues e galeras, os atos de vandalismo. Retomam-se os elementos de análise característicos dos anos 50, concentrando-se a atenção nos problemas de comportamento desviantes dos jovens.

Por outro lado, também começam a se destacar, segundo Neto & Quiroga (2000), as ações da juventude urbana pobre no campo do lazer, da cultura, do comportamento, dos valores e movimentos culturais. Ela começa a se evidenciar com a expansão da cultura do hip-hop, movimento cultural de jovens negros da periferia. O movimento hip-hop cresceu nas décadas de 70 e 80 nas comunidades afro-americanas e latinas dos Estados Unidos, mas só assume visibilidade nos anos 90, quando conquista espaço nos meios de comunicação e na indústria fonográfica. Este movimento é composto por quatro elementos: o breakdance (dança), o grafite (arte gráfica), o rap (composição de letras de música) e o disc jockey (composição do ritmo e som musical). Os elementos gestuais e o vestuário compõem a identificação dos participantes do movimento (Arce, 1999, p. 90 – 91).

Sociólogos, antropólogos e jornalistas têm dado ênfase ao movimento, principalmente, por meio de suas músicas (rap). Elas denunciam o preconceito, os problemas sociais e a violência enfrentados cotidianamente pelos moradores da periferia, destacando no discurso a ótica da marginalidade, da violência urbana, das drogas. Na prática, concretiza-se a organização do espaço de desenvolvimento de uma cultura própria de luta pela cidadania.

Por meio de um balanço da bibliografia produzida pela Sociologia sobre juventude, Abramo (1994) mostra que, apesar das divergências, há uma convergência para a definição de juventude como estado de rebeldia, revolta, transitoriedade, turbulência, agitação, tensão, mal-estar, ruptura, crise psicológica, conflito, ambigüidade e instabilidade. Isto evidenciaria uma predominância da análise da juventude como um problema.

A autora opõe-se à idéia de uma essência de condição juvenil portadora de utopias ou de problemas. Ao analisar grupos urbanos, demonstra que a dimensão dos aspectos sócio-históricos e das expressões juvenis relacionam-se ao contexto social e abre um caminho para abordar a questão da juventude historicamente, ou seja, como construção histórica. A juventude desenvolve relações próprias diante de um contexto social com o qual não se identifica. A intervenção do jovem no espaço público provoca resposta sobre a condição juvenil, o “espetacular (...) a idéia de uma encenação, como atuação para levantar problematizações e provocar reações” (Abramo, 1994, p.148). A autora propõe que se busque o jovem nos espaços de suas próprias relações, percebendo-o em seu movimento, e aponta para o surgimento de novas manifestações culturais juvenis das diversas origens sociais. Sugere, em outras palavras, a necessidade de se falar em várias juventudes.

Waiselfisz (1998a) afirma que as análises sociais, jornalísticas ou acadêmicas têm privilegiado a juventude urbana pobre como objeto de estudos de delinqüência ou violência urbana, ocupando ora o lugar de vítimas, ora de agressores e ressaltado as condições de exclusão de trabalho, de consumo e vida social, assim como o envolvimento com drogas e armas.

Entretanto, o autor vislumbra um início de desmistificação da relação entre juventude , violência e pobreza em pesquisas que apontam o mundo da rua como espaço para a criação de identidades coletivas, de manifestações artísticas, de cidadania. Estas manifestações identificadas nas décadas de 80 e 90, mesmo sem o conteúdo político dos movimentos estudantis de 60, também denunciam a insatisfação dos jovens com a sociedade contemporânea. O enfoque sociológico na cultura e no lazer abre, assim, novas perspectivas de pesquisa.

CAPÍTULO 2: AS FACES DA VIOLÊNCIA

A violência tem assumido uma relevância social muito grande e os estudos sobre ela têm proliferado. Seja porque houve um aumento efetivo nas cidades, seja porque toda a mídia dá destaque e veicula cenas da violência cotidiana, construindo um imaginário de insegurança que invade todas as áreas da vida das pessoas. É impossível ignorar o assunto. Multiplicam-se teorias explicativas que culpabilizam a juventude das camadas populares e, em decorrência, muitas das propostas de soluções para essa situação priorizam o aumento de medidas repressivas.

Sua conceituação é complexa e, muitas vezes, controversa. Mas, de acordo com Minayo (1999),

“... violência (...) é representada por ações humanas realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, numa dinâmica de relações, ocasionando danos físicos, emocionais, morais e espirituais a outrem.... (As violências) têm profundos enraizamentos nas estruturas sociais, econômicas e políticas, e também nas consciências individuais, numa relação dinâmica entre condições dadas e subjetividade”. (p. 14)

Minayo (1999) acrescenta que as violências podem se expressar pela negação do direito de o outro ser diferente, pela não aceitação da diversidade social. Rejeitando-se as diferenças, não se abre a possibilidade do diálogo e parte-se para a opressão das pessoas e para o seu não reconhecimento enquanto sujeitos. As várias formas de violência estão presentes nas relações interpessoais, nas relações que se estabelecem nas instituições sociais (família, escola, mídia, etc) e entre os grupos sociais.

Ampliando a discussão, Da Matta (1982) considera a violência enquanto questão cultural, ou seja, tenta entendê-la em suas ligações com a cultura contemporânea. Este enfoque permite que a violência seja compreendida como um discurso socialmente construído que serve para comunicar, mesmo que de forma bruta, os problemas de uma sociedade:

“ a violência brasileira seria um modo permanente de relacionar e buscar a totalização dentro de um sistema vivido e percebido como fragmentado, dividido e dotado de éticas múltiplas. Neste sentido ela serviria tanto para hierarquizar os iguais quanto para igualar os diferentes. (...) Neste sentido, ela bem poderia ser chamada de messianismo dos pobres, pois na sua forma mais crua e menos elaborada ideologicamente ela indica na sua trágica brutalidade as distâncias que temos que vencer para tornar o Brasil uma sociedade mais justa e mais capaz de ouvir-se a si mesma.” (Da Matta, 1982, p. 42-43)

Michaud (1989) aponta que a recorrência das imagens da violência contribui para torná-la normal, banalizada e integrada ao cotidiano das pessoas. Por isto, devemos estar muito atentos à sua representação ou ao discurso que a elabora, pois “violência são os fatos tanto quanto nossas maneiras de apreendê-los, de julgá-los, de vê-los – ou de não vê-los” (p. 111). Este autor afirma que “não há discurso nem saber universal sobre a violência: cada sociedade está às voltas com a sua própria violência segundo seus próprios critérios e trata seus próprios problemas com maior ou menor êxito” (p. 14).

Existem abordagens teóricas, como as da psicanálise, que enfatizam questões individuais de estrutura de personalidade e da agressividade humana como determinantes da violência e da criminalidade. São teorias que trabalham com identificações de patologias psíquicas e também com fatores biopsicossociais que possam gerar o comportamento anti-social, desviante ou criminoso.

Entretanto, a partir da perspectiva sócio-histórica, entendemos a violência como produto de uma relação dialética que articula fatores de diferentes naturezas e que, *“na verdade, (...) não há um fato denominado violência, e sim violências, como expressões de manifestação da exacerbação de conflitos sociais cujas especificidades necessitam ser conhecidas” (Minayo, 1999, p. 14).*

Para conhecer melhor estas especificidades, adotaremos como eixos principais de referência as teorias que enfatizem a dimensão histórico-cultural da problemática das violências na sociedade brasileira.

Dimensões das violências

Ao fazer uma retrospectiva da violência na sociedade brasileira, Adorno (1994) constata que a história do Brasil é, de uma certa forma, a história social e política da violência. Relembra que as lutas populares ocorridas desde o século XIX em diversas regiões do país foram violentamente reprimidas e vidas não foram poupadas. Fala dos golpes políticos que comprometeram a estabilidade da democracia, das agressões cometidas cotidianamente pela polícia, nas instituições para crianças e adolescentes em situação de risco. Acredita que o autoritarismo está enraizado na sociedade e que o Estado reflete essas relações autoritárias em suas ações. Afirma que, quando uma autoridade (política, policial) viola os direitos humanos, o faz não por ser uma autoridade, mas por representar os valores de uma determinada sociedade.

No contexto de autoritarismo do Estado¹⁰, houve momentos de elogios velados à transgressão, que era considerada como uma forma de protesto social, uma ação de denúncia contra a tirania do Estado. Da Matta (1982) considera os episódios de quebra-quebra protagonizados pela população pobre como um grito de inconformismo dos marginalizados que, somente com esse tipo de ação, conseguem ser reconhecidos como cidadãos que também têm direitos. Estas ações correspondem ao famoso “você sabe com quem está falando?”, que as massas de indivíduos destituídos e politicamente sem voz podem devolver à sociedade. A violência é tida como mecanismo de singularização das massas e de obtenção de cidadania.

Nesta mesma linha de raciocínio, Ventura (1994) descreve suas impressões sobre um outro lado do Rio de Janeiro: a vida nas favelas, com valores, hierarquias e regras próprias. O autor faz um relato em que há uma

¹⁰ O Brasil viveu sob um regime autoritário de 1964 a 1985. Somente após 1985 a sociedade brasileira pôde experimentar a volta ao regime democrático, com seus avanços e modificações sociais (Waiselfisz, 1998 a).

ausência de julgamento de valor, e até mesmo uma simpatia velada pelo chefe de tráfico da Favela Vigário Geral, no Rio de Janeiro. Este chefe é descrito como uma figura que atrai e repele as pessoas, transmitindo mensagens ambíguas para a população: por um lado é o bandido que trabalha na lógica do mercado da droga, que precisa de clientes e, conseqüentemente, quer a ampliação do campo do vício, por outro, é aquele que garante a segurança na favela, oferece oportunidades de trabalho e desafia as corporações policiais inoperantes e corruptas.

A obra sobre o banditismo social, de Eric J. Hobsbawm (1975), talvez esclareça esta velada admiração pela transgressão. Segundo ele, o bandido social é um rebelde que não aceita sua condição de pobreza e luta pela liberdade com determinação. Apesar de identificados como criminosos pelo Estado, são considerados heróis, vingadores da justiça, líderes da libertação pela sociedade da qual fazem parte. Esses bandidos sociais vão de Robin Hood na Idade Média e Pancho Villa no México colonial a Lampião no início do século no Brasil. Suas origens se encontram na existência de camponeses excluídos do trabalho que se recusam a se submeter à precariedade econômica e lutam por um mundo de igualdade, liberdade e justiça. Constituem uma força política na medida em que agregam em torno de si um grupo ou uma força armada que se dispõe a segui-lo em seus ideais: roubar os ricos para ajudar os pobres, desafiar os poderosos, lutar para defender seus iguais na pobreza.

Apesar de haver traficantes de drogas com características de bandidos sociais¹¹, isso não é regra comum. Os moradores da favela os reconhecem por evitar roubos, agressões e garantir a defesa do lugar, mas não conferem uma dimensão heróica a seus atos, afinal, precisam de condições adequadas para o comércio da droga e para sua segurança pessoal. Geralmente cresceram no bairro ou na favela, são pessoas a quem se pode recorrer para solicitar apoio ou favores, mas não se notam qualidades excepcionais. Sua grandeza é

¹¹ Arce (1999) cita como exemplos Pablo Escobar na Colômbia, Flávio Negão, na Favela Vigário Geral, Rio de Janeiro

efêmera e poucas vezes transcende sua morte, não segue a trajetória do bandido social cujos feitos são reproduzidos oralmente por várias gerações. (Arce, 1999, p. 48-50)

Outra vertente bastante abordada nos estudos sobre a violência é aquela que a relaciona com a pobreza e a desigualdade social. Carvalho (2000) afirma que grande parte da literatura sobre violência urbana produzida nos últimos trinta anos ressalta a questão do modelo de modernização excludente como responsável pelo crescimento da criminalidade violenta nos grandes centros urbanos. São em sua maioria estudos sociológicos que defendem que o descaso do Estado em implementar políticas de redistribuição de renda acentuou os níveis de pobreza e de desigualdade social, ampliando a violência urbana. Nesses estudos há uma associação direta entre variáveis macroeconômicas e violência. O modelo de desenvolvimento econômico mundial geraria e consolidaria a exclusão e a vulnerabilidade de vastos segmentos da população que, ameaçados pela miséria e pobreza, buscariam no crime e na violência uma forma de subsistência.

Associada à desigualdade social, a questão da exclusão social também foi estudada como geradora de transgressão social. Entretanto, Santos (apud Abramovay, 1999) aponta para a diferença entre desigualdade e exclusão:

“Se desigualdade é um fenômeno socioeconômico, a exclusão é, sobretudo, um fenômeno cultural e social, um fenômeno da civilização. Trata-se de um processo histórico através do qual uma cultura, por meio de um discurso de verdade, cria a interdição e a rejeita(...) O grau máximo da exclusão é o extermínio; o grau extremo da desigualdade é a escravidão”. (Santos, apud Abramovay, 1999, p. 19)

Abramovay (1999) afirma que o grupo de excluídos não tem motivos para desenvolver qualquer laço de solidariedade com a sociedade. Incluídos e excluídos apresentam tantas diferenças sociais, cognitivas, que não se estabelece uma afinidade social. A inexistência de uma solidariedade aumenta a distância e o sentimento de desconfiança, estimulando a transgressão das normas sociais e incentivando a constituição de espaços restritos de pertencimento, tais como organizações do tráfico, grupos de extermínio e

gângues. A exclusão social associada à ineficiência de políticas públicas voltadas para integração levam à “integração perversa”, ou seja, a um processo de integração à sociedade baseado em atividades criminosas.

Sawaia (2001 a) discute a questão da inclusão perversa, apresentando a concepção da dialética exclusão/inclusão. A autora afirma que todos estamos de algum modo incluídos na sociedade, algumas vezes, de formas indignas ou perversas. A sociedade exclui para poder incluir, isto é, a exclusão social não é uma falha do sistema, ao contrário, é produto do funcionamento desse sistema que oferece para os seus “excluídos” condições precárias ou indignas de inserção social.

Peralva (2000) afirma que é insatisfatório apresentar a desigualdade social como responsável pelos elevados índices de violência. Justifica tal tese analisando que, desde 1995, todos os estados brasileiros alcançaram os níveis médio e superior do índice de desenvolvimento humano¹² do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) – e, nem por isso, os crimes violentos pararam de crescer. Ao contrário, os dados disponíveis revelam que os crimes violentos têm ocorrido principalmente em estados com maior índice de desenvolvimento humano. Como não é lógico supor que o desenvolvimento humano causa o crime, seria mais razoável questionar a relação direta entre desigualdade social e violência. Cabe lembrar que a elevação do nível de desenvolvimento humano implica em elevação de igualdade social.

Para a autora, a explicação dos níveis de violência está na fragilidade das instituições responsáveis pela regulação da ordem pública, pela frágil relação dos brasileiros com a lei e por suas condutas adaptativas de ajustamento à violência. A fragilidade da relação com a lei pode ser percebida pelo alto consumo de produtos ilícitos e pela aceitação do jogo do bicho. As condutas adaptativas a déficits de políticas públicas de segurança fazem uso

¹²Índices do PNUD: 0,3 a 0,5= índice baixo; 0,5 a 0,8 = índice médio e mais de 0,8= índice elevado. 11 Estados brasileiros possuem IDH elevado e 16 possuem IDH médio. (Dados de 1996)

do famoso "jeitinho brasileiro", o que leva à privatização da segurança e a uma elevação dos riscos coletivamente aceitos.

Desse modo, a autora constata a existência de uma ambivalência incorporada à cultura brasileira. De um lado, esta ambivalência pode ser considerada positiva, pois torna nosso comportamento mais reflexivo e possibilita relativizações do nosso próprio papel e do papel dos outros; de outro, ela muitas vezes extrapola os limites aceitáveis para a vida em coletividade, sendo permissiva com uma violência autodestruidora. A ambivalência não é um mal em si mesma, é uma condição moderna.

Velho (2000) reforça que a desigualdade social não justifica sozinha a crescente prática da violência, pois "*a pobreza tomada isoladamente não explica a perda de referenciais éticos que sustentem as interações entre grupos e indivíduos*" (p.17). Faz uma análise do esvaziamento de valores éticos nas relações sociais e abre a discussão sobre a crise e falência dos marcos institucionais e normativos de uma sociedade, que não consegue mais deter a prática da violência.

O autor afirma que a generalização da violência é um risco em democracias cujas regras coletivas não são suficientemente estabelecidas e firmadas. Há valores mínimos que uma sociedade precisa garantir, tais como os da cooperação, reconhecimento do outro e direito à vida. Generaliza-se a violência quando esses mínimos não são garantidos e quando não há uma noção compartilhada de justiça, de um conjunto de crenças e valores que garantam o bem-estar individual e social (Velho, 2000, p. 16).

Abramovay (1999) aponta que essa falência de marcos institucionais se dá quando a estrutura social oferece metas que determinados grupos não conseguem atingir pelos meios socialmente legitimados, ou seja, o sistema de valores culturais propaga certas metas de sucesso para toda a população, mas a estrutura social impossibilita o cumprimento dessas metas por uma parte considerável da população.

A autora afirma que há uma crise generalizada das instituições (família, escola, igreja, comunidade) responsáveis pela socialização do jovem e por sua adaptação às normas de convivência social. Essa crise é acentuada em sociedades como o Brasil que vivem rápidas transformações sociais e onde a percepção de estabilidade é substituída pela sensação de incerteza. Diante dessa incerteza, desenvolve-se um sentimento de impotência individual para se adaptar a esse mundo em acelerada transformação, uma vez que não se acredita que a contribuição individual será reconhecida pela sociedade. Há uma fragilização das normas sociais e uma tendência ao isolamento. Essa perda de credibilidade nas próprias normas leva a uma desconfiança generalizada, que atinge também as instituições responsáveis pela manutenção da ordem: a polícia e o Judiciário.

Pinheiro (1998) lembra que o restabelecimento do regime democrático no Brasil não teve como consequência a diminuição da violência cometida pelo Estado. Este deixa de ser o responsável pelos abusos praticados no regime autoritário, para se tornar o responsável pelo seu controle e repressão. Entretanto, não consegue aplicar a lei nem controlar arbitrariedades. Não consegue também garantir a igualdade entre os cidadãos, gerando uma intensa fragmentação de juízos. Atuando de forma tão fragilizada, não cumpre sua obrigação no uso da autoridade e perde sua legitimidade. Diante do retraimento e ineficácia do Estado, a violência se torna uma das formas de organização da sociedade, conforme previsto nas teorias de desobediência legítima.

Rondelli (2000) constata que, com a falência do Estado, emerge um sentimento de deterioração da ordem social e da experiência coletiva. As relações sociais solidárias parecem impossíveis, tanto quanto a superação dos preconceitos e a expressão das diferenças. Esse discurso alimenta a formação de sujeitos sem potência política transformadora, que se vêem justificados e legitimados por essa visão negativa da condição humana contemporânea. Há o desencanto com o futuro e com a ética.

Os laços de solidariedade mais amplos se rompem e cada um se volta para seus próprios interesses, de tal forma que as lealdades privadas, compartilhadas por pequenos segmentos da sociedade, são mais importantes que as lealdades públicas, acabando com as relações de cidadania. Os indivíduos passam a contar apenas consigo mesmos, pois encaram o mundo social como imprevisível e hostil. A percepção da ordem se dilui, prevalecem códigos privados que definem o certo e o errado a partir de valores e comportamentos próprios, cada vez mais distantes dos códigos da sociedade mais ampla. Há uma fragilidade de valores e regras universais e ausência de referenciais mais sólidos de comportamento.

Surgem pesquisas que enfatizam a análise de contexto da violência. Elas buscam os valores e normas que norteiam a construção da identidade social, dedicam maior atenção à microfísica da atividade criminosa em si e aos atrativos que ela oferece à delinqüência. A atividade criminosa assume um padrão organizacional que atrai pela remuneração que pode oferecer. Deixa de ser comum a aderência a esse mundo por compromissos morais ou pessoais com as lideranças criminosas.

Representante dessa linha de investigação, Alba Zaluar (1996) reconstitui a formação das identidades do trabalhador pobre e do bandido no bairro carioca Cidade de Deus. Constata que a noção religiosa de "redenção pelo sofrimento" não vigora, e a falta de uma ordem moral compartilhada por todos gera uma expectativa de mobilidade social que, muitas vezes, se traduz na ilegalidade. A vida de "bandido" poderia representar uma estratégia imediatista de inclusão e busca de reconhecimento.

Muitas são as abordagens que analisam a violência urbana como uma relação social com capacidade de organizar esferas cada vez mais amplas da sociedade. São pesquisas que tratam das especificidades de cada cidade, resgatando referências etnográficas e históricas do "urbano" na tentativa de apreendê-lo. Esse "urbano" refere-se à intensa fragmentação cognitiva e valorativa de seus habitantes, gerando uma tensão constitutiva das cidades

contemporâneas, numa abordagem de compreensão das dinâmicas estabelecidas.

Encontram-se nessa linha de investigação as pesquisas multicêntricas realizadas pela Unesco em diversas capitais brasileiras desde 1997, cujos resultados deram origem a diversos livros sobre o assunto (Minayo et al, 1999; Sallas et al, 1999; Waiselfisz,1998). Também nesta linha, encontra-se a pesquisa de Nancy Cardia (1999) sobre normas e valores de jovens de 10 capitais brasileiras. Os resultados desta pesquisa indicam que a opinião pública tem se tornado menos tolerante à violência do que já foi na década de 80, e que os valores de direitos humanos estão sendo internalizados.

CAPÍTULO 3: O ADOLESCENTE, O JOVEM E A VIOLÊNCIA

O artigo 227 (Capítulo VII, Título VIII) da Constituição Brasileira (1988) diz que é

“dever da família, sociedade e Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

Seguindo esse preceito constitucional, foi promulgada, em 13 de julho de 1990, a lei 8.069/90 – conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (1997) – que determina a proteção integral às crianças e adolescentes, garantindo-lhes a condição de sujeitos de direitos e deveres, com poder, voz, capacidade de expressão e de escolha, não podendo mais serem tratados como meros objetos de intervenção da sociedade adulta.

Apesar dos avanços legais conquistados com o ECA, que segue as modernas diretrizes internacionais, na prática ainda estamos longe de garantir de fato estes direitos. Crianças e adolescentes pobres acabam tornando-se as vítimas preferenciais da violência. Ainda que o número de jovens agressores seja menor que o número de jovens vítimas de assassinatos, Zaluar (1996) afirma que, a partir dos anos 80, começou a haver indícios do aumento de infrações violentas praticadas pelos jovens, os quais vêm se tornando cada vez mais agressivos. Ao construir sua carreira na delinqüência, não conseguem reverter esse percurso. Pesquisas da Secretaria de Segurança Pública afirmam que “se é o jovem quem morre, é também o jovem quem mata” (apud Mello Jorge, 1998).

Criou-se um cenário de medo e insegurança, onde o crime urbano recebe atenção diária na mídia e as instituições de controle social e de justiça perdem a fidedignidade. Qualquer indivíduo sente-se vítima potencial da

violência e, devido a um sentimento de desproteção, reage com intolerância e busca "culpados" para esta situação. Ato violentos da juventude ganham destaque e generaliza-se a idéia de que o crescimento da criminalidade deve-se ao envolvimento dos jovens com a violência. Entra-se num círculo vicioso: a criminalidade aumenta porque os jovens estão cada vez mais envolvidos com o crime e cada vez mais violentos, provocando novos crimes. Surgem propostas de uma legislação mais rigorosa para puni-los cada vez mais cedo, como a que defende a redução da maioridade penal. Arce (1999) afirma que o número de pessoas que defendem a pena de morte no Brasil é alto e vem crescendo nos últimos tempos (p. 30).

Ampliando a discussão desta questão, Adorno (2000) descreve uma pesquisa sobre jovens em conflito com a lei que realizou com pesquisadores da Fundação Seade junto às Varas da Infância e Juventude de São Paulo, nos anos de 1988 a 1991. A pesquisa trouxe dados significativos para o debate sobre a participação do jovem no cenário da violência. Analisou, inicialmente, a relação entre infrações violentas e o total de ocorrências praticadas pela população em geral e, especificamente, por adolescentes. Dividindo os crimes em duas categorias (violentos, que empregam grave ameaça à sobrevivência física das pessoas, e não-violentos, que não implicam ameaça à vida das pessoas), os pesquisadores observaram que eram os crimes violentos que vinham crescendo nas duas últimas décadas. Comparando os dados de 1988 a 1991, concluíram que o coeficiente de crimes violentos praticados pela população em geral foi de 37,57 por 100 mil habitantes, enquanto entre os adolescentes foi de 34,14 por 100 mil jovens. Isso indicava que, proporcionalmente, os jovens eram tão violentos quanto o conjunto da população e, portanto, não se justificava, estatisticamente falando, a idéia de que os jovens eram mais violentos que o conjunto da população.

Os pesquisadores também compararam a situação de jovens vítimas de homicídio com jovens que praticavam homicídios. No período estudado, de 1988 a 1991, a média diária de homicídios cometidos por jovens foi de 0,6 caso, enquanto a de jovens assassinados foi de 1,8. Ou seja, para cada três jovens vítimas de homicídios havia um jovem que cometia homicídio,

configurando que, proporcionalmente, os jovens eram mais vítimas da violência do que “causadores” da violência.

Adorno (2000) apresenta dados de uma pesquisa realizada por Myriam Mesquita, no NEV (Núcleo de Estudos sobre a Violência), em 1990. Constatou-se que, nos casos de homicídios de crianças e adolescentes pesquisados, a autoria do crime não foi identificada e/ou não houve punição dos autores em mais de 88% desses casos. Adorno conclui que a sociedade prefere enxergar os jovens como autores da violência, mas dispensa pouca atenção aos jovens vitimados pela violência. Denuncia o paradoxo de uma sociedade que é intolerante com o envolvimento de jovens com a violência, mas, por outro lado, é muito tolerante com os autores de violência contra crianças e jovens.

Desde o final da década de 80 e início de 90, tem-se observado o crescimento de assassinatos de jovens no Brasil. Waiselfisz (1998 b) enfatiza que o número de mortes de jovens vítimas de homicídio representa apenas a ponta do iceberg da violência. Apresenta o retrato da violência em seu grau extremo, mas não revela o seu todo, uma vez que a morte não é o desfecho da maior parte das violências que ocorrem cotidianamente. Entretanto, afirma que, assim como a virulência de uma epidemia é medida pela quantidade de mortes que causa, também a intensidade da violência poderia ser avaliada pelo número de mortes que causa.

Utilizando os dados do SIM (Sistema de Informações sobre Mortalidade)¹³, Waiselfisz (1998 b, 2000) elaborou o *Mapa da Violência: os Jovens do Brasil (I e II)*, em que considera as mortes causadas por acidentes de trânsito, homicídios e suicídios, ou seja, as mortes provocadas por causas externas. Partindo do pressuposto de que existe uma regularidade nas mortes de jovens que acontecem ano a ano, infere que estas mortes não são meras decisões individuais, isoladas, mas fazem parte de um fenômeno social cujos determinantes estão nas estruturas da sociedade e cuja explicação se encontra nas situações sociais, políticas e econômicas que o país atravessa.

¹³ O S.I.M. – Sistema de Informações sobre Mortalidade centraliza todas as informações sobre as mortes no país, tendo dados de um número bastante significativo das mortes e de suas causas.

Segundo Waiselfisz (2000), em 1998 o IBGE estimava em 32 milhões o número de jovens na faixa de 15 a 24 anos no Brasil, representando 19,8% do total da população brasileira. Observa que, apesar da taxa global de mortalidade da população brasileira estar decrescendo com o tempo, no caso dos jovens esta taxa faz o caminho inverso, aumentando ano a ano. Esta situação torna-se mais preocupante quando se observam as mudanças nos padrões de mortalidade juvenil: nos anos 30 e 40, as mortes dos jovens eram provocadas principalmente por epidemias e doenças infecciosas. Estas causas foram sendo progressivamente substituídas pelas causas externas de mortalidade, principalmente por homicídios. No conjunto da população, apenas 12,7% das mortes ocorrem por causas externas. Entre os jovens, estas causas respondem por 67,9% das mortes. No Estado de São Paulo, 45,1% dos jovens mortos foram vítimas de homicídio.

O crescimento de homicídios dá-se de forma heterogênea entre os estados e regiões, concentrando-se em algumas regiões metropolitanas, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Dados de 1998 permitem identificar que os níveis de vitimização jovem do país são bem elevados, especialmente nas capitais.

Waiselfisz (2000) encontra diferenças relevantes na incidência de homicídios segundo a faixa etária das vítimas. É na faixa jovem de 15 aos 24 anos que os homicídios são mais freqüentes – a idade crítica é de 20 anos. Mello Jorge (1998) constatou durante o período pesquisado (1980 a 1995) que a faixa etária de 20 a 24 anos apresentava taxa de mortalidade por causas externas mais elevada do que a de 15 a 19 anos, em ambos os sexos. Por isso, segundo a pesquisadora, a OPAS (Organização Pan Americana de Saúde) tem recomendado que adolescentes e jovens sejam estudados separadamente.

Diversos estudos nacionais e internacionais (Minayo , UNICEF)¹⁴ indicam que mortes por homicídios , inclusive entre jovens, são fenômenos marcadamente masculinos. Isto pode ser confirmado pelos dados do SIM, pois apenas 8,3% dos óbitos por homicídio no país em 1998 foram do sexo feminino e, entre os jovens, apenas 7% das mortes por homicídio foram do sexo feminino. Dessa forma, as taxas de homicídios, se separadas por sexo, praticamente tornam as taxas do sexo masculino 10 vezes maiores que as do sexo feminino.

Mello Jorge (1998) também constatou em seu levantamento uma clara predominância de mortes de jovens do sexo masculino. Indica que a relação entre taxa masculina e feminina de morte do Brasil é uma das maiores do mundo e, se esse fenômeno continuar evoluindo, pode levar a um desequilíbrio demográfico no país. Boonen (2000), na pesquisa que realizou sobre as percepções dos moradores de uma rua violenta do bairro de Capão Redondo, constatou que normalmente se destaca a maior incidência de assassinatos entre o sexo masculino, mas se dá pouca atenção ao outro lado da questão: o sofrimento das mulheres causado pela perda do filho ou do marido ou pela vivência próxima a homens assassinos e as conseqüências que isso acarreta em suas vidas.

Myriam Mesquita, na pesquisa realizada em 1990 (apud Adorno, 2000), traz mais alguns dados sobre as vítimas jovens no Estado de São Paulo: a maior incidência era de vítimas negras (51%) comparadas com as brancas (45%). Na maior parte dos casos houve o uso de arma de fogo e, associados ao fato de que os tiros quase sempre foram dados em áreas vitais, tais como coração ou cabeça, ficou evidente a intencionalidade de provocar a morte da vítima. A maior parte dos jovens estudava, trabalhava ou estava em busca de trabalho e não tinha envolvimento com a violência.

Mello Jorge (1998) já havia destacado a relevância da questão das armas de fogo, uma vez que os levantamentos do Instituto Médico Legal e dos Boletins de Ocorrência policial apontam que estas são os principais

¹⁴ Minayo, 1994 ; Unicef, 1995 (apud Waiselfisz, 1998, p 61)

instrumentos utilizados nos homicídios. Com isso, abre-se o questionamento do fácil acesso às armas de fogo, indicando para um importante caminho de prevenção da violência.

Nancy Cardia (1999) realizou uma pesquisa sobre Atitudes, Normas Culturais e Valores em relação à violência. Coletou dados entre março e abril de 1999 em dez capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Belém, Manaus, Porto Velho e Goiânia. Entrevistou 1600 pessoas a partir de 16 anos, com diversos graus de escolaridade e condições econômicas. A pesquisa teve como pressuposto a idéia que a violência não poderia ser explicada apenas por fatores estruturais como pobreza, desemprego, carências sociais, mau funcionamento das instituições de controle social e presença de drogas na sociedade. Levantou a hipótese de que, além desses fatores estruturais, havia um conjunto de valores e normas compartilhados socialmente que justificavam e embasavam os comportamentos violentos.

Segundo a percepção dos entrevistados, a violência vem crescendo em todos os centros metropolitanos e afeta mais a vida nas cidades e menos a vida na família e no bairro. Ou seja, a violência atinge o espaço de convivência mais impessoal e anônimo que são os espaços públicos da cidade. Apesar da quase unanimidade da percepção do crescimento da violência, os seus impactos não são apreendidos de modo uniforme. Os mais jovens (16-24 anos) tendem a perceber mais o impacto da violência no bairro do que os mais velhos (25 anos em diante), que, por sua vez, percebem esse impacto mais sobre a família.

Quanto à exposição à violência, ou seja, experiências de vitimização direta (aquela que a própria pessoa sofre) e indireta (aquela a que assiste, da qual é testemunha ou da qual ouve falar por atingir amigos ou parentes), a maior parte dos entrevistados foi exposta a algum tipo de violência direta ou indireta nos últimos 12 meses. Os mais jovens experimentaram mais violência direta ou indireta e os casos de violência mais grave e freqüente tenderam a ocorrer próximo de casa. Constatou-se que viver em áreas de altas taxas de criminalidade aumenta o risco de sofrer vitimização. Além disso, assim como a

violência não se distribui de forma homogênea entre os centros urbanos, também dentro deles a distribuição é heterogênea, concentrando-se em algumas áreas, dentro das quais ocorre uma concentração em alguns bairros. O risco de vitimização não ocorre uniformemente dentro da cidade: certas áreas são mais afetadas, assim como certas pessoas são mais vitimizadas.

Quanto à vitimização direta, os mais jovens foram os mais atingidos por roubo, lesão corporal, parente ferido ou assassinado. Além disso foram expostos a insultos verbais e a oferta de drogas ou foram solicitados a procurar as drogas. Talvez por serem os mais vitimados, os mais jovens também sentiram mais necessidade de portar armas e sofreram mais agressões pela polícia nos últimos 12 meses.

A pesquisa conclui que não há correspondência direta entre experiência objetiva de vitimização e sensação de segurança ou insegurança. Isto sugere que, além de fatores objetivos, há outros fatores que intervêm nesta sensação de segurança, abrindo espaço para mais pesquisas, como por exemplo a nossa, de abordagem qualitativa que busca apreender as relações dinâmicas entre a subjetividade e as condições de vida.

Concluiu-se que os entrevistados experimentavam mais vitimização indireta do que direta. A maior parte dos entrevistados a sofreu, sendo que a mais freqüente foi ver alguém consumindo drogas. Entre os crimes mais violentos testemunhados, destacam-se a agressão corporal, roubo a mão armada, puxar arma para o outro, levar tiro, homicídio, ver o corpo de vítima de homicídio e esfaqueamento. A maioria dos jovens entrevistados relatou conhecer outros jovens que haviam sido vítimas de violência nos últimos 12 meses em seus bairros e relatou também conhecer os agressores. Os mais jovens testemunharam em média o dobro de casos de violência testemunhadas pelos mais idosos. Também relatam ter vivido mais experiências estressantes tais como perda de amigos e parentes, hospitalização de familiar, mudança de casa ou da composição familiar e até ter se encondido de tiroteio.

Apesar da forte exposição dos jovens à violência, isto não parece afetar sua expectativa de vida futura, uma vez que a maior parte dos jovens entrevistados acredita que estará vivo aos 25 anos. Para explicar esta "confiança no futuro", a pesquisadora levanta a hipótese da existência de um grau de "resiliência", definida como "elementos que contrabalançam os efeitos negativos dessas experiências" (Cardia, 1999, p. 25).

Há um consenso entre os entrevistados em torno de crimes contra a vida ou que colocam a vida em risco como sendo os mais graves e passíveis de punição. A violência que mais incomoda é aquela praticada por bandidos, seguida da violência interpessoal e a praticada pela polícia. No caso da polícia, são os mais jovens que mais relatam esse incômodo, haja visto que são os jovens os mais expostos às agressões praticadas pelos policiais. A violência na família, no trânsito, na escola e no bairro causam menos desconforto. Portanto, a violência que mais incomoda é aquela praticada pelo agressor desconhecido e não pelos que estão próximos.

Mesmo sendo o local de maior exposição à violência, os moradores mostram-se integrados ao bairro, valorizam a vizinhança e percebem seus vizinhos como cooperativos, solidários e confiáveis, o que pode indicar que o relacionamento com a vizinhança não é afetado pela violência no bairro. Esta ligação positiva com o bairro aumenta com a idade. Os jovens que são os mais atingidos pela violência no bairro apresentam vínculos mais frágeis com o mesmo.

Arce (1999) constata uma ruptura da habitabilidade nos bairros de periferia, um sentimento generalizado de temor, desconfiança, intolerância e agressão que transtornam a vida de uma cidade, região ou bairro. Segundo o autor, esta é a situação comum para muitos jovens das camadas populares: o temor torna-se companheiro constante, seja na rua, nos espaços públicos e inclusive nas casas particulares. Boonen (2000) constata em sua pesquisa que uma das conseqüências da proximidade com situações violentas é a tentativa de evitar que ela se repita, através de uma retirada para dentro de suas casas, mantendo pouco contato com o exterior, com a vizinhança. Instaura-se uma

comunidade dominada pelo modo em que os moradores cortam os laços de solidariedade, restando apenas o "cada um por si".

Cardia também constatou que a punição corporal foi uma experiência comum aos entrevistados. Apesar disto, a maior parte rejeita este tipo de punição para disciplinar uma criança desobediente e não aceita o uso de força física para resolver disputas causadas por ofensa contra eles ou familiares, nem para conquistar a obediência de outros. A violência é considerada legítima se utilizada para garantir a integridade física pessoal ou da moradia. Os entrevistados concordam muito que tirar a vida de alguém em defesa da família é direito legítimo, obtendo mais consenso do que se fosse para a própria defesa. De modo geral, os entrevistados não aceitam matar para defender bens materiais ou para reparar perdas amorosas. Rejeita-se o uso da violência para combater a violência. A posse de armas também é rejeitada como forma de segurança.

Os entrevistados mais jovens (16-24 anos) destacam-se do restante por não rejeitarem consensualmente o uso da violência em disputas afetivas, para prevenir novas violências e no uso de armas para garantir mais segurança. Constata-se uma menor rejeição da violência entre os mais jovens como uma regra.

A violência é percebida pela maioria dos entrevistados como resultado de traços individuais, de pessoas que agem sob efeito de drogas e álcool. Os mais velhos apontam as causas individuais, mas os entrevistados mais jovens apontam também as disputas afetivas, desvios de personalidade (psicopatias), preconceito racial, a necessidade de defesa da família, de si próprio ou de se prevenir da violência, necessidade de manter a auto-imagem. A percepção dos jovens sobre a violência mostra-se mais complexa que a dos mais velhos, percebem uma multicausalidade da violência, incluindo fatores individuais e outros aspectos. Ou seja, a violência tem diferentes significados e funções para diferentes públicos. Também há muitas diferenças entre as cidades: em São Paulo, foram citadas como principais causas para a violência o envolvimento com as drogas e a necessidade de manter a auto-imagem perante o grupo.

Mello Jorge (1998) afirma que existem vários estudos que dão destaque aos problemas ligados às drogas e ao álcool. Pesquisas do CEBRID¹⁵ (1995) têm evidenciado que adolescentes e jovens têm iniciado cada vez mais cedo o consumo de substâncias psicotrópicas, abrindo uma possibilidade de ligação entre drogas e homicídios.

Alba Zaluar (1996) associa a questão da violência ao narcotráfico e relaciona o grande crescimento da morte de jovens ao envolvimento em brigas entre quadrilhas e polícia ou entre quadrilhas entre si. Constatou que a idade média dos jovens no comando do tráfico do Rio de Janeiro era de 25 anos. Documentou a trajetória de vida desses jovens: muitos desde os 9 ou 10 anos incorporaram-se no narcomundo como "aviões" (transportadores de drogas), atuando como vigias de território e responsáveis por dar o alerta de entrada de elementos estranhos, fundamental para a segurança dos "negócios". Estes jovens assistem a um ciclo de vida de rápida ascensão, de afirmação da identidade masculina, da força, da virilidade, do poder. É através da inserção no narcotráfico que conquistam aquilo que consideram garantir dignidade na sociedade de consumo: roupas de marca, carro, passeios e namoradas bonitas. Rompem com a ética de seus pais, geralmente pobres, que acreditavam no trabalho e no estudo como forma de inserção e ascensão social pois para os pais, ser pobre, trabalhador e honesto era sinônimo de dignidade. A criminalidade assume padrões de organização empresarial e recruta jovens pobres das periferias para trabalhar neste negócio que pode propiciar um enriquecimento rápido. Os jovens mergulham na delinquência, fazendo uso de armas de fogo, com disposição para matar. Grande parte das mortes de jovens está ligada às disputas entre quadrilhas, em torno do tráfico de drogas.

Cardia (1999) discorda desta análise e rebate que ao se atribuir a violência principalmente a questões das drogas e do tráfico, há uma negação da possibilidade de se prevenir a violência, pois a causa se encontra no nível

¹⁵ CEBRID(Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas), da Universidade Federal de São Paulo- Escola Paulista de Medicina

individual de decisão e, portanto, a prevenção só pode reduzir o dano causado. Afirma que isto pode gerar um sentimento de impotência diante da violência que justifica a falta de indignação diante das ocorrências de chacinas.

Para Cardia é muito preocupante a ausência de indignação contra o crescimento da violência que vitima jovens do sexo masculino, moradores de bairros pobres. Esta ausência de indignação pode indicar uma "aceitação da violência interpessoal desde que praticada contra determinados "tipos de pessoas" ou para resolver determinados tipos de disputa (por exemplo, do tráfico)"(Cardia, 1999, p. 7). Para a autora, a violência também se alimenta da apatia, da falta de perspectiva de futuro, da ausência de valores de solidariedade e de respeito aos diferentes e afirma que quando não há indignação, não há exigência de uma apuração do problema em suas origens, o que dificulta o encontro de soluções eficazes. Boonen (2000) acredita que uma das razões para ausência de reivindicações organizadas seja o rompimento das relações de reciprocidade e de solidariedade entre a população pobre devido ao medo. Diante da violência e da falta de confiança nas soluções propostas por instituições do Estado como a polícia e a justiça, as pessoas se retiram do espaço coletivo e voltam-se para dentro de seu mundo individual, privativo visando proteger suas vidas.

Nossa pesquisa busca superar a dicotomia que reduz os jovens à condição de vítimas ou algozes da violência. Partindo de uma abordagem sócio-histórica, procuraremos captar a dimensão da subjetividade, os sentidos atribuídos pelos jovens de periferia à violência vivida no seu cotidiano.

CAPÍTULO 4: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O referencial teórico desta pesquisa é o da Psicologia Sócio-Histórica que se fundamenta nas idéias de Vigotski.

Vigotski nasceu numa cidade da Bielo-Rússia em 1896. Sua atuação profissional ocorreu num momento em que a Rússia passava por profundas transformações sociais, a época pós-Revolução de 1917, um período de grande efervescência intelectual, político-social.

Apaixonado pela Literatura, Teatro e Artes em geral, Vigotski partiu de seus interesses estéticos e semiológicos e se aproximou da Psicologia, em busca da compreensão dos complexos mecanismos da criação artística e da função da arte na vida do homem. Vigotski procurava uma abordagem abrangente que pudesse descrever e explicar as funções psicológicas superiores, isto é, as funções mentais complexas tais como a linguagem, o pensamento, o comportamento volitivo, o raciocínio dedutivo, a lembrança voluntária, a criatividade, entre outras.

Entretanto, encontra uma psicologia que não consegue dar conta destas questões, uma psicologia que estava dividida entre um modelo subjetivista (que valorizava a introspecção e a consciência e concebia a constituição do sujeito a partir dos fenômenos internos) e um modelo objetivista (que se baseava na ciência do comportamento e considerava o sujeito como reflexo passivo do meio). Diante desta constatação, Vigotski assume a tarefa de construir uma nova psicologia que pudesse superar os reducionismos subjetivistas e objetivistas e apreender o homem em sua complexidade (Freitas, 1999, p. 84-85).

Ancorado no materialismo histórico-dialético, Vigotski concebe o homem como sujeito concreto cujo desenvolvimento se constitui por

"um processo dialético complexo, caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento das diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos e processos adaptativos que superam impedimentos" (Vigotski, 1999, p.96-97)

Entende a constituição do homem como síntese de múltiplas determinações que se entrelaçam em diferentes níveis, na relação dinâmica entre o homem e o mundo material.

Para dar conta da complexidade de seu objeto de estudo, as funções psicológicas superiores, Vigotski dedica-se à construção de um método dialético que parte da compreensão de que todos os fenômenos psicológicos deveriam ser estudados como processos dinâmicos. Esta metodologia dialética tem como um dos princípios analisar processos e não objetos. Busca uma exposição dinâmica dos principais pontos constituintes de um processo. Propõe uma abordagem abrangente que possibilita a explicação e a descrição, isto é, busca uma análise explicativa que possa revelar as relações dinâmicas presentes na essência dos fenômenos psicológicos superiores e que também inclua a descrição das características externas de um processo e do contexto social em que ocorre. É um método que se apóia fundamentalmente na perspectiva histórica. Considera que *"estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: este é o requisito básico do método dialético"* (Vigotski, 1999, p. 85-86).

Partindo das concepções de Engels sobre o trabalho humano e o uso de instrumentos como meios pelos quais o homem transforma a natureza e a si mesmo, Vigotski estende o uso de instrumentos como mediadores na interação entre homem e realidade exterior, ao uso dos signos – a linguagem, a escrita, a fala - como mediadores internamente orientados, mediadores na interação entre as significações sócio-historicamente construídas e a subjetividade.

Vigotski descobre que para apreender um processo interno é preciso exteriorizá-lo relacionando com uma atividade exterior (Aguiar, 2001, p. 130) e percebe que através da palavra poderia aproximar-se do pensamento da pessoa.

Ao conceber o signo como instrumento privilegiado no processo de mediação das relações sociais - é através da linguagem que o ser humano se individualiza, se constitui como sujeito - Vigotski percebe que a palavra desempenha um papel fundamental na evolução histórica da consciência e que seria a chave para a compreensão da consciência humana:

"Uma palavra é um microcosmo da consciência humana" (Vigotski, 1991, p. 132).

Vigotski percebe que a relação entre pensamento e linguagem estava na gênese da compreensão da natureza da consciência e desenvolvimento humano e descobre na "palavra com significado" a unidade de análise para estudar as relações entre pensamento e linguagem.

"Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da palavra, seu componente indispensável" (Vigotski, 1991, p. 104).

Esta relação seria um processo vivo e dinâmico, em que o pensamento nasceria por meio das palavras e as palavras concretizariam e dariam existência ao pensamento.

"Um pensamento pode ser comparado a uma nuvem descarregando uma chuva de palavras" (Vigotski, 1991, p.129).

Com esta imagem, Vigotski queria indicar que o pensamento pode ser concebido numa totalidade, mas só se expressa em palavras separadas. Percebe que a transição do pensamento para a palavra não se dá de forma direta e imediata. A palavra não é reflexo direto do pensamento; este passa por

muitas transformações para poder ser expresso pelas palavras: a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado e o sentido.

O sentido de uma palavra é mais amplo que o seu significado. O sentido se relaciona à soma de todos os eventos psicológicos que uma palavra desperta em nossa consciência. O significado corresponde a uma das zonas de sentido de uma palavra, a mais estável e precisa, que corresponde ao sentido dicionarizado de uma palavra. O significado é construído e transformado socialmente enquanto o sentido é uma leitura pessoal e singular do significado. Uma palavra pode assumir diferentes sentidos de acordo com o contexto em que surgir. Entretanto, o seu significado permanecerá estável (Vigotski, 1991, p. 125).

O sentido e o significado trazem o pensamento, que começa a existir por meio da palavra. E o pensamento, por sua vez, é gerado pela motivação, isto é, pelos desejos e necessidades, interesses e emoções. Vigotski aponta a tendência afetivo-volitiva como geradora do pensamento:

“o pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, interesses e emoções. Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva, que traz em si a resposta ao último “por que” de nossa análise de pensamento. Uma compreensão plena e verdadeira do pensamento de outrem só é possível quando entendemos sua base afetivo-volitiva” (Vigotski, 1991, p. 129).

Vigotski nos indica que devemos partir da palavra com significado para apreender o sentido atribuído pelo sujeito, seu pensamento e suas motivações afetivo-volitivas, constituintes da subjetividade humana.

“Na nossa fala há sempre o pensamento oculto, o subtexto” (Vigotski, 1991, p. 129).

Justamente porque a transição do pensamento para a palavra não ocorre de forma direta e imediata, sempre haverá por trás das palavras um pensamento oculto que não pôde ser expresso, o subtexto. Os significados e sentidos contidos no subtexto possibilitam-nos apreender o sujeito e seu modo de vida singular, pois somente indo para além da aparência poderemos apreender o sujeito: os significados presentes nas determinações históricas e sociais e necessidades e interesses, o sentido pessoal construído pelo sujeito e suas motivações.

Para González Rey (2000, p. 48) há diferenças qualitativas entre necessidades e motivações. As necessidades são genéricas, construídas historicamente, e, em determinado momento, modificam seu caráter e se constituem como motivação particular para alguma ação. O motivo pode ser entendido como a configuração subjetiva das necessidades humanas.

Concordando com Vigotski e aprofundando o método de investigação psicológica delineado por ele, González Rey (1999) propõe uma epistemologia qualitativa, baseada no materialismo histórico dialético, como teoria-método que possibilita a investigação qualitativa dos fenômenos. Ela se apóia em três princípios: a pesquisa como produção construtiva-interpretativa; a interação no processo de pesquisa; a legitimidade da singularidade (González Rey, 1999, p. 37).

O primeiro princípio defende que a produção do conhecimento deve ser vista como um processo construtivo-interpretativo, ou seja, o conhecimento é construído pelo pesquisador e pelo sujeito ao longo de toda a investigação, a interpretação surge pela necessidade de dar sentido à fala, às expressões e às diferentes manifestações concretas do estudado. Este processo busca a construção de um conhecimento que penetre nas zonas de sentido ocultas à aparência, desveladoras da realidade pesquisada.

Define-se o processo construtivo-interpretativo a partir de indicadores, entendidos como elementos que adquirem significação graças à interpretação do pesquisador e que representam um momento de formulação de hipóteses

no processo de produção de informação. A definição de um indicador representa a opção por um determinado caminho de construção do conhecimento que pode conduzir tanto à mudança do problema assumido como a definição de novos instrumentos de investigação (González Rey, 1999, p.113).

O segundo princípio da epistemologia qualitativa é o caráter interativo do processo de produção do conhecimento. Ele ressalta a importância das relações entre todos os sujeitos que intervêm na investigação - desde as do pesquisador-pesquisado até as dos sujeitos investigados entre si - como momentos essenciais que garantem a qualidade do conhecimento produzido.

A consideração da natureza interativa da pesquisa implica compreendê-la como um processo que assimila os imprevistos, os momentos informais, os diálogos como situações significativas para a produção do conhecimento.

“Aceptar el curso de los diálogos abiertos entre los participantes de la investigación, presupone estimular la discusión de los sujetos estudiados entre sí, en un proceso donde el interlocutor facilita ideas y emociones que sólo aparecen en el calor de la reflexión conjunta y espontánea desarrollada en el escenario donde se desarrolla la vida cotidiana de los protagonistas” (González Rey, 1999, p 40).

O terceiro princípio da epistemologia qualitativa é a legitimação da singularidade na produção do conhecimento. O conhecimento científico sob esta perspectiva qualitativa não se legitima pela quantidade de sujeitos estudados, mas pela qualidade de sua expressão. A definição do número de sujeitos a serem estudados depende de um critério qualitativo, estabelecido pelas necessidades do processo de construção do conhecimento que vão aparecendo no transcorrer da pesquisa.

A informação expressa por um sujeito concreto pode converter-se num momento significativo na produção do conhecimento, sem que tenha

necessariamente de se repetir em outros sujeitos. Ao contrário, seu lugar dentro do processo teórico pode legitimar-se de múltiplas formas no curso da investigação. A legitimação do conhecimento se produz pelo que significa uma construção ou um resultado em relação às necessidades atuais do processo de investigação.

“Assim a generalização se define pela capacidade explicativa alcançada sobre uma diversidade de fenômenos. Dá-se, portanto, pela capacidade de desvelamento das mediações constitutivas do fenômeno pesquisado, contribuindo qualitativamente no curso da produção teórica” (Aguiar, 2001, p. 139).

Segundo Aguiar (2001), o conhecimento produzido numa pesquisa qualitativa com abordagem sócio-histórica tem um caráter singular. Porém, esta singularidade também nos revela uma totalidade, pois o sujeito na sua individualidade revela o social no qual está inserido. Em consonância com esta concepção, Goldmanr (1979) afirma que o sujeito significativo/coletivo expressa-se como sujeito individual mas também exprime a sociedade da qual ele faz parte.

“Assim, o processo apreendido a partir de um sujeito pode revelar algo constitutivo de outros sujeitos que vivem em condições semelhantes” (Aguiar, 2001, p.140).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na nossa pesquisa, em que buscamos apreender o significado social e o sentido subjetivo da violência atribuído por jovens das camadas populares, partimos de uma peça teatral, “Óperiferia”, criada e produzida por um grupo de jovens da cidade de Diadema.

A escolha do grupo de jovens deu-se pela proximidade afetivo-profissional com seus participantes: era um grupo de aproximadamente 30

jovens que acompanhávamos há dois anos como profissionais de um posto de serviço social da cidade. Nós nos reuníamos quase que diariamente para planejar e executar ações voluntárias de combate à violência na cidade. Seus integrantes eram provenientes de diferentes bairros e “tribos” da cidade, muitos deles considerados jovens em “situação de risco social” (pobres, vítimas de violência doméstica, cumprindo alguma medida sócio-educativa de meio aberto¹⁶, fora da escola, vulneráveis às drogas) , mas também havia outros jovens comprometidos com causas sociais.

A opção pela peça teatral *Óperiferia*, entre outras produzidas pelo grupo, deu-se pelo tema que abordava e pela forma como foi concebida. A peça, que inicialmente deveria ser uma ópera, um musical da periferia, tinha como objetivo retratar o cotidiano e a violência vivida pelos jovens na periferia. O enredo, os personagens e seus diálogos foram criados pelos próprios jovens, a partir de propostas elaboradas em subgrupos e escolhidas em plenárias com a participação do grupo. Todo o processo foi coordenado por umicineiro voluntário de teatro, que se encarregou de dar o formato cênico às idéias e ao enredo concebido pelos jovens.

Por abordar a violência vivida no cotidiano e , principalmente, pela forma como foi concebida, consideramos essa peça como um dos momentos privilegiados de expressão coletiva dos jovens. Partindo da peça enquanto construção coletiva que apresenta o significado social da violência para determinado grupo, realizamos entrevistas com dois jovens deste grupo que pudessem nos fornecer mais dados quanto aos sentidos da vivência subjetiva de violência para nos ajudar a avançar na construção do conhecimento sobre a questão estudada.

Ao optar por entrevistar dois sujeitos significativos¹⁷ para compreender os sentidos subjetivos que atribuem à peça, relembramos um dos princípios da

¹⁶ Medidas sócio-educativas são medidas aplicadas por autoridade competente a adolescentes que infracionam as leis. As medidas sócio-educativas cumpridas em meio aberto são: a obrigação de reparar o dano; a prestação de serviços à comunidade (PSC) e a Liberdade Assistida (LA). ECA. Lei 8.069/90, artigo 112)

¹⁷ termo adaptado do conceito “estrutura significativa” como principal instrumento de pesquisa e de compreensão da maioria dos fatos humanos. Lucien Goldmann afirma que todo fato humano se insere num certo número de estruturas significativas globais cujas identificações são fundamentais para separar o dado essencial do acidental. (Goldmann, 1979, p101)

pesquisa qualitativa dialética que postula que o indivíduo, apesar de único, contém o todo social.

Estes dois jovens não foram escolhidos nem ao acaso, nem a priori. Eles foram se destacando no processo de construção da peça teatral e de constituição do próprio grupo de jovens:

Cassius é um jovem de 23 anos, integrou o grupo no início do Projeto, motivado pelo compromisso de luta social contra qualquer tipo de violência. Faz parte do Movimento Hip Hop, é MC – mestre de cerimônias - e compositor de letras de rap, foi se destacando no grupo por suas idéias e a forma precisa de expô-las nas discussões. Foi se tornando uma liderança no grupo e é geralmente o escolhido para representar o grupo em debates e apresentações. Seu pai tem 53 anos e trabalha como cobrador de ônibus, a mãe tem 47 anos e sua irmã, 22 anos e trabalha como professora.

Patrícia é uma jovem de 22 anos, bastante tímida e retraída, teve uma infância e adolescência marcada por muita violência familiar (ela nunca falou sobre isso no grupo), integrou o grupo numa tentativa de elaborar a violência vivida e surpreendeu-nos por ser a principal responsável pela elaboração do roteiro, diálogos e caracterização dos personagens da peça Óperiferia. Só soubemos disto ao reler os manuscritos escritos por cada subgrupo de jovens e constatar que a maior parte dos diálogos e das cenas escolhidas pelo grupo foram originalmente escritos por Patrícia. Mora com a mãe e seus dois irmãos mais novos. Patrícia é a única que trabalha fora e sustenta a casa com os “bicos” que faz, todos passam por muitas dificuldades econômicas.

Consideramos estes dois jovens como sujeitos significativos, na medida em que, ao nosso ver, pelas suas características de liderança e de influência, traziam informações relevantes para a ampliação das zonas ocultas de sentido sobre a problemática estudada.

Com base nas cenas da peça (nossos indicadores iniciais), formulamos algumas questões capazes de estimular a reflexão dos jovens sobre a peça, o

sentido atribuído à violência vivida cotidianamente e sobre o próprio processo de produção de tais sentidos, explorando as correlações com o seu cotidiano. Para isso, realizamos entre junho e julho de 2002, 04 entrevistas semi-estruturadas, focadas na peça teatral, com os nossos dois sujeitos significativos, numa conversação em que nossos sujeitos eram os protagonistas do processo de conhecimento, criando um espaço interativo em que eles pudessem expressar os fatos concretos de suas vidas: seus sentimentos, desejos, necessidades e percepções.

Inspirados em Vigotski, buscamos o pensamento oculto, o subtexto existente em cada fala, em busca de uma explicação capaz de ultrapassar a aparência dos fatos, de ir além das significações expressas pelos sujeitos e de possibilitar a compreensão da base afetivo-volitiva que impulsiona cada ação e relação humana.

Apoiando-nos nos procedimentos metodológicos propostos por Aguiar (2001), partimos da palavra com significado para organizar os "núcleos de significação do discurso", procurando os temas e conteúdos centrais que motivavam, geravam emoções e envolvimento do sujeito.

Estes núcleos foram organizadores da fala do sujeito e aglutinaram questões relacionadas ao tema violência.

A análise propriamente dita buscou apreender as determinações, necessidades e as motivações que constituíram tais formas de significar, para poder falar dos sentidos que a violência vivida tinha para esses jovens e do próprio processo de produção de tais sentidos. Para tanto, foi necessário buscar as relações entre as questões contidas nos núcleos, a peça teatral, a fala do sujeito, sua história de vida e as condições sócio-históricas de sociedade.

Ao buscar o desvelamento do processo constitutivo/constituente do sentido atribuído pelo jovem à violência, analisamos processos cada vez mais complexos da constituição do indivíduo e esperamos, com isso, ter contribuído com a produção do conhecimento da temática em estudo.

O GRUPO DE JOVENS E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PEÇA TEATRAL¹⁸

O GRUPO DE JOVENS

Os jovens fazem parte de um Projeto que nasceu em junho de 1999, quando Diadema vivia em destaque permanente na mídia, sempre associada à violência. O Poder Público local não tinha uma política pública definida para a juventude, mas disponibilizou uma técnica para acompanhar alguns jovens que se mostravam preocupados com a questão da violência nas escolas. Como técnica designada para esse trabalho, pudemos acompanhar o nascimento de, mais do que um Projeto, um Movimento Juvenil de combate à violência na cidade.

No início era muita desinformação e desencontro de interesses. A maioria dos participantes havia sido obrigado a participar do Projeto pela Direção da Escola, pelo Conselho Tutelar, pela Febem e, alguns poucos, eram jovens que queriam voluntariamente promover a paz nas escolas e na cidade. Entretanto, todos diziam vir por livre e espontânea vontade, mas o comportamento os traía: brincavam, jogavam papezinhos, não prestavam atenção no que se falava, saíam da sala o tempo inteiro.

Eu tive um problema de violência na escola há um ano, quando me envolvi numa briga que durou 3 dias. Aí a professora me indicou para o grupo; fui obrigado a vir, senão iria ficar "marcado" na escola. (A. D., 17 anos, Diário de Atividades, 2000)

Nós perguntávamos:

Vocês têm certeza de que querem estar nesse Projeto? O que vocês querem fazer?

Resposta geral:

Zoar, fazer festa!

Festa?!?

Um projeto social cujo objetivo era promover festas? Parecia improvável de vingar, mas quem sabe se deixássemos de lado o falatório de paz, justiça e direitos humanos e fizéssemos um pouco de festa? E foi assim que o Movimento vingou:

¹⁸ Os depoimentos dos jovens foram retirados do Diário de Atividades do Projeto, dos anos de 1999 e 2000. As falas de Patrícia (P) e Cassius (C) constam nas entrevistas, nos anexos desta pesquisa.

Festa para quê?

Para lançar o nosso Projeto, ora!

Mas, que projeto?

“O projeto de combater a violência”. “A gente precisa de nome, a gente precisa saber o que vai falar no palco”. “Só ficar falando vai ser chato”. “Vamos chamar uns grupos de música para se apresentar.” “Tem o grupo de dança da minha escola”. “A gente podia vender alguma coisa para arrecadar uma grana?” “Grana para quê?” (Diário de Atividades, 1999).

Um Projeto que nasceu a partir da ação: íamos fazendo e a cada passo, despertava a vontade de pensar no próximo.

“No princípio era a Ação. A palavra não foi o princípio – a ação já existia antes dela: a palavra é o final do desenvolvimento, o coroamento da ação” (Vigotski, 1991, p.131).

Assim os jovens foram se constituindo enquanto grupo que podia falar de projetos, partilhar idéias e sentimentos e descobrir objetivos comuns, apesar das diferenças de seus integrantes. Na interações no grupo, resgatavam sua importância enquanto sujeitos, atribuindo a si mesmos o sentimento de potência:

Eu vim para o Projeto pois cometi um ato infracional e tinha que prestar serviços à comunidade. O que me fez ficar no grupo foi a descoberta de novos amigos e de um lado meu que eu não conhecia. (T. T., 2000)

O grupo foi aumentando, as pessoas vinham trazidas por seus amigos. Também o corpo de profissionais aumentava: um arte-educador para desenvolver as oficinas de geração de renda que garantiam a subsistência do grupo e um oficinairo de teatro, solicitação de muito tempo, pois os jovens percebiam que faltavam-lhes recursos para cativar a atenção do público, o discurso sobre promoção de paz e direitos humanos nem sempre atraía a atenção de uma platéia mais agitada.

Em março de 2000, G., o oficinairo voluntário de teatro, montou a primeira peça do grupo que discutia os 500 anos de exploração e violência no Brasil. Em maio, foi lançada uma peça sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente.

A participação no teatro provocava mudanças nesses jovens que perdiam a timidez e tomavam gosto por expressar suas idéias. Nas oficinas de expressão teatral, nas atividades pedagógicas e nos grupos de trabalho, os jovens

aprendiam a ser respeitados e a respeitarem os outros, estabelecendo vínculos afetivos no grupo. Ao ampliar seus conhecimentos, fortaleciam sua auto-estima e exercitavam seu protagonismo, utilizando sua capacidade de expressão para se tornarem porta-vozes de suas próprias opiniões.

Patrícia: Eu perdi a vergonha, eu quase não falava no começo e agora o G.(oficineiro de teatro) quase até brinca que tem que mandar eu fechar a boca. Que nem antes, às vezes eu tinha uma opinião e ficava calada. E hoje não, quando eu tenho uma opinião, eu pego e falo.

No segundo semestre de 2000, os jovens passaram por oficinas de sensibilização e expressão que tinham como objetivo prepará-los para a elaboração de uma ópera que deveria retratar o seu próprio cotidiano na periferia.

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PEÇA ÓPERIFERIA

A opção pela peça teatral Óperiferia, entre outras produzidas pelo grupo, deu-se pelo tema que abordava e pela forma como foi concebida. A peça, que inicialmente deveria ser uma ópera, um musical da periferia, tinha como objetivo retratar o cotidiano e a violência vivida pelos jovens na periferia.

Patrícia: Este texto final (da peça Óperiferia) veio mais para mostrar a realidade para as pessoas.

P: Porque o grupo, quando escolheu este texto, foi tentando mostrar a realidade, porque eu imagino quantas meninas devem estar passando isso com traficante, o grupo pensou em mostrar este texto mais para tentar alertar a população, tentar abrir os olhos dos jovens.

P: Porque hoje em dia passa muita coisa de violência na televisão e acho que nós (do Projeto) devemos conscientizar a população, os jovens, as pessoas, porque hoje no mundo tem muita violência.

O enredo, os personagens e seus diálogos foram criados pelos próprios jovens, a partir de propostas elaboradas em subgrupos e escolhidas em plenárias com a participação do grupo.

Cassius: O mais legal foi ter sido uma construção em conjunto, ter todo mundo participado, todo mundo escreveu o texto, deu o nome dos personagens e tal ...

Para ilustrar o que era uma ópera, G. (o oficinairo de teatro) leu para os jovens a Ópera de Lucia de Lamemour. Foi o ponto de partida para a construção da

peça Óperiferia. A ópera foi incorporada de diferentes maneiras por cada jovem:

P: Ele leu uma história pra gente, o Óperiferia tem um pouquinho desta história, a história que ele leu pra gente também tinha traficante, tinha a menina que o pai tinha dívida. Foi daquilo ali que a gente começou a fazer.

Cassius: e essa coisa da morte da Samanta, fazia parte da ópera em que foi inspirada a idéia, que é o Lamemour, lá, Luzia, Lucia, é o Lucia de Lamemour, um nome meio difícil assim, aí fazia parte, tipo o cara matava a pessoa que ele amava, uma situação de loucura também.

Os jovens dividiram-se em grupos, houve aqueles que preferiam fazer individualmente.

P: Quer dizer tinha uns grupos fazendo, cada um ia fazendo, duas ou três pessoas no grupo. E eu escolhi fazer sozinha.

No começo havia um descrédito, escrevia-se por escrever, Patrícia assumia uma atitude auto-depreciativa, revelando pouca valorização de si mesma e de sua produção. Não se considerava como sujeito potente, capaz de coisas boas na vida real:

P: Eu não acreditava que meu texto ia ser peça de teatro. Então eu pensei: vou zoar com o texto.

Depois veio a empolgação ao perceber que poderia realizar-se na ficção. O envolvimento de Patrícia com sua personagem Samanta parece ter sido a forma encontrada de vivenciar emocionalmente prazeres e afetos que não experimentava na realidade. Ela realizava-se através da ação de sua personagem. Neste processo, Patrícia pôde perceber-se enquanto sujeito de ação, capaz de criar, configurar novos sentidos pessoais sobre si mesma e sobre o mundo.

P: A cada reunião nossa, a gente escreveu a primeira e a segunda parte, como eu te falei, eu me empolguei, no começo eu falei assim, vou escrever por escrever, depois eu fui me empolgando e fui fazendo, até que eu terminei primeiro que os outros, fui fazendo de duas em duas cenas.

Utilizando a linguagem escrita como mediação para exteriorizar seus sentimentos e garantir seu espaço de sujeito, Patrícia pôde falar de si e de acontecimentos de sua vida, o que possibilitou que se reconhecesse enquanto

sujeito de desejos, necessidades, afetos, motivações, ressignificando sua subjetividade, fortalecendo sua auto-estima. Abriu-se para o estabelecimento de vínculos afetivos e, aos poucos, foi transformando a sua auto-imagem e possibilitando a saída de seu próprio mundo:

P: Eu fiquei pensando: “eu vou tentar contar a minha história, mas só que assim, não vou colocar minha história inteira no texto, vou colocar algumas coisas que eu sinto, que eu imagino, vou colocar aí no texto”. Eu me baseei meio que na minha história, foi saindo da minha cabeça e fui colocando no papel. Eu resolvi colocar pra fora o que eu tô sentindo, mas não falando que sou eu. Então peguei das coisas que eu fazia pra chamar atenção pra colocar (na peça) e pra tirar um pouco de lá de dentro, pra ver se...

P: Uma coisa que mudou em mim é que eu comecei a dar lugar às amizades. Antigamente eu era trancada no meu mundo.

No momento da reflexão sobre os conflitos, de fato, emergem todas as dimensões dos sujeitos, mas em cada escolha, as alternativas impregnam-se de valores e sentimentos que remetem às subjetividades. Mesmo nas dúvidas tipicamente pessoais, como a decisão sobre qual nome escolher, a decisão toma como referência o julgamento social sobre o nome certo, que encobre uma motivação particular.

P: Ele juntava todas as histórias, a gente se reunia, por exemplo, terça e quinta. Na terça a gente escrevia e na quinta ele juntava os textos de cada um.

P: Ele leu alguns pedaços. Depois a gente pegava de volta as histórias para continuar a escrever e assim ia, escrevia e juntava.

C: É, a gente discutiu ponto a ponto de cada coisa, aí fez os textos.

A seleção final foi feita com o oficinairo e o grupo, sem a identificação dos autores para o grupo:

P: G. com o grupo, ele leu as histórias, ele não identificou as pessoas, porque eu mesma fui uma daquelas que não quis ser identificada.

P: No final, ele resolveu ler pra gente, a gente escolheu o final.

Todo o processo foi coordenado por G., que se encarregou de dar o formato cênico às idéias e ao enredo concebido pelos jovens.

C: Aí G. (oficineiro de teatro) juntou e trouxe o texto, aí depois ele pegou cena por cena e foi falando, ficou assim, ficou assim, por isso, por aquilo, essa cena quer dizer isso, essa cena quer dizer aquilo...

C: Quando ele trouxe de volta, a gente foi ver, depois dele pronto, aí a gente foi ver, ah o nome ficou, ah não sei o que ficou, “ah, mas era Sandra, não era Samanta, agora ficou Samanta”. A gente foi identificando, “ah esse diálogo foi eu que fiz”, “ah essa idéia foi eu que tive”, enfim, a gente foi identificando ali as coisas.

C: E isso a gente só foi ver depois de pronto. Foi assim, a gente entregou as coisas pro G., aí o G. foi, pegou, fez tudo o que tinha que fazer e trouxe de volta.

Sobre o oficinairo G.: é morador de Diadema, tem 38 anos. É ator e diretor de teatro, escreve poesias, compõe letras de música, enfim, é um artista multitalentoso, segundo ele, formado pela “escola da vida”. Na época em que ingressou como oficinairo de teatro do grupo de jovens, estava sensibilizado com a situação de seu sobrinho, que estava cumprindo medida de internação na FEBEM. G. decidiu abraçar a causa da juventude contra a violência e, apesar de todas as dificuldades econômico-financeiras que enfrentava (e ainda enfrenta), ofereceu-se como oficinairo voluntário para ajudar os jovens. Sem ele, a peça e este estudo com certeza não existiriam.

CAPÍTULO 5: DIÁLOGO COM A PEÇA ÓPERIFERIA E AS ENTREVISTAS

Neste capítulo apresentamos a organização do material utilizado para a análise: a peça teatral e as entrevistas.

Mantivemos o encadeamento das cenas da peça, introduzindo as falas e as idéias dos sujeitos entrevistados e da pesquisadora que pudessem esclarecer ou trazer novos elementos para a apreensão do significado e do sentido atribuído pelos jovens à sua vida na periferia.

Esta organização do material serviu de base para o levantamento dos indicadores que nos orientou para a construção dos núcleos de significação do discurso sobre a violência (Capítulo 7)

CENA I

SAMANTA CONTA A SUA HISTÓRIA

A peça *Óperiferia* tem início com a protagonista da peça apresentando-se ao público:

“Meu nome é Samanta Rosemberg, tenho 16 anos”.

Ela utiliza-se de um nome e de um sobrenome para identificar-se. Com isso, define-se por pertencer a uma família determinada.

Quando escolheu o nome Samanta, a jovem Patrícia, uma das autoras da peça, pensou: *“Este nome tem alguma coisa familiar para mim”*. Era o nome que daria *“quando crescesse e tivesse uma filha mulher”*. Na vida real, desistiu de dar esse nome a uma filha, mas optou por dá-la à sua criação – personagem da peça que conta a sua própria história. *“Eu me baseei meio que na minha história. Foi saindo da minha cabeça e fui colocando no papel”*.

O nome próprio foi esclarecido: é criação da autora, que, por meio da personagem Samanta, conta sua própria história. E o sobrenome? De onde vem? Do lado paterno – do grupo de rapazes que também escrevia a peça. Quem explica é o jovem Cassius: *“O Rosemberg foi o L. quem escolheu. A gente queria tratar do estigma de uma família de um outro lado, de um outro nível. Rosemberg é um nome gringo, estrangeiro. A gente quis pegar um outro estigma, um outro rótulo desse conflito entre classes.”*

O sobrenome foi a forma encontrada para mostrar que Samanta não pertencia à mesma classe social deles. Ela é filha de família estrangeira, rica, encontra-se em outra classe social, distante da realidade vivida por eles. A intenção era trazer à tona o conflito de classes, a perspectiva de alguém distante de sua realidade para compor a peça e retratar o conflito social.

Será que eles conseguirão vencer esse desafio?

Se o nome Samanta aproxima a personagem da autora e de sua realidade social, o sobrenome Rosemberg a afasta desse universo, pois indica, segundo Cassius, que ela pertence a uma família do outro lado do *“muro que separa as classes”*.

Este é o sentido atribuído por Cassius ao sobrenome Rosemberg. Esta distinção de classe social para Samanta não aparecerá no discurso de Patrícia.

Após uma apresentação formal, que começa pelo nome, sobrenome e idade, Samanta bruscamente nos revela sua percepção sobre sua família :

“Minha família é totalmente desestruturada, vivo brigando com meus irmãos, não consigo ser amiga dos meus pais.”

Como assim, ***“totalmente desestruturada”***? Patrícia explica que se baseou em sua própria família. Diz que sempre imaginou *“um modelo de família, com um pai, uma mãe, um filho”*. Para ela, se falta o pai ou a mãe dentro de casa, *“a*

família não é família". "Não consigo imaginar uma família sem um pai ou sem uma mãe. Fica desestruturada".

Porém, se essa é a situação real de sua família – seu pai não mora em casa – não se pode dizer o mesmo da família da personagem Samanta, que parece ter pai e mãe em casa. Mesmo assim, considera essa também uma família desestruturada.

Patrícia explica: "A minha Samanta tinha pai e mãe, mas também era de uma família desestruturada, porque quem dava as ordens era o pai, a mãe não dava muita opinião. A Samanta vivia mais fora do que dentro de casa, porque não sentia que os pais tinham carinho por ela ou que davam atenção a ela. Então, ela preferia ficar na rua".

Ter pai e mãe em casa não garante sua presença efetiva e afetiva na família. O modelo de família patriarcal prepondera e a figura materna desaparece sob o jugo do autoritarismo paterno, o que a impede de dar atenção à filha. É como se não tivesse mãe nem pai, como se os pais só vivessem para si, o pai mandando e a mãe obedecendo, esquecendo-se da filha. Sentindo-se abandonada, Samanta procura chamar a atenção dos pais. Passa a viver "mais fora do que dentro de casa", sai às ruas em busca do afeto que lhe falta dentro de casa.

Para Cassius, no entanto, a história de Samanta é um pouco diferente. Ela pertence a uma outra classe social. "Samanta é uma menina que deveria ter uma vida tranqüila, mas se sente abandonada pelo pai, pela mãe, por causa do trabalho, de compromissos e de negócios. Tem um pai viciado em jogos e uma mãe socialite que se envolve nessas coisas de padrão, de manter a imagem. E Samanta é uma menina no meio desse turbilhão de coisas. A família é desestruturada porque não fornece uma base para ela, (que então), procura chamar a atenção da família para ela".

Por diferentes motivos, relacionados ao trabalho e aquisição de bens materiais, Cassius também considera desestruturada a família, que não dá a devida atenção à filha nem lhe fornece uma base afetiva. Talvez por considerá-la integrante de uma outra classe social, percebe-se nas palavras de Cassius um distanciamento e até mesmo um certo menosprezo pelas atitudes e pelos

sentimentos de Samanta e de sua família: *“é um desses casos de chamar a atenção”*. Parece não haver uma razão concreta para o sofrimento da menina, pois aparentemente ela tem tudo: família, dinheiro, bens materiais. O esforço para chamar a atenção dos pais é visto com uma certa futilidade, já que Samanta parece se sentir abandonada por sua própria opção.

Por não se sentir amada pela família, Samanta não consegue se amar e se cuidar. Expõe-se aos riscos das drogas e não se preocupa com as conseqüências de seus atos:

“Curto a vida de qualquer jeito! Droga, pra mim, é supernormal, não me preocupo com o amanhã.”

Para Cassius, a carência afetiva traz como conseqüência *“a necessidade das drogas, a necessidade de transviar regras para chamar atenção”*. Apesar de concordar com a necessidade que Samanta tem de chamar a atenção da família, Patrícia não se identifica com o uso de drogas e com a curtição da vida a qualquer custo. No seu entender, parece haver limites para o chamar a atenção, nem tudo vale a pena para esse fim.

Apesar de Samanta viver *“mais fora do que dentro de casa”*, não tem o conhecimento de quem de fato conhece a rua. Não consegue perceber o perigo e até confunde tiroteio com festa:

“Há um tempo atrás encontrei meu grande amor, ele me salvou de um tiroteio... aliás, demorei muito para sacar que era um tiroteio, pensei que fosse festa... fogos de artifício. Me apaixonei perdidamente por ele e ele por mim.”

Samanta fica impressionada com a agilidade de alguém que não apenas percebe o que está acontecendo, mas toma a iniciativa de protegê-la. *“Ela está no meio de um tiroteio, o cara salvou ela, e ela fica fascinada por essa coisa de o cara estar mais ligado que ela na hora”*, diz Cassius.

Samanta declara-se perdidamente apaixonada por seu grande amor. Cassius acredita que Samanta ficou fascinada com seu salvador, mas Patrícia não concorda: *“Na minha (peça) ela falava que encontrou uma pessoa, não um grande amor”*. Patrícia prefere um relacionamento mais contido, parece não acreditar em arroubos de amor.

CENA II

FININHO SE APRESENTA

Ao contrário de Samanta, o personagem Fininho não declara seu nome, sobrenome ou idade. Nada disso parece defini-lo. Ele se apresenta contando sua experiência de vida: com a metade da idade de Samanta já sabia diferenciar tiro de fogos de artifício :

“Aos oito anos eu já sabia muito bem a diferença entre o que era tiro e o que era fogos de artifício... Bala é seco, é pra dentro... Fogos é pra fora, é só festa ou aviso de que tem gente estranha na área”.

Fininho mostra um conhecimento de alguém que, desde a infância, conviveu e aprendeu a diferenciar os sinais cifrados do mundo do crime: o que era tiro, o que era fogo de artifício, o que era festa, o que era aviso de gente estranha, polícia ou inimigos, na favela.

Em tom de desprezo (ou será de ressentimento?), diz que seu conhecimento adquirido no cotidiano é o suficiente para quem nasceu nas condições precárias como ele, de parto improvisado, desprovido de cuidados, a mãe e o recém-nascido negligenciados no corredor de um hospital:

“Tá bom demais pra quem nasceu no corredor de um hospital.”

E Fininho – é nome? Sim, é nome de quem tem um porte físico frágil. *“Quando coloquei o nome Fininho, pensei por um estigma assim: ser uma pessoa magra e baixa”*, diz Cassius. A fragilidade física fez de Fininho um alvo de violência dos

mais fortes durante a infância e a adolescência, na escola e nas ruas. *“O pessoal mais velho ou mais alto acaba dando cascudo, fazendo brincadeiras mais violentas por conta dessa fragilidade física.”*

Desde cedo, Cassius conta, também foi alvo da violência do destino: nasceu em lugar ruim, a mãe morreu, o pai começou a beber, e sua vida foi se complicando cada vez mais. Para compensar tanta violência sofrida, transforma sua fragilidade em força e poder.

Se houve motivações para escolher a vida da criminalidade, Fininho dá sinais de que tem vontade de largar essa vida, de assumir o sonho de constituir família e ter uma vida sem preocupações, sem excesso ou falta de riqueza :

“Mas sei lá né mano, tem hora que a gente quer dar um tempo, ter família, arranjar uma mina legal que entenda a nossa correria, mas é difícil.”

Para Cassius, o desejo de Fininho é um sonho comum a todos os homens, seja traficante, ladrão ou trabalhador. *“É arrumar uma menina, casar, construir uma família, ter uma vida tranqüila. É ter uma casa, um carro, poder dormir e não se preocupar se o dinheiro que vai receber no fim do mês vai dar para pagar a conta de luz, a conta de telefone. Na verdade, é um sonho geral. Praticamente todo mundo quer ter uma vida tranqüila. Não quer ter uma enormidade de coisas, mas também não quer ter a vida que tem, tão sofrida.”*

Há uma explicação para esse querer **“dar um tempo”**: segundo Guará (2000) quem vive no mundo da criminalidade é atormentado pelo risco de ter um dos fins trágicos dos três C : cadeia, cadeira de rodas ou cemitério. Só é possível pensar no futuro largando a vida do crime. *“O resto da vida dele é um dia, cada dia que ele acorda é uma vitória”*, diz Cassius. *“Não tem uma coisa assim de um plano para o futuro. O plano que ele tem é dar um tempo, conseguir sair, sossegar, ter uma vida tranqüila, ir para o interior.”*

O encontro com Samanta parece despertar em Fininho a vontade de mudar de vida, constituir uma família, pensar no futuro. Precisar de um forte apoio

afetivo que dê suporte às suas necessidades e sentimentos e seja tolerante com seus fracassos. Será que encontrará?

Fininho fala de seu desejo de ser dono do próprio destino, de vencer os obstáculos para uma vida melhor. Mas parece ter sido impedido pelas determinações em sua vida, assumindo o lugar de espectador de sua própria vida:

“Eu queria ter feito a minha vida, mas a vida foi me fazendo e vamo vê no que vai dar...”

CENA III

SAMANTA, A AMIGA E O TRAFICANTE

Samanta introduz a terceira personagem da peça, Eduarda, sua amiga, a quem conta ter conhecido ***“um cara super legal”***.

As amizades revelam a solidariedade e a cumplicidade ante as alegrias e as dificuldades da vida. Amigos são pessoas com quem se compartilham as alegrias, os segredos, os sentimentos. Patrícia diz sentir falta na sua vida real de uma amizade *“verdadeira”*, como a de Samanta e Eduarda. Uma amizade para as alegrias e as tristezas da vida e capaz de perdurar até que a morte as separe. *“Sou muito apegada às amizades”*, diz Patrícia. *“Acho que hoje não existe mais aquela amizade verdadeira. Acho interessante que a Eduarda estava ao lado da Samanta até no momento de dificuldade. Quando o Fininho atira, a Eduarda corre para segurar a Samanta. Hoje não vejo uma amizade sincera assim, ter uma amiga do lado da outra no momento de dificuldade, em todos os momentos, não só na alegria”*.

A questão da lealdade é fundamental. A amizade pode revelar solidariedade, cumplicidade e apoio num determinado momento, mas pode trazer traição e abandono em outro. *“Hoje as pessoas dizem que é seu amigo, na sua frente fala bem de você, mas por trás não”*, diz Patrícia. *“Muitos falam que é amigo, mas só querem é ferrar o outro”*.

Samanta conta a Eduarda que conheceu Fininho no Clube da Cidade. Trata-se de um salão de dança no centro de Diadema, freqüentado por diferentes grupos juvenis das camadas populares. É um espaço de lazer onde acontecem as paqueras e as oportunidades de “ficar”, porém é conhecido também como palco de brigas entre grupos rivais, de tiroteios e até de mortes. É um cenário real, ideal para encontrar pessoas com quem se pode viver novas experiências e emoções.

Para compor o personagem Fininho, Patrícia se inspirou num traficante real, L. *“Como eu sei que esse L. freqüenta o Clube da Cidade, imaginei ele lá, salvando alguém, e aí resolvi colocar a Samanta.”*

Embora o Clube da Cidade promova o encontro de pessoas diferentes, é pouco provável que elas pertençam a classes sociais distintas. Por isso, Cassius preferia promover o encontro de sua Samanta (pertencente a uma outra classe social) com Fininho nas ruas, por onde todo mundo passa. *“Todo mundo passa pela rua, independente de ser rico ou pobre, preto ou branco. Pela rua todo mundo passa”*, diz Cassius.

Diante da fragilidade de seu argumento, Cassius abandona o argumento de que Samanta pertenceria a outra classe social, deixando aos poucos de trazer à tona o conflito entre classes sociais.

Na peça, Samanta e Fininho se conheceram no Clube da Cidade em meio a um tiroteio:

Samanta: “Uma loucura, não sei como é que começou, era tiro pra todo lado, eu pensei até que fosse alguma festa, teve uma correria, e quase morri se não fosse ele me empurrar.”

Como em um filme de cinema, ações rápidas, movidas pelo impulso e que muitas vezes põem a vida em risco, parecem causar um forte impacto entre os jovens. São um modo de se destacar, conquistar prestígio e admiração entre os pares.

Cassius aponta que os jovens, de uma forma geral, sentem-se atraídos pelo ilícito, são refratários às leis e nutrem admiração pelos transgressores: *“Tem realmente um fascínio por essa coisa de ‘é contraventor, anda contra a lei, etc.’, porque quem vive no submundo tem que estar mais ligado do que qualquer outra pessoa.”*

Sentem-se fascinados também pela fama e pelo poder: *“Tem essa coisa do fascínio por essa relação de poder”, diz Cassius “É a mesma fama que o traficante alcança em relação à comunidade. A primeira coisa que você vai saber de uma pessoa, se ela é traficante, é que ela é traficante.”*

São seduzidos pelo acesso aos bens de consumo: *“Nossa sociedade é construída em cima de valores (materiais), e não de pessoas. De dinheiro e de bens, e não das pessoas. Aí, é lógico que vai se destacar quem tiver o maior número de bens, uma vez que a sociedade prioriza isso”, diz Cassius.*

São cativados pela imagem, que passa pela valorização da aparência pessoal e pela demarcação de um estilo próprio:

Samanta: “Ele é lindo! Tem uma tatuagem no braço”.

“Nossa sociedade vende imagem, uma bela imagem, independente do que tem dentro”, diz Cassius.

Fininho chama-se na verdade Luiz Henrique. Cassius recorda que o grupo estava dando *“nomes bonitinhos, nome de galã de novela”*. Cassius interveio, sugerindo um apelido: *“Vamos pôr Fininho, porque Fininho é nome de traficante”*.

Segundo Isa Guará (2000), assumir a identidade negativa adotando os apelidos do chamado “mundo do crime” é uma estratégia de afirmação. Luiz Henrique da Silva ou João de Souza? Quem são? São apenas jovens pobres da periferia, sem trabalho, sem status, sem importância. Por outro lado, todos os conhecem, temem, admiram ou até os odeiam por seus apelidos. Os codinomes representam a identidade negativa que os tira do anonimato e lhes confere poder.

Fininho, o herói – ou anti-herói – da peça, é um traficante, símbolo do auge na criminalidade. *“A gente pensa no traficante porque dentro da coisa do crime ou desse universo periférico acaba sendo a opção de mais glória. Dentro do crime, quem atinge o status de traficante é como se você tivesse chegado ao auge da carreira criminoso”,* diz Cassius.

Apesar de causar medo por suas atividades ilícitas e violentas, o traficante é também o benfeitor que ajuda a levar entretenimento e lazer para a comunidade, ocupando o lugar vazio deixado pela ausência de políticas públicas. Suas benfeitorias podem ser vistas como tentativas de assumir o controle e o poder no local, mas também geram a admiração, principalmente das crianças. *“Ele passa a ganhar não só o medo, mas, muitas vezes, a admiração mesmo das crianças que moram na rua. Ele se torna uma pessoa famosa. Vai realizar a festa de Cosme e Damião, ajudar a formar festa junina, acaba trazendo um entretenimento que não existe no bairro”,* diz Cassius.

Patrícia conta que no início temia os traficantes: *“Tinha um (traficante) que é o chefe de onde moro. Eu passava longe porque morria de medo dele. Minha mãe, uma vez conversando com ele, contou que eu tinha um pouco de medo e ele disse que já tinha percebido. Então, ele me disse que não era para eu ter medo, que ele não ia fazer nada contra mim”.*

O traficante soube que Patrícia vivera uma situação muito grave de violência decidiu assumir sua defesa. Patrícia continua a conviver com o medo, mas também se sente protegida pelo bandido. *“Descobri que ele sabia aquilo que tinha acontecido na minha vida. Ele falou que, se o agressor aparecesse por lá, era só uma vez”,* afirma Patrícia. *“O dono da boca disse que não era para eu ter medo, que não vai acontecer nada comigo lá dentro, que ele está ali para me guardar. Uma vez ele falou brincando que é meu anjo da guarda”,* conta. *“Eu me sinto mais segura, sei que o agressor não vai mais aparecer lá.”*

O traficante passa a orientá-la também. Dirige-lhe um olhar benévolo, protetor, demonstra um lado que normalmente não aparece para outras pessoas. Constrói-se uma cumplicidade entre a jovem e o bandido, expressa pela

aceitação e pela convivência: *“Acabei me acostumando, agora converso normal com ele”*, diz Patrícia. *“Ele conversa comigo, falou para eu não ter medo quando passo por ele, que não tenho que abaixar a cabeça, porque não devo nada para ninguém.”*

Apesar disso, é sempre bom tomar cuidado: todos sabem que, se no mundo do crime existe a moral da palavra dada, há do outro lado o limite do matar ou morrer, o que fragiliza um compromisso assumido, levando a população a ter sempre medo dos criminosos. Para não ter de passar perto de onde ficam os traficantes, Patrícia pega um caminho mais longo até sua casa, principalmente à noite: *“dou a maior volta para chegar em casa”*.

Na peça, o fato de Fininho ser traficante e ter contribuído para a destruição da família da amiga Eduarda não muda o sentimento que Samanta tem por ele. Pelo contrário, esse sentimento parece aumentar, um misto de entrega e desejo de ser a salvação de seu amor.

Para Cassius, a crença de que pode ser a salvação de um traficante, de que consegue fazer o bandido mudar de vida, não passa de um *“sonho de menina”*, *“uma utopia que pode pôr em risco sua própria vida”*. Ao acreditar cegamente no seu poder de salvar o namorado ou o marido, torna-se prisioneira de seus sonhos de salvação. *“O que faz uma menina continuar namorando um dependente? É acreditar que vai conseguir tirar ele do vício. O que faz uma mulher continuar casada com um homem que bate nela e que bebe? É o sonho de que ela vai dar um jeito de ele parar de beber. É claro que tem também os filhos, a questão da dependência, porque a maioria das mulheres que ficam nessa vida durante anos é porque não tem uma independência. Mas também tem o sonho de que ele vai parar, que ele vai mudar, que ele vai melhorar.”*

Há um conjunto de fatores em jogo que a levam a se apaixonar pelo traficante: o fascínio pela transgressão, o encanto pelo príncipe que a salvou, a onipotência de ser a salvação do amado. *“Acho que tem um pouco de cada coisa aí, um pouco da questão da ilegalidade do cara, de subir morro, de muita gente chamar ele de mau, tem um pouco dessa coisa de príncipe, de salvador, tem um pouco*

dessa coisa de acreditar que ele está no caminho errado, mas vou ser a solução para a vida dele”, diz Cassius.

Para Patrícia, a “paixão” de Samanta por Fininho seria uma forma de chamar a atenção dos pais. Além disso, parece-lhe irreal que uma paixão seja capaz de tirar alguém do tráfico, a não ser que o criminoso ainda não esteja tão envolvido com as atividades ilegais. *“Elas (as outras meninas) podem até tentar, mas acho difícil. Eu não acreditaria nisso. Se fosse num começo, até teria alguma possibilidade, mas se ele já está envolvido há mais tempo...”*

A amiga Eduarda diz a Samanta que deseja ver Fininho preso ou morto pela polícia.

“A polícia toda está atrás desse cara e eu quero mais é que ele apodreça na cadeia, ou que morra mesmo.”

Estabelece-se uma relação tensa e contraditória: se por um lado a população reivindica a proteção da polícia, por outro, cobra ações abusivas, que violam seus próprios direitos.

Para grande parcela da população pobre, a polícia causa mais males do que o próprio traficante. Para Cassius, trata-se de reduzir os danos: de todos os males, o menor. *“É o medo geral da polícia. Chega ao ponto de você preferir que exista um traficante do que uma polícia”, diz Cassius.*

As ações da polícia demonstram um envolvimento estreito com as dos bandidos, a polícia tira vantagem do crime em vez de combatê-lo. *“Muitas vezes, quando a polícia sobe ao morro, ela não vai para prender o traficante e livrar a comunidade. Vai para fazer acerto com o traficante e bater nos nóia. Vai para pegar um viciado e nunca um dono da boca, até porque ela quer pegar o viciado para chegar no dono da boca e poder tirar um dinheiro”, diz Cassius. “Não é para acabar com o crime, é para tirar vantagem.”*

Quando não consegue fazer acordo, sua ação repressiva é ostensiva e abusiva. *“A polícia, quando vai para pegar traficante, e não para fazer acerto, ela vai para matar, não vai para prender. Ela vai para matar porque, muitas vezes, se o traficante for uma pessoa de alto poder de fogo, já matou muitos policiais e tem essa coisa da retaliação”*, diz Cassius.

O abuso de poder da polícia recai de maneira mais direta sobre o jovem, que transmite sua experiência negativa para a família e para a comunidade, espalhando o medo da polícia. Muitas vezes, a vítima do abuso policial é um adolescente, que conta para a mãe o que lhe aconteceu e, assim, sucessivamente, até que toda a família passa a ter o mesmo sentimento de medo e de raiva da polícia. A população não denuncia, fica refém do medo, cedendo à lei do silêncio para não sofrer retaliações. *“Não existe a coragem de dar uma queixa ou de tentar fazer alguma coisa, porque, depois da meia-noite, ninguém é de ninguém. Existe um pacto de silêncio geral. Assim como o traficante faz um pacto de silêncio com a comunidade, tipo ‘não me cagoete ou você corre risco de vida’, a polícia faz a mesma coisa.”*

Há uma inversão de sentimentos e de visões sobre a polícia calcados em experiências vividas em que se fazem presente o abuso de poder e a arbitrariedade. *“Tem todo um estigma de arbitrariedade da polícia com relação a pessoas que não fazem nada, que são trabalhadores, que ficam em ‘atitude suspeita’, como conversar em frente da casa à meia-noite. Aí, automaticamente, você vira vagabundo. A partir disso, já existe o direito de usar da violência para tentar arrancar alguma coisa de você. Você não é nada daquilo que eles dizem, no entanto, eles querem, imaginaram que você seja, e por que imaginaram, você se torna. Se eles imaginam que você estaria arquitetando um assalto, então automaticamente você está arquitetando um assalto. Vão passar horas com você, tentando seduzir você, para você confessar uma coisa que não está fazendo”*.

Estas experiências vividas pelos jovens criam uma aproximação com os bandidos e um distanciamento em relação à polícia. Há uma inversão no exercício de seu papel. A polícia passa de protetora a algoz e abre um espaço

consegue acreditar que essa relação de afeto e de amor possa acontecer na vida real de um traficante. Na visão de Patrícia, os homens, especialmente os criminosos, não assumem compromissos afetivos. Desejam apenas a satisfação sexual com as mulheres e depois as descartam. *“Tem muitos homens que só usam e, depois, largam. Acabou, jogou fora”*. Em seu texto original, Fininho só queria ficar com Samanta, só tinha interesse sexual por ela, *“não era um amor assim verdadeiro”*.

CENA V

A DÍVIDA DO PAI

Quando surge uma necessidade de sua família (a elevada dívida do pai), Samanta não hesita em pedir ajuda a Fininho. Para Patrícia, isso sinaliza a confiança da menina no traficante. *“Depois que a peça ficou pronta, li todo o texto e fiquei imaginando que ela deve confiar muito nesse traficante. Primeiro conta para ele que a polícia está atrás dele, depois conta como está a situação da família. Ela confiava muito nele. Acho que ela começou a gostar dele.”*

Entretanto, quando confrontada com a intenção de Samanta de tirar Fininho da vida do tráfico, Patrícia hesita sobre qual atitude Samanta deveria ter tomado. *“Acho que naquele momento eu estava meio confusa para escrever”*.

Samanta revela a Fininho o tamanho da dívida do pai: 50.000 reais. O dinheiro parece fácil, rápido e disponível para quem está no negócio das drogas:

Fininho: “50 paus? Fica fria, fala com o Jorjão do Ponto de Encontro à noite, que ele já vai tá sabendo, só leva o número da conta”

Além de servir para satisfazer as necessidades de consumo, tais como roupas de marca, carro e mulheres, o dinheiro também pode ser utilizado para atos de generosidade para quem dele necessita.

Quando se trata de dinheiro, não há muito o que discutir: não importa sua origem nem a forma como foi obtido. *“Dinheiro é dinheiro, não importa de quem que seja”*, afirma Cassius. *“Dinheiro não tem cor, independe da fonte de onde vem.”*

Há países no mundo que são sustentados pelo tráfico, onde o tráfico de drogas é a maior fonte de renda do país. Interessa de onde vem? O presidente do país está preocupado de onde vem o dinheiro? Dinheiro não tem essa!”

O pai de Samanta não recusa o dinheiro de Fininho. *“O pai aceita, não pestaneja. As pessoas normalmente não se preocupam com isso e, agora que estou precisando, vou me preocupar? Não interessa se esse dinheiro matou 300 pessoas, se viciou outras 20”,* conta Cassius.

O dinheiro sempre é utilizado como valor de troca: dá-se o dinheiro, mas espera-se algo em troca – no mínimo, a gratidão. Fininho deixa isso claro quando diz a Samanta para avisar a seu pai que iria no dia seguinte **“trocar uma idéia”** com ele.

Para Patrícia, quando Samanta pediu o dinheiro, Fininho já deixou claro seu pensamento. *“Ele disse que tinha uma grana e ia dar para ela. No meu texto, ele pensava alto: ‘Já tenho um motivo para ficar com a Samanta’. Ela pergunta: ‘O que foi que você disse?’. Ele diz: ‘Estou pensando alto mesmo’.”*

Há, de certa forma, um consenso entre Patrícia e Cassius quanto ao fato de que Fininho teria o direito de ficar com Samanta

CENA VI

O ENCONTRO DO PAI COM O TRAFICANTE

Cassius explica por que o Sr. Rosemberg, pai de Samanta, precisa de dinheiro: é viciado em jogos e perdeu uma quantia que não tem como pagar e agora a família corre risco de vida. Neste momento, volta a caracterizá-lo como pertencente a outra classe social. *“O pai era um jogador. Tinha uma vida legal, só que era viciado em jogo e apostou uma quantia alta. Perdeu e acabou ficando sem nada, com a casa em risco porque a dívida era tão alta que eles não teriam como pagar. A coisa do jogo é complicada porque, se não pagar, eu vou lá cobrar, eu posso pegar sua família, posso pegar você. Aí o pai fica na seguinte situação: o dinheiro que pintar eu tenho que pegar, porque senão...”*

Patrícia nem cogita a diferença de classe social, imagina que Samanta inventaria alguma história para seu pai aceitar o dinheiro e só depois contaria sobre a origem do dinheiro. *“Quando ele pegou o dinheiro, não sabia do Fininho. Estou imaginando que a Samanta deu o dinheiro para ele e, quando ele viu aquele dinheiro, quis saber a fonte. Se fosse eu, a Samanta ia enrolar o pai, até ele usar o dinheiro, depois contava. Primeiro enrolo, depois falo de onde é a fonte, porque aí já usou mesmo. Se eu fosse a Samanta, é lógico que no momento que ela deu o dinheiro, se ela contasse, acho que o Sr. Rosemberg não iria aceitar.”*

Patrícia desconfia que, se o pai soubesse da verdade, não aceitaria o dinheiro. No entanto, refletindo mais, conclui que a necessidade faria o pai aceitar o dinheiro apesar de sua origem ilícita: *“Acho que a necessidade falou mais alto”*, diz Patrícia.

Fininho fala a Sr. Rosemberg sem rodeios:

“Trabalho por conta, faço umas correria... Vou logo falando pro senhor que comigo não tem enrolação. Eu queria que a Samanta viesse morar comigo!”

Quando um traficante diz *“vou levar sua filha embora para morar comigo”*, Cassius afirma que há dois tipos de reação das famílias: as que expulsam suas filhas e as que apóiam e tiram proveito da situação. *“Tem mães que mandam a filha embora e tem mães que vão na casa do traficante porque ele é o melhor, é bom para a filha.”*

Apesar de ter aceitado o dinheiro de Fininho, o pai não aceita que o traficante leve sua filha:

“Pois bem, eu já estou sabendo que tipo de correria o senhor faz, mas eu estava pensando num futuro melhor para ela e não gostaria que ela vivesse como mulher de malandro.”

Tanto Cassius quanto Patrícia concordam com essa posição do pai de Samanta. *“Não é porque o namorado emprestou dinheiro que o pai vai dar uma filha”*, diz Patrícia.

Só nesse momento o pai se dá conta das conseqüências de ter aceitado o dinheiro de Fininho. *“A expectativa dele era juntar o dinheiro, pagar e limpar a barra, mas quando viu o Fininho na porta dele, cobrando, falando em morar com a filha dele, aí ele teve uma crise de consciência. ‘Pô, vou pôr minha filha numa roubada, sou eu o culpado’”*, explica Cassius. O pai se sente culpado por ter colocado a família em risco, especialmente Samanta, e assume uma posição de embate e defesa da filha.

CENA VII

O PAI, O TRAFICANTE E A POLÍCIA

Há um conflito de valores morais, e cada um tem razão sob seu ponto-de-vista. O traficante acha que o pai está em dívida e por isso deve permitir que Samanta fique com ele:

“Como é que é mano?!? Péra aí, na hora de pegar a grana, o senhor nem reclamou, e agora vem trocando umas idéia dessa, qual que é? Tá me tirando de comédia, rapá?”

O pai admite estar devendo dinheiro ao traficante, mas não aceita negociar a filha sob nenhuma hipótese:

“Você tá querendo comprar a minha filha? Pois agora eu não quero que você chegue nem perto dela.”

Diz Cassius: *“Acaba sendo uma troca. Fininho vai lá para falar ‘eu vou levar Samanta para morar comigo’. Ele não espera aquela reação do pai, porque este tem rabo preso com ele. O pai mesmo sabe disso, tanto que a primeira coisa que faz é agradecer o dinheiro. E se o pai já sabia o que Fininho faz, então do que ele estava reclamando agora?”*.

Em poucos minutos chega a polícia, e a casa está cercada.

CENA VIII

A REFÉM

Fininho agarra Samanta por trás, saca a arma e aponta para a cabeça da amada e grita:

“Ninguém se mexe!”

Neste momento, emerge a consciência de quem vive na corda bamba, em que um deslize pode ser fatal.

Quem conta é Cassius: *“É a explosão, porque a partir do momento que eles entraram em briga, no embate ali, os ânimos já se exaltaram. Quando você vive no mundo do crime, está sempre na corda bamba, mais lá do que aqui, e quando ele vê o pai pedindo para chamar a polícia, ele vê essa situação se complicar ainda mais. Então, como ele queria levar a Samanta, ele a agarra na expectativa de sair com ela e ir embora, e não ser mais procurado, não ser atormentado pela família, abandonar mesmo a família. A idéia era essa, mas aí a situação se complica cada vez mais, vai se complicando, e a própria Samanta diz que não quer mais saber dele.”*

Enquanto isso, a vizinhança, em alerta, grita palavras de ordem. As relações marcadas pelas obrigações morais incluem a rede de solidariedade da vizinhança com quem se estabelecem os laços de amizade e apoio para os momentos de crise. Entretanto, há momentos em que a vizinhança não parece estar presente e, em outros, sua presença torna-se invasiva.

Samanta, por sua vez, só agora percebe o quanto se envolveu com o perigo e se sente culpada por ter colocado a família em risco :

“Fininho, pelo amor de Deus, o que a gente vai fazer agora? Você desgraçou a minha vida, porque eu fui me meter com você, some daqui, me larga, eu te odeio...”

Diz Cassius: *“A mesma crise de culpa que teve o pai, ela teve também. Ela vê que se não tivesse namorado o Fininho, nada disso teria acontecido. Agora a vida da família dela está em risco, a casa dela está cercada de polícia. Ela se vê no meio dessa bagunça toda e sente culpa daquilo, acha que foi ela a culpada por aquilo. Então, para tentar proteger a família, tenta se livrar do Fininho, dizer que não quer mais saber dele”.*

Samanta percebe que a amiga Eduarda tinha razão e agora via a história se repetir: Fininho estava destruindo sua família também. *“A Samanta acreditou e não acreditou na amiga. A amiga tentou avisá-la, mas ela pensou em tentar tirar o Fininho dessa vida, ela não acreditou muito. Acho que ela não estava falando do fundo do coração que odiava o Fininho, acho que ela começou a gostar dele”*, diz Patrícia.

Fininho vai sendo tomado pelo desespero, sente-se acuado, está encurralado pela polícia, porém não espera que Samanta o abandone:

“Eu te amo, não me força a fazer uma besteira! Eu mato todo mundo!!!”

Conta Cassius: *“Primeiro foi a reação do pai que ele não esperava. Aí ele desafia o pai, que chama a polícia. Ele logo viu que a polícia ia pegar. Ele quer fugir com a Samanta, sua perspectiva é que ela não resista. Mas a Samanta resiste, diz que não quer saber dele e o abandona. Ele se sente traído, a Samanta tenta fugir...”*

CENA IX

O TIRO

Samanta se desvencilha de Fininho e corre. Ele se sente traído e atira. Atira por impulso, inconsciente de seu ato. *“Depois que vê que atirou, que a cena pára, é que Fininho se toca do que aconteceu, do que fez. Aí já está feito, não tem como voltar atrás”*, diz Cassius.

Samanta cai morta no chão. *“Ele acabou de atirar na pessoa que ele ama, meio que matou o próprio amor”*, diz Cassius. *“A maior carga emocional é, na verdade, que*

ele mata o próprio amor. Ele não mata a Samanta por raiva, por vingança ou por outra coisa parecida. É amor, ele mata ali o amor.”

Patrícia não concorda com essa versão. Na sua, Samanta, com pesar, largava Fininho e escolhia ficar com a família e com a amiga Eduarda. *“Ela olhava para ele, correndo, e dizia ‘sinto muito, meu amor’. Aí, ele atirava nela”*. Fininho atira porque não aceita perdê-la: se não pode ficar com ela, ela não poderá ficar com mais ninguém.

A morte foi escolhida como a representação da violência em seu grau extremo. *“Acho que, com a morte da Samanta, a gente estava tentando mostrar a violência na periferia”*, diz Patrícia.

Patrícia evoca a violência de homens que matam mulheres porque se sentem traídos. *“Eu já ouvi várias conversas de uma amiga da minha mãe, contando várias histórias, de coisas que ela chegou a presenciar. Como a dono da boca que mata a namorada ou até mesmo a esposa”*, conta Patrícia *“A Samanta não chegou a trair o Fininho, mas, em algumas histórias que essa amiga me contou, foi por traição ou, mesmo que não, o traficante achava que a mulher o tinha traído.”*

A morte de Samanta contraria a lógica de que os homens envolvidos com o mundo do crime seriam as principais vítimas fatais da violência. Patrícia conta: *“Foi uma opção minha. Eu pensava, ah, vou matar minha Samanta, porque a lógica seria ela continuar viva. Mas na minha história não é o traficante que vai morrer, na maioria dos textos o Fininho é quem acabou morrendo. Na minha, quem morreu foi a Samanta. Para fugir da lógica.”*

CENA X

O ARREPENDIMENTO

Depois de atirar em Samanta, Fininho diz que não teve outra alternativa.

“Eu não tive outra saída, ela me traiu. Enquanto tiver quem compre, eu vou vender, enquanto tiver quem queira me matar, eu vou matar.”

Não precisava ser assim.... Não precisava ser assim...

Não chega a ser um arrependimento, mas a constatação de quem tem que chegar às últimas conseqüências entre matar ou morrer. Mas essa história poderia ter um final diferente. Samanta não precisava ter morrido, a história de Fininho poderia ser diferente, a história de cada jovem poderia ser diferente. Quem explica é Cassius: *“Nada disso precisava ser assim dentro dessa história. Não é só a questão da morte da Samanta. É a história, a minha história, a história do Fininho em especial, não precisava ser assim. A gente não precisava viver num mundo assim, a minha história podia ser diferente, não precisava ter passado por tudo o que passei, eu poderia ter conhecido a Samanta sem ter um tiroteio, poderia tê-la salvo de uma queda e não de um tiroteio. Nada dessa história precisava ser assim, tudo podia ser diferente.”*

É possível que no futuro seja diferente? *“Antes de ser uma afirmação, é uma pergunta: vai ser diferente amanhã? Como é que vai ser? Tudo poderia ser diferente se fosse de outra forma, se as vidas deles tivessem tido outro rumo”*, diz Cassius.

Para Patrícia, haveria um final diferente se os adultos significativos da história (o pai de Samanta) tivessem compreendido, apoiado, aconselhado o traficante. *“Se o Fininho tivesse outras saídas, se ele tivesse outras oportunidades, acho que não teria chegado a ponto de ter matado Samanta”*, diz Patrícia. *“Se o Sr. Rosemberg tivesse deixado ele namorar a Samanta, se ele tivesse dado oportunidade, tentado ajudar o Fininho, a Samanta não teria morrido, a história teria tomado outro rumo.”*

Não haveria tanta violência no mundo se cada pessoa fizesse a sua parte, aprendesse a respeitar e a tolerar mais o outro. Diz Patrícia *“Se as pessoas aprendessem a perdoar mais, a tolerar mais, não teria tanta violência. Antes, por qualquer coisa, se uma pessoa olhasse feio, eu não chegava a bater, mas ficava com vontade de bater. Mas, hoje, quando uma pessoa esbarra em mim, pisa no meu pé, acho que eu devia tolerar mais, me colocar na posição de todo mundo. Se todo mundo tolerasse mais, acho que não haveria tanta violência.”*

Para Patrícia, os meios de comunicação de massa induzem à violência quando a transmitem o tempo todo. *“Hoje em dia passa muita coisa de violência na*

televisão e acho que nós (do Projeto) devemos conscientizar a população, os jovens, as pessoas”.

Mas existe uma relação de co-dependência entre o crime e os que se beneficiam dele. A sociedade cria espaço para que a violência e o crime existam. Diz Cassius: *“É uma lógica. Só se vende uma coisa se tem clientela. Às vezes, você pode tentar vender, mas, se não tem cliente, você não vende nada. Agora, se tem cliente, acaba forçando que você venda. Quer dizer, o cliente faz mais peso do que a pessoa que vende, embora um exista em função do outro. A idéia que a gente teve foi mostrar um pouco dessa coisa de um depender do outro e de que não precisava ser assim. E também que, enquanto tiver gente que queira me matar, eu vou matar, no sentido de autodefesa, de autoproteção”.*

Também a fragilidade dos vínculos familiares e a desagregação da família vulnerabilizam o jovem. *“O problema do Fininho era não ter família, e o problema da Samanta era ter uma família que não se entendia, que não se comunicava, em que os filhos brigavam, os pais não se falavam, uma família desestruturada. Samanta também tinha um problema de família. Então, a idéia era que todo o universo, toda essa idéia que foi criada no espetáculo, todo o Óperiferia não precisava ser assim, podia ser diferente”,* explica Cassius.

Porém, muitos jovens, sob as mesmas condições estruturais, não se envolvem com a violência, rebatendo a associação de que a pobreza gera criminalidade, ainda que possam ser elementos que se combinem em muitas situações. Neste caso, o conformismo às normas e a aceitação de uma vida dentro de um patamar mais simples e de consumo restrito é o principal fator de proteção apontado.

Segundo Cassius, há quem, por exemplo, se dê por satisfeito em trabalhar como pedreiro. A vida se torna mais difícil, portanto sujeita a mais riscos, para aqueles que querem mais e não se conformam com tão pouco. *“Para outros, esse serviço de pedreiro não basta. Eles têm uma visão maior, querem mais coisas. É aí que começam a pintar as coisas, porque ter o serviço de pedreiro ainda é possível, o serviço de lixeiro ainda é possível, mesmo com poucas oportunidades ainda é possível.*

Um outro trampo para coisas melhores já é mais difícil, mais impossível, mais distante”.

O sonho de consumo, a aspiração àquilo que a sociedade de consumo veicula com suas lindas imagens na TV. Querem obter todos os objetos de consumo para tornarem-se iguais a todos aqueles que os consomem, equiparando-se às pessoas bem-sucedidas. O Ter vale mais que o Ser. *“Todos os fatores, acho, estão ligados ao sonho de consumo, porque a sociedade é capitalista. O mundo, com raras exceções hoje, é extremamente materialista, priorizando o Ter, antes do Ser. Então, independente do fator que me leve ao crime, todos vão estar ligados à questão material”*, afirma Cassius.

E o tráfico está sempre ao lado, à espera da melhor oportunidade para adentrar na vida do jovem. *“O tráfico está aqui do meu lado. Por enquanto, ainda tenho medo do tráfico, não quero o tráfico, tenho medo. Então vou insistir, vou dando cabeçada, só que não consigo andar, até que chega uma hora em que o tráfico, que está sempre do meu lado, bate na minha porta e me oferece uma chance. Aí eu vou e acabo sendo um traficante. Esse é um dos fatores”*, diz Cassius.

A rua e as amizades também podem ser fatores de risco quando empurram para os comportamentos arriscados. *“Você tem os fatores das relações de amizade, que são importantes. E se você tem uma família desestruturada, complicada, onde a mãe é dona-de-casa e o pai bebe, quem cria? Acaba não tendo pai nem mãe. Quem acaba criando é a rua e os amigos. São esses amigos que acabam te levando, determinando como você vai ser. Você pode ter amigos que pensam em outras coisas, um círculo de amizades que influenciam de um modo legal, ou pode ter amigos que são filhos de traficantes, que são criminosos, que aspiram ser criminosos, que têm o traficante como melhor espelho. Se em mil moleques, vinte têm como espelho o traficante, isso já é bastante. Não que vinte cheguem a ser traficante, mas têm como espelho o traficante, como exemplo de vida”*, diz Cassius.

Há falta de modelos em que se espelhar, não há grandes heróis a quem possam admirar. *“A falta de exemplo, de espelho, o se educar sozinho, acaba levando*

uns ou outros para essa história. Acabam indo não para o tráfico, mas para o crime. Tem mil oportunidades, mil caminhos próximos das coisas ilegais”.

Uma filosofia de vida implícita em que os fins justificam os meios, em que os poderosos corruptos sempre se dão bem, em que os limites entre o certo e o errado, o bom e o mau são muito tênues. *“Na filosofia do mundo em que a gente vive hoje não está errado ser traficante ou seqüestrar, os fins justificam os meios. Da mesma forma que posso ser um político corrupto e roubar o dinheiro que iria para a saúde, posso pegar uma arma e te roubar numa esquina, porque os fins justificam os meios. Não consigo enxergar diferença na atitude, só a diferença se caracteriza pelo grau de violência. É muito mais violento, é muito mais forte”.*

Mas a forma de incorporar tudo isso varia de pessoa para pessoa. *“A diferença está na relação que a pessoa faz com a vida. As coisas acabam sendo diferentes para uns e para outros”, diz Cassius.*

CAPÍTULO 6: SIGNIFICADOS E SENTIDOS DA VIOLÊNCIA

ANÁLISE DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

Neste capítulo, procuramos apreender os significados sociais e sentidos pessoais que o grupo de jovens e nossos sujeitos entrevistados atribuem à violência vivida.

Para isto, procuramos identificar os temas e conteúdos fundamentais para a compreensão da violência, agrupando-os em 5 núcleos de significação. Nossos indicadores foram as falas expressas pelos personagens e pelos sujeitos entrevistados que destacamos em cada núcleo.

A organização em núcleos de significação teve como objetivo facilitar a análise dos significados e sentidos que estes jovens atribuem à violência vivida no seu dia-a-dia. Estes núcleos não são estanques e seus conteúdos se encontram, se complementam e se repetem em vários momentos: na busca do subtexto, na construção e reconstrução dos sentidos subjetivos e significados sociais, na busca das necessidades e motivações que mobilizam o grupo de jovens e os sujeitos entrevistados.

Apresentamos os seguintes núcleos de significação construídos a partir dos indicadores de violência levantados na organização do material coletado:

- 1) Crônica de uma Morte Anunciada: trata da previsibilidade e certeza da morte que estes jovens vivem. O significado explícito é de banalização da violência e das mortes. No subtexto, apreendemos o desenvolvimento de uma tolerância à violência para evitar o sofrimento;
- 2) Quando a Necessidade Fala Mais Alto: trata das diversas necessidades e motivações que mobilizam os jovens, muitas vezes levando-os a se envolver com a violência. Os significados que emergem são as necessidades de TER bens materiais e simbólicos e ter afetos. No

subtexto, entretanto, apreendemos a necessidade de SER, ser sujeito, ser reconhecido.

- 3) Da Dicotomia para a Ambigüidade: o significado social é de uma visão dualista do mundo dividido entre o bem e o mal que, diante das contradições do cotidiano, se transformam em ambivalência. No subtexto, apreendem ambigüidade e fragilidade das relações afetivas que se estabelecem numa sociedade marcada pela violência e, em contraposição, desenvolvem uma visão rígida e dicotômica do mundo;
- 4) Rótulos que Aprisionam: aborda a violência simbólica dos poderes instituídos que estigmatizam os sujeitos e as suas relações, aprisionando-os num círculo vicioso de culpa que impede seu movimento em busca de transformações. O significado social do estigma é internalizado pelo indivíduo, gerando os sentimentos de culpa e impotência;
- 5) Projetos de Vida e de Morte: trata dos projetos movidos pela potência de ação ou pela potência de padecer (Sawaia, 2001b). Apreendemos projetos que aparentemente representam a reprodução ou manutenção da violência vivida podem conter a potência de transformação de uma determinada realidade.

NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

1) CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA

Este núcleo trata da violência extrema, a certeza da morte de jovens, constata a banalização da violência, considerando-a natural e legítima. Percebemos que se desenvolve uma tolerância à violência, que dessensibiliza os sujeitos, evitando o sofrimento.

Desde o início deste trabalho, a morte por homicídio estava sendo anunciada como símbolo extremo da violência e, finalmente, foi concretizada

com a morte da jovem protagonista na peça. Waiselfisz (1998 b) já enfatizava que os homicídios representavam apenas a ponta do iceberg da violência, um retrato da violência em seu grau extremo, mas não revelavam o seu todo, uma vez que a morte não é o desfecho da maior parte das violências que ocorrem cotidianamente.

Patrícia: Acho que, com a morte da Samanta, a gente estava tentando mostrar a violência, a violência na periferia.

Para estes jovens, entretanto, a violência na periferia é significada como morte, para eles, a morte representa a violência instituída. Tanto que a morte aparece em todos os finais propostos pelos diversos subgrupos que elaboravam a peça. Em alguns desfechos, todos os personagens acabavam morrendo.

Cassius: Mas aí teve outros finais, teve outros (finais da peça) em que o Fininho morreu, teve outros em que morreu todo mundo: morreu Fininho e morreu Eduarda, teve umas coisas assim.

Notamos uma banalização da morte, a morte é significada como fato corriqueiro que muitas vezes deixa de provocar incômodo. Cabe lembrar que o Município de Diadema, em 1999 chegou à taxa de 143 mortos por 100 mil habitantes e provavelmente atingiu as primeiras posições no ranking da violência do País (Coordenadoria de Defesa Social de Diadema, 2002). Apesar de ser a cidade brasileira que conseguiu os melhores índices de redução de violência no Brasil entre os anos de 2001-2002 (Scarparo, 2003), seus índices de homicídios ainda são bastante elevados.

A morte em si não seria a surpresa da peça, a surpresa ficaria por conta de quem seria a vítima.

C: A cena da (morte da) Samanta, tinha a questão da surpresa, tipo, todo mundo pensa que é o Fininho que vai acabar morrendo, mas morre a Samanta, porque a gente teve a seguinte idéia: com a morte da Samanta, todo mundo ia ficar dizendo que era o Fininho que tinha que ter morrido.

Podemos apreender do subtexto desta afirmação que não se espera da sociedade o repúdio ao homicídio em si, o repúdio decorre de quem for a vítima

ou do tipo de relação que a vítima estabelece com a sociedade. Na visão desses jovens, a morte de um traficante não causaria surpresa nem indignação, porém a morte de uma jovem de família provocaria a reação do público, provavelmente por considerar a morte como injusta e também pelo fato de não ser tão comum que mulheres jovens morram nestas circunstâncias. Portanto, o significado dado à vida de uma pessoa não é absoluto, depende do seu papel ou da posição social que ocupa na sociedade e da justiça ou não de sua morte. O repúdio a um homicídio variaria conforme o valor dado pela comunidade à vítima. Nas condições concretas da cidade de Diadema, constata-se que o perfil da vítima de homicídios é em sua imensa maioria do sexo masculino, a maior parte são jovens de 15 a 25 anos, pertencentes às camadas populares, a maioria sem registro de passagem pela polícia. Um número muito pequeno destes crimes tem a autoria esclarecida (Silva Filho, 2002). Isto nos mostra como as vítimas - homens jovens, pobres, em grande número negros - são poucos valorizados pela comunidade.

C: A idéia era a seguinte: na hora que tivesse rolando a discussão (com o público, após a apresentação da peça), alguém no meio da platéia levantava e dava um tiro no Fininho, e virava para a platéia e dizia: "Vocês não queriam que ele morresse? Morreu!" Só que aí já não era mais o Fininho, atirava no ator. Era para deixar bem caracterizado que as pessoas estão sempre pedindo mais violência: "ah, ela morreu, ah, tudo bem, mas o Fininho também tinha que ter morrido". Então vocês querem? Aí morrem dois... "mas naquela parte"- ia rolando a discussão- "nessa parte fulano tinha que ter morrido", então as pessoas estão sempre pedindo mais violência. Se no meio da discussão rolasse de alguém falar que alguém mais tinha que ter morrido, levantava alguém da platéia e dava um tiro nesse ator. Era essa a idéia que a gente tinha.

A expectativa era que o público pedisse mais mortes, o que seria prontamente atendido com a execução das vítimas indicadas pela platéia, para provocar um choque e a auto-percepção do público em relação à violência. Sem perceberem, propunham uma estratégia violenta para prevenir a violência e alertar para o problema, reproduzindo, desta forma, o ciclo da violência.

P: Se (a peça) não terminasse em violência, como é que a gente ia debater com o povo a violência?

Apesar de haver várias formas de discutir a violência, a estratégia escolhida indicava que os próprios jovens haviam interiorizado estratégias violentas de sensibilização:

“Quando se quer julgar a moral de um homem não se deve examinar apenas até que ponto ele interiorizou um sistema normativo social (...) mas observar também o conteúdo de valor do sistema normativo social escolhido por ele, evidentemente dentro dos limites em que a escolha era possível”. (Heller, A. apud Guará, 2000)

Apesar do homicídio representar uma violência extrema, na visão destes jovens não se trata de violência gratuita – há circunstâncias que atenuam e até mesmo legitimam o ato de matar:

Para Cassius, a loucura, o desespero, o estar fora de si ou a vivência de um sentimento incontrolável justificam a prática impulsiva de quem perdeu o controle de si mesmo. A pessoa age movida pelas emoções que superam a sua racionalidade. A pessoa é dominada por um impulso de dar uma resposta imediata à tensão que vivencia. No subtexto de sua fala, podemos apreender que a violência é fruto da irracionalidade humana, de um descontrole emocional dos indivíduos, os afetos mobilizam a violência. Nos conflitos há sempre o aspecto emocional presente: quando se mata o amor ou por amor, por ódio, vingança e traição há uma grande concentração de energia em experiências emocionais.

C: A loucura começa aumentar, aumentar, aumentar e não pára, até culminar numa atitude de desespero total.... Depois que vê que atirou, que a cena pára, é que ele se toca do que aconteceu, do que fez. Aí não sabe mais, aí já está feito, feito foi feito, não tem como voltar atrás.

Parece existir uma cultura de violência que aceita os crimes de honra para vingar uma afronta ou uma traição. Na peça os jovens escolhem retratar o crime praticado por um jovem que mata a namorada por se sentir abandonado. Retratam desde o fascínio da menina em relação ao traficante, por sua fama e poder, estabelecendo com ele uma relação marcada pela assimetria, pela dominação do homem sobre a mulher. Retratam os valores de uma sociedade marcada pela desigualdade entre os gêneros, que tem base no machismo, em

que o homem considera a mulher como objeto, sem vontade própria. Neste contexto, o homem se vê com o poder de dispor inclusive da vida da mulher.

C: Mas a Samanta resiste, diz que não quer saber dele e o abandona. E ele se sente traído, essa coisa aumenta, a Samanta tenta fugir, no que a Samanta tenta fugir, o impulso que ele tem é atirar e aí ele atira.

P: Eu nunca cheguei a presenciar, mas acho que acontece. Eu já ouvi várias conversas de uma amiga da minha mãe, contando várias histórias, de coisas que ela chegou a presenciar, por isso eu acho que acontece. Parecido assim, como o dono da boca que mata a namorada, ou até mesmo a esposa...

O fato de amar parece atenuar ou romantizar o ato de matar : mata o amor ou mata por amor. Cassius explica: como Fininho ama Samanta, ao matá-la mata o amor que sente por ela, em última instância, mata um pedaço de si mesmo. A violência muitas vezes é justificada por uma necessidade de autodefesa, como reação a um momento em que o sujeito se vê sob forte carga emocional: está acuado e com medo, sente-se abandonado e desprezado, deixa de ser valorizado e reconhecido conforme sua necessidade.

C: A maior carga emocional é, na verdade, que ele mata o próprio amor. Ele não mata a Samanta por raiva, por vingança ou por outra coisa parecida. É amor, ele mata ali o amor.

C: Tem toda uma carga em cima, tem a polícia, tem o pai que quer ele fora, tem agora a Samanta que quer ele fora. Aí ele se vê naquela situação e ele dá um tiro, ele dá um tiro meio que, eu dou um tiro para fugir, eu dou um tiro para me vingar talvez porque ela me traiu. É uma questão de fuga e não de ataque, mas de fuga.

P: Se ele não pode ficar com ela, ela não fica com ele, mas também não fica com ninguém.

Uma reação de quem se sente encurralado, perseguido e não consegue vislumbrar outras saídas.

C: E, também, a coisa do enquanto tiver gente que queira me matar eu vou matar, no sentido de autodefesa, de autoproteção...

Aparentemente, para os jovens, a violência e a morte dela decorrente poderiam ser evitadas se houvesse mudanças nos comportamentos individuais, já que a violência é percebida enquanto intolerância em relação a pessoas que são diferentes e poderia ser evitada com mudanças individuais de

controle e comportamento. A solução para o problema da violência estaria no autocontrole de cada pessoa, atribuindo-se uma responsabilidade individual para a situação de violência que se vive nos dias de hoje.

P: Se as pessoas aprendessem a perdoar mais, a tolerar mais as pessoas, não teria tanta violência. Antes, por qualquer coisa, se uma pessoa olhasse feio, eu não chegava a bater, mas ficava com vontade de bater. Mas hoje, que nem para mim, quando uma pessoa esbarra em mim, pisa no meu pé, acho que eu devia tolerar mais, me colocar na posição de todo mundo. Se todo mundo tolerasse mais, acho que não haveria tanta violência.

A exposição a graus extremos de violência parece desenvolver uma tolerância em relação à violência. Há uma banalização da morte, sugerem finais da peça em que todos os personagens terminam mortos, corpos estendidos no meio da rua não chocam mais. Cassius relembra um episódio em que seu grupo participava de um show de hip hop em um dos bairros da cidade e houve um tiroteio que acabou matando uma pessoa. Mesmo com o corpo estendido na calçada, um dos organizadores tentava fazer com que o show continuasse, como se nada tivesse acontecido. A vivência de transitoriedade da vida, dos relacionamentos, as sucessivas perdas acarretando sofrimento, sentimento de abandono e desamparo/solidão, geram um mecanismo de defesa de embotamento, de anestesia emocional: endurecem a percepção dos sentimentos para não sofrer. Talvez por isso não demonstrem tanto sofrimento diante das mortes, das rupturas, dos abandonos sucessivos que sofrem.

Contraopondo-se aos resultados da pesquisa de Cardia (1999), em que não se nota uma correspondência direta entre experiência objetiva de vitimização e sensação de segurança ou insegurança, nossa análise indica que o fato de esses jovens estarem expostos direta ou indiretamente à violência faz com que eles desenvolvam tolerância à violência, ou seja, o contato com a violência parece levar a mais violência e afetar os sentimentos, as condutas e expectativas que eles têm em relação à vida, a violência passa a ser parte constitutiva de sua subjetividade.

2) QUANDO A NECESSIDADE FALA MAIS ALTO

O sujeito expõe-se ou provoca violência ao tentar suprir suas necessidades. As necessidades justificam ou legitimam a violência. O significado social revela que os jovens sentem necessidade de TER, mas no subtexto de seu discurso, percebemos que eles sentem necessidade de SER.

Patrícia, ao justificar o fato do pai de Samanta aceitar o dinheiro do traficante, apesar de não aceitá-lo como namorado para a filha:

P: Acho que a necessidade falou mais alto.

As necessidades não se resumem às necessidades biológicas de comer, beber, dormir, mas constituem-se nas relações que o sujeito estabelece com o meio em que vive. Podem ser descritas como o sentimento de falta de algo, e este algo pode ser desde um objeto até ações, emoções, comportamentos e relações.

No mundo moderno, os significados sociais de necessidades estão bastante vinculados ao consumo. Aparentemente, a necessidade de TER sobrepõe-se à de SER. Há um fascínio pelos bens e valores de consumo, pelo dinheiro, prazer, imagem e poder. Cassius revela claramente que a necessidade de consumo constitui-se em um dos motivos fundamentais que legitimam a prática ilícita para os jovens. A sociedade de consumo cria as necessidades sem distinção quanto às possibilidades de acesso aos bens, o apelo ao consumo atinge a todas as classes sociais. Como a desigualdade social impede que estes bens estejam ao alcance dos rendimentos das classes mais pobres, instaura-se uma insatisfação daqueles que não conseguem satisfazer suas necessidades. O crime aparece como resposta imediata à tensão vivida entre sentir a necessidade de consumo e perceber-se impossibilitado de conquistar estes bens devido a sua condição sócio-econômica. Os jovens, em especial, são bombardeados pelas propagandas de consumo, desde roupas de grife a outros bens que não são acessíveis ao poder aquisitivo de maior parte deles, o que os leva a buscar alternativas ilícitas (roubo, furto, tráfico) para conquistar os bens que, em seu imaginário, promovem a valorização do seu consumidor. Em conformidade com a lógica capitalista, internalizam que o valor de um

indivíduo é dado pela sua posse de bens materiais. Querer e não poder pode significar uma sensação insuportável de tensão e, então, o recurso à violência e às atividades ilícitas surgem como respostas para conquistar e satisfazer de forma rápida e imediata as necessidades de bens materiais e simbólicos desejados.

Cassius: Todos os fatores, acho, estão ligados ao sonho de consumo, porque a sociedade é capitalista. O mundo, com raras exceções hoje, é extremamente materialista, priorizando o Ter, antes do Ser. Então, independente do fator que me leve ao crime, todos vão estar ligados à questão material.

O emprego da violência e o roubo muitas vezes são justificados pela necessidade de dinheiro, pela necessidade de ter uma vida digna, pela descrença na melhoria das condições de vida pelos caminhos legítimos do trabalho e da honestidade e pela inexistência de modelos sociais em que se espelhar. Concretamente, há uma realidade de diminuição de postos de serviço que, associada à baixa escolaridade da maioria desses jovens, torna muito reduzidas as chances de que eles obtenham um emprego. Além disto, muitos querem um emprego que assegure uma renda suficiente para suprir suas necessidades de consumo, porém, os trabalhos disponíveis não garantem a remuneração que desejam e, frustrados, muitos recorrem à vida da criminalidade que lhes proporciona de forma imediata uma renda melhor e uma conseqüente valorização social. Espelham-se também em pessoas poderosas que roubam e nunca são punidas para justificar e diminuir a condenação moral de seus próprios atos ilícitos. Também reportam-se às dificuldades econômico-sociais de se conseguir um trabalho digno para justificar que o crime nem sempre é moralmente condenável.

Velho (2000) já afirmava que o crescente aumento da violência na sociedade brasileira, principalmente entre a juventude, estava diretamente relacionado não apenas à desigualdade social, mas ao fato desta acreditar que os riscos da transgressão seriam compensados pelo acesso aos bens de consumo e prestígio. Em troca de uma vida breve, escolhem viver intensamente desfrutando dos prazeres, gratificações até mesmo da fama que a mídia pode oferecer.

Embora o risco como experiência interiorizada seja inerente à condição humana, para Peralva (2000) o que é considerado risco aceitável varia conforme as sociedades e os contextos sociais e históricos. Quanto maior for o controle coletivo de uma sociedade sobre o futuro e maior a confiança compartilhada por seus membros no amanhã, seja por referências simbólicas, seja por condições concretas de diminuição de insegurança, menos essa sociedade permitirá que as conseqüências negativas do risco recaiam individualmente sobre seus membros. De modo contrário, quanto mais frágeis forem as construções coletivas de confiança no futuro, tanto mais aceitável será o risco individual e a confiança terá que se basear em estratégias individuais de controle do risco.

C: Nos dias de hoje, todo mundo tem que estar ligado porque bala perdida não tem dono.

Entretanto, os riscos relacionados à violência distribuem-se de forma desigual, atingindo mais duramente os segmentos mais pobres da população. Como a juventude pobre tem uma cota de risco associada à violência mais elevada, isto pode levá-la a assumir maior número de condutas de risco. O ingresso no mundo do crime pode ser entendido como forma de responder a este risco. Além disso, de acordo com Peralva, nas sociedades de alto risco, a atração pelo ilícito, o envolvimento com o crime constitui-se numa aceitação da situação de risco vivido e até uma forma de enfrentamento deste sentimento. Para Cassius, Fininho vive esta aceitação da situação de risco em que a possibilidade da morte parece próxima e até iminente. Não é uma condição que se pode escolher, só se pode aceitar as contingências do risco e agir determinado pelas circunstâncias para garantir a sobrevivência e a satisfação de suas necessidades básicas.

C: Ela está no meio de um tiroteio, o cara salvou ela, e ela fica fascinada por essa coisa complexa, de o cara ter articulado, de o cara estar mais ligado que ela na hora.

Quanto maior o sentimento de estar sob risco, maior o número de condutas de risco espetaculares assumidos, talvez como uma forma de se antecipar ao risco, para apropriar-se dele e poder subjugá-lo. A consciência de ter a vida

em risco pode motivar o envolvimento com situações de mais risco, assim, a violência e os atos de transgressão assumem para alguns jovens a dimensão de ousadia e coragem.

Cassius representa a situação vivida por muitos jovens que optam pelo crime por meio da imagem de quem anda numa corda bamba: vivem sob risco iminente, fora de seu controle e sabem que qualquer deslize pode ser fatal.

Com esta imagem, fica clara a ambigüidade de sentimentos para quem escolhe o mundo do crime: ao mesmo tempo que se sente livre, podendo satisfazer suas necessidades de consumo e de prazer, tem consciência de que sua vida é curta e está preso às normas do submundo do crime. Ou seja, opta pelo mundo do crime para ter poder e sentir-se sujeito de sua vida, porém percebe-se prisioneiro das amarras da vida do crime com suas rígidas regras. Percebe que pode tudo e nada ao mesmo tempo.

C: Quando você vive no mundo do crime, você está sempre na corda bamba, mais lá do que aqui.

Assumir a identidade de traficante é uma estratégia de sobrevivência e também uma possibilidade de conquistar uma identidade social reconhecida, mesmo que negativa, e sair do anonimato a que a condição de pobreza relega. Entretanto, ao optar pela vida do crime para tornar-se sujeito, acaba prisioneiro deste mundo que impede sua integração a outros mundos que não estejam envolvidos com a desordem social. Tornando-se traficante, Fininho assume uma identidade situada no espaço da desordem social e da exclusão social, incorporando o significado social negativo que a sociedade atribui aos criminosos.

C: Tem realmente um fascínio por essa coisa de “é contraventor, anda contra a lei, etc”, porque quem vive no submundo tem que estar mais ligado do que qualquer outra pessoa.

Cassius assume em alguns momentos o discurso na 1ª. pessoa, identificando-se com o traficante que opta pela vida criminosa para transformar-se de vítima das circunstâncias em provedor do lar, deixa de ser o filho impotente que vê a mãe apanhar sem nada poder fazer e torna-se aquele que resolve os

problemas da família, fornecendo proteção e conforto para mãe, exercendo o papel que seu pai não pôde desempenhar. A opção pelo tráfico dá um poder que o emancipa dentro da família, torna-se livre, sem ter a quem obedecer, ele faz as suas próprias regras.

C: Às vezes, como a família acaba passando sempre necessidade, é tudo sempre difícil, é sempre complicado, eu vejo no tráfico uma oportunidade de crescer na vida e poder tirar minha mãe da vida de lavadeira. Se eu crescer de vida no tráfico, minha mãe não vai mais ter que ser lavadeira, minha mãe não vai mais apanhar do meu pai que bebe. Eu pego a minha mãe, levo ela para morar comigo e deixo meu pai lá. Ela não vai mais apanhar do cara que bebe.

Ao conceber que determina as regras, o jovem traficante utiliza-se da violência para conseguir o que quer, para impor sua vontade sobre a de outras pessoas. Isto pode ser exemplificado quando Fininho vai pedir Samanta em namoro e sente-se estigmatizado pelo pai da amada por sua condição de traficante. Não consegue estabelecer um diálogo, uma relação de reciprocidade com o outro e acaba usando da força e da violência para mostrar sua potência, resgatando a identidade do bandido que aterroriza suas vítimas, para através do medo causado, sentir-se potente, sujeito de suas ações. Na base afetivo-volitiva de seu discurso, a violência assume o significado de retomar o poder sobre sua vida, de se reconstituir como sujeito, o temível traficante Fininho.

Fininho: Como é que é mano?!? Péra aí, na hora de pegar a grana, o senhor nem reclamou, e agora vem trocando umas idéia dessa, qual que é? Tá me tirando de comédia, rapá?

(Agarra Samanta por trás, saca a arma, aponta pra cabeça de Samanta)

Muitas vezes, o sujeito vê-se impotente diante da vida, as condições sociais e econômicas determinam a sua vida. Ele tem que lutar para garantir suas necessidades de sobrevivência e sente que não tem possibilidades de escolha.

Fininho: Tá bom demais pra quem nasceu no corredor de um hospital.

A realidade social impõe que se enfrente as lutas cotidianas com mais coragem do que talvez se tenha. Fininho nasce em condições precárias, perde a mãe e o pai passa a beber, caracterizando uma infância marcada pelo abandono, pelo sentimento de desfiliação, pela pobreza, em que o trabalho infantil se insere como estratégia de sobrevivência.

Em cidades urbanas como Diadema, é comum crianças e adolescentes trabalharem no mercado formal, informal e clandestino, desenvolvendo tarefas que não lhe abrem perspectivas para o futuro ou atividades ilícitas como a mendicância, furtos, roubo, tráfico de drogas e prostituição. Pela necessidade de sobrevivência, muitas crianças entram precocemente no mercado de trabalho, realizando atividades desqualificadas que não as ajudam no seu desenvolvimento escolar e profissional, tornando-as candidatas potenciais para uma carreira na delinqüência (Pereira, 1994, p. 36). Desde pequenos, deparam-se com os obstáculos e as pressões do mundo que as empurram a decidir pelo mundo do crime.

Fininho interioriza desde cedo a idéia de que é o responsável por sua sobrevivência. Vivendo nas ruas, onde as regras são reguladas pela força e pela violência, tem que desenvolver uma agilidade e pragmatismo para garantir sua sobrevivência. Logo, torna-se candidato a ingressar no mundo do tráfico de drogas que oferece além dos ganhos financeiros imediatos, a possibilidade de ascensão dentro de um sistema hierarquizado de funções, bastante organizado. Concorrendo com essa opção, haveria os programas oficiais em que passaria a ser tratado como criança carente, recebendo o tratamento assistencial dispensado aos excluídos e destituídos de bens materiais, afetivos e culturais. Fininho parece optar pelo submundo do tráfico de drogas pois lá vê possibilidades de ser sujeito, encontra resposta para a sua necessidade de ser. Inicia sua carreira no submundo do tráfico desde criança como "olheiro", o responsável por avisar por meio de fogos de artifício a chegada da polícia ou de grupos rivais na favela.

Fininho: Eu, não, aos oito anos eu já sabia muito bem a diferença entre o que era tiro e o que era fogos de artifício...

Na sua fala, Fininho explicita que a realidade social impede que ele realize suas escolhas, ela determina sua vida, impedindo-o de realizar seus sonhos. No subtexto de sua fala, podemos apreender que os jovens acreditam numa natureza humana pura, genuína, das verdadeiras escolhas, que não se realizam devido à influência prejudicial do meio externo. Aguiar (2001, p. 138-139) constatou em sua pesquisa que alguns jovens apreendiam o social como impeditivo da realização de seus sonhos e desejos, porém não percebiam que estes sonhos também eram ideológicos e determinados socialmente, isto é, que a realidade social era determinante fundamental tanto nos impedimentos para realização dos sonhos como na construção destes mesmos sonhos. Concordando e transpondo para nossa análise, podemos apreender que os jovens percebem a realidade apenas como impeditiva da realização de sua natureza humana, sentindo-se impotentes. Não percebem que esta mesma realidade também determina a construção de seus sonhos e, portanto, poderia torná-los potentes. Por que será que isso ocorre? Por que optam por perceber apenas a impotência?

Fininho: Eu queria ter feito a minha vida, mas a vida foi me fazendo e vamo vê no que vai dar...

Mantendo essa mesma lógica de que o meio determina a ação do sujeito, a fala de Cassius justifica a ação do traficante, indicando que é a sociedade, composta por consumidores de droga, que determina a existência do traficante. Apesar de ser uma visão parcial de um fenômeno social, com sua fala Cassius pretende denunciar que um jovem só se torna traficante porque há quem compre suas drogas e porque há pessoas muito poderosas que lucram com este comércio clandestino. Entretanto, neste processo em que há tantos atores sociais envolvidos, as atitudes de segregação recaem sobre o jovem traficante, pobre, morador das favelas, evidenciando a ambigüidade de uma sociedade que é omissa com os poderosos que lucram com a venda de drogas, condescendente com os usuários da droga, mas que condena o traficante marginal, depositando nele toda a culpa dessa situação.

C: É uma lógica. Só se vende uma coisa se tem clientela, é meio que um vive em função do outro. Se você não tem quem vende, acaba não tendo cliente, se tem quem vende, acaba tendo cliente, embora a clientela force mais do que a pessoa que vende. Às vezes,

você pode tentar vender, mas se não tem cliente, você não vende nada. Agora, se tem cliente, acaba forçando que você venda. Quer dizer, o cliente faz mais peso do que a pessoa que vende, embora um exista em função do outro. Muitas vezes, o mesmo que vende é o mesmo que usa, acaba sendo a mesma coisa. Mas a idéia que a gente teve foi mostrar um pouco dessa coisa de um depender do outro e que não precisava ser assim.

Cabe ressaltar que se as necessidades de ordem econômica podem vulnerabilizar os jovens para a entrada no mundo do crime, elas não parecem ser as únicas nem as principais determinantes para isso, e, na fala dos próprios jovens, eles desmistificam uma relação direta entre pobreza e criminalidade, como se nota na fala de Cassius que se refere aos jovens das camadas populares que se conformam com pouco e com uma vida humilde. Cassius explicita que o caminho assumido pelos jovens depende da relação que cada um faz com a vida, esta relação pessoal, única e singular é que determina a forma como cada jovem vai responder às necessidades colocadas. Então, o que motivaria um jovem a entrar no mundo do crime?

Ao mesmo tempo, as necessidades afetivas mobilizam os sujeitos, que saem em busca do afeto que lhes falta na família. No trabalho social, constatamos que os conflitos familiares, a falta de afeto e acolhimento proporcionado pela família desencadeia a saída de crianças e jovens para as ruas, independente de classe social, expondo-os a riscos decorrentes desta saída.

Patrícia explicita que Samanta sai de casa movida pela falta de atenção de seus pais. Sente-se abandonada, negligenciada pela rotina familiar em que o pai manda, a mãe se submete e ambos se esquecem de cuidar da filha, torna-se objeto esquecido. A base afetivo-volitiva do subtexto de seu discurso é o desejo de se sentir potente, de se sentir amada. Samanta sai às ruas para ser reconhecida como sujeito, ser dona de sua própria vida. Abandona o anonimato e a submissão do lar e se aventura no desconhecimento da rua. Samanta sai de casa para procurar o afeto que lhe falta em casa, sua saída tem o significado de superação do processo de coisificação, de resgate de seu poder e de seu papel de sujeito.

P: A Samanta vivia mais fora do que dentro de casa, porque ela não sentia que os pais tinham carinho por ela ou que davam atenção a ela. Então, ela preferia ficar na rua.

Os jovens expõem-se a riscos por não se sentirem amados. Contrariando o mito de que os jovens saem de casa por causa das drogas, o envolvimento com as drogas e com a violência parece ocorrer após a saída de casa, e pode significar alternativas para o esquecimento de problemas, busca de prazer e forma de chamar a atenção para suas dificuldades. A atração pelo ilícito e pelo risco, associada à falta de outros suportes afetivos, pode levar os jovens a um envolvimento com as drogas e com a violência de maneira quase casual.

C: E a Samanta é uma menina no meio desse turbilhão de coisas. A família é desestruturada porque ela não tem, a família não fornece uma base para ela, e aí é um desses casos assim, de chamar a atenção, de procurar chamar atenção da família para ela. E aí, a necessidade das drogas, a necessidade de transviar regras para chamar atenção

O sentimento de solidão e de abandono que emerge das falas de Patrícia e de Cassius. É nas relações que estabelece com os pais que a criança se constitui como sujeito e, ao mesmo tempo, constitui o mundo que o cerca. O sentimento de pertencimento a uma família é o que constitui a identidade de Samanta, o que constitui seu sentido de ser sujeito, e quando se vê abandonada, busca superar seu sentimento de abandono e solidão, indo para as ruas, buscando o afeto que a família não lhe dá. O subtexto de seu discurso revela que ela sai em busca de um novo sentido para sua vida, quer resgatar a sua potência de ser.

Em relação a Fininho, ele não pôde usufruir do sentimento de pertencer a uma família, sua mãe morre cedo e seu pai passa a beber, não tem quem o proteja ou cuide dele. Entretanto, Fininho tem o sonho de constituir uma família, uma família que nunca teve, feita em bases imaginárias. Quer mais do que encontrar e constituir uma família com Samanta, também quer descobrir um sentido para sua vida, quer encontrar uma resposta para seu sofrimento de não ser, de não pertencer, não ter filiação. A perda da mãe e a ausência do pai, transforma Fininho em alguém sem origem, sem significado, ou seja, em ninguém, e para superar o sofrimento decorrente desta situação de exclusão, sua meta passa ser a busca de um pertencimento, onde possa reconstruir seu significado. Descobre este sentido na identidade de traficante, ao assumir o significado negativo que a sociedade atribui aos criminosos e marginais.

A afetividade pode ser uma dimensão fundamental para uma ação transformadora da violência. Notamos que a afetividade da família ou da namorada é sempre uma base de apoio e proteção necessária para qualquer projeto de mudança de um jovem envolvido com a criminalidade.

Os jovens explicitam que sentem falta de adultos significativos, isto é, de pessoas que conseguiram superar os obstáculos da vida, lutando com honestidade e humildade e que hoje possam orientar, ajudar a construir caminhos, descobrir desejos. Os jovens sentem-se conduzidos pelas situações da vida, em busca de caminhos que os afastem dos seus sofrimentos e sentem falta de espelhos em que possam se mirar para ajudar a resolver suas dificuldades por caminhos alternativos.

C: Porque não existe uma base familiar que te prenda ali “putz, se por um lado eu fosse fazer isso, eu vou desapontar minha família, posso vexar minha família”.

P: Sei lá, se o Sr Rosemberg tivesse deixado ele namorar com a Samanta, se ele tivesse dado oportunidade, tentado ajudar o Fininho, a Samanta não teria morrido, a história teria tomado outro rumo.

Outra reação possível diante do risco é o intenso sentimento de medo e pânico. Esses sentimentos têm bases concretas de existência, já que as pessoas estão expostas a riscos concretos, mas, muitas vezes, sobrepõem-se aos acontecimentos, dominando os sentimentos do sujeito. Esse medo acompanha a pessoa permanentemente, exercendo um controle sobre ela, entranhou-se nela a possibilidade de ser vítima de violência a qualquer momento.

Todos os perigos experienciados no passado, no presente ou mesmo os esperados no futuro ficam condensados no medo, que pode gerar pânico e motivar o silêncio e o isolamento. Muitas vezes vive-se essa situação sem se perceber que é uma violência, a violência de não poder SER.

C: Às vezes, o excesso de preocupação(dos pais) não é excesso, é uma questão natural.-

Este medo concentra todos os perigos vividos pela pessoa ou por sua família e pode gerar situações de conflitos desnecessários:

C: Às vezes, pelo temor dos pais, os pais querem escolher seus amigos, tipo, "não, não anda com esse, porque esse é filho de fulano e é perigoso", acaba gerando uma situação de violência, e não existe uma maldade nem na criança nem no ato do pai, só uma questão de precaução, de medo mesmo, que acaba gerando uma coisa complicada, que se não tivesse todo o pânico, todo terror, essa situação não ia existir, era mais simples.

O medo pode imobilizar e impedir que se procure ajuda. Permite que se instale o pacto do silêncio, o retraimento e a submissão aos mecanismos de controle impostos pela força, pela ameaça de polícia e de bandidos e pela coação dos sujeitos.

C: Não existe a coragem de dar uma queixa ou de tentar fazer alguma coisa porque, depois da meia-noite, ninguém é de ninguém, a noite é complicado, então assim. Isto é uma coisa que praticamente em toda revista em que é usada de abuso de autoridade é dito: ó, muito cuidado com o que você fala, porque da mesma forma que eu te encontrei aqui a essa hora, posso te encontrar num outro dia. Existe um pacto de silêncio geral.

C: Assim como o traficante faz um pacto de silêncio com a comunidade, tipo não me cagoete porque você corre risco de vida, a polícia faz a mesma coisa.

3) VIVENDO NA CORDA BAMBÁ: DA DICOTOMIA PARA A AMBIGÜIDADE

A violência está presente na dificuldade que o sujeito tem de se posicionar diante do mundo. Não pode confiar na estabilidade dos relacionamentos, impossibilitando a vivência de trocas afetivas seguras e estáveis. Estabelecem-se de relações vulneráveis, rupturas, abandono e desamparo, linhas tênues. Para compensar a instabilidade vivida, o pouco controle sobre a vida vivida, ter o controle sobre seus valores, os jovens tentam garantir pela força e rigidez o que é certo ou errado, o que é lealdade ou traição.

Percebe-se nos sujeitos e na peça uma visão rígida e dualista que recorre a polaridades entre o bem e o mal, o certo e o errado, o verdadeiro e o falso para

significar o mundo. Entretanto, as incertezas e as contradições do dia-a-dia provocam uma ambivalência e uma indefinição que resultam em perspectivas confusas dos valores e sentimentos.

P: Eu acho que naquele momento eu estava meio confusa, eu não sei se naquele momento eu estava imaginando, de pedir dinheiro para o Fininho, ah, sei lá, até eu estava meio confusa para escrever.

Há uma rigidez nos compromissos assumidos, eles não podem ser quebrados independentemente das circunstâncias.

C: (O anel de compromisso) é o símbolo de um compromisso. Aí ela está compromissada com ele, independente de qualquer coisa.

Mudanças de opinião, o não cumprimento de combinados ou a simples suspeita de uma deslealdade são vistos como traição e rigorosamente punidos com violência para a preservação da honra e dos costumes.

P: A Samanta não chegou a trair o Fininho, mas, em algumas histórias que essa amiga me contou, foi por traição (que o traficante matou a mulher) ou, mesmo que não, o traficante achava que a mulher tinha traído ele.

Os sentimentos são colocados à prova, há sempre uma dúvida, é um sentimento verdadeiro ou não?

P: Às vezes eu fico nesta dúvida: será que ele amava ela de verdade?

Para Patrícia, o amor verdadeiro envolve o sentimento de entrega, confiança e de compartilhamento, idealiza uma relação baseada em respeito e afeto:

P: Eu fiquei imaginando que ela devia confiar muito nesse traficante porque primeiro conta para ele que a polícia está atrás dele, depois conta como está a situação da família. Ela confiava muito nele. Eu acho que ela começou a gostar dele, para contar, confiar sobre o que estava acontecendo dentro de casa, o pai dela com a dívida.

Para Patrícia, o amor verdadeiro parece estar destinado à ficção, não parece acontecer na realidade. Patrícia valoriza os rituais tradicionais em que o rapaz pede a aprovação do namoro para a família, significando este ato como de

respeito e de valorização da pessoa amada, de formalização de compromisso que revela uma intenção verdadeira e respeitosa. O sentido subjetivo que Patrícia dá ao amor, se é verdadeiro ou não, parece depender da postura que o amado assume nesta relação.

A partir da experiência concreta do traficante que abandona as mulheres e seus filhos, Patrícia significou sua forma de ver os homens, em especial os traficantes, como aqueles que tiram proveito das mulheres e depois as abandonam. Também percebe que o encantamento das garotas em relação ao traficante não era correspondido, elas apenas ocupavam o lugar de objeto de prazer do traficante e depois eram abandonadas. A partir disso, Patrícia assume uma postura crítica em relação aos relacionamentos afetivos. Ao percebê-los na sua transitoriedade e nos seus sucessivos rompimentos, gerando o abandono e desamparo, assume uma criticidade e endurecimento em relação aos sentimentos: para não sofrer, prefere não acreditar no amor, nas relações afetivas, para não ser abandonada, prefere não estabelecer este tipo de vínculo afetivo.

P: Eu não conheci uma história que diga que o traficante ia pedir ela em namoro, que ele dá um anel de compromisso para menina. São coisas em que não acredito muito. Mesmo aquele (traficante) que morreu, ele era pai de três crianças de mães diferentes e nenhuma das três ele assumiu, nem ajudava as crianças. Por isso que estou dizendo, eu não acredito.

Quando acontece, não se trata de um amor verdadeiro, há um relacionamento de negócios, o aspecto financeiro como motivo para este envolvimento descartável, no qual depois que se usou, joga-se fora. O subtexto dos discursos é composto pelo sentimento de carência, solidão, de descartabilidade e pragmatismo. Não há troca de afetos e de respeito.

P: A Samanta contou para o Fininho, para ele arrumar dinheiro para dar para ela. Como ela pediu, porque ele disse que tinha grana e ia dar para ela, ele ainda pensou alto, no meu texto, ele pensou alto: "Já tenho um motivo para ficar com a Samanta". Ela pergunta: "O que é que foi que você disse?" Ele diz "eu estou pensando alto mesmo". Pensando na realidade de hoje, o traficante só fica com a menina por ficar, depois que consegue o que quer, ele vai para o lado dele e ela vai para o lado dela.

Patrícia fala de um relacionamento entre homens e mulheres marcado pela assimetria, pelo trato da mulher como objeto, não é sujeito com necessidades e sentimentos próprios. O sentido atribuído ao interesse do homem é de que ele é meramente sexual, desprovido de afeto. Na fala de Patrícia, evidencia-se a separação entre sexo e afeto. O relacionamento baseado na prática do sexo estaria associada a um relacionamento em que a mulher é usada pelo homem e descartada em seguida, sem troca de afeto. A relação sexual que parece assumir o sentido contrário a uma relação afetiva verdadeira e de respeito.

P: Que nem as pessoas falam, tem muitos homens que só usam e, depois, largam. Acabou, jogou fora. No meu texto, ele só queria ficar com ela, não era um amor assim verdadeiro.

Também a amizade verdadeira parece se concretizar apenas na ficção, na peça teatral.

P: Acho interessante porque a Eduarda estava ali, ao lado da Samanta até no momento de dificuldade, e aí, quando o Fininho atira, a Eduarda corre para segurar a Samanta. Hoje eu não vejo uma amizade sincera assim, ter uma amiga do lado da outra no momento de dificuldade, em todos os momentos, não só do lado da alegria.

A amizade tem na confiança e na lealdade seu ponto mais importante. A regra fundamental é a ajuda mútua e a solidariedade principalmente nos momentos mais difíceis da vida. As relações de amizade colaboram com a manutenção de sua auto-estima por se sentir incluído, igual ao outro.

P: .Acho que hoje não existe mais aquela amizade mesmo, aquela amizade verdadeira. Acho assim, não é obrigado as duas ou os dois, se for amigo, a ficar um grudado no outro.

As relações de amizade e vizinhança baseiam-se na confiança e, muitas vezes, um amigo ou um vizinho pode ser mais importante que um parente.

P: Na confusão, a amiga também estava na casa da família... E a Samanta preferiu a família e correu para os braços da amiga.

Entretanto, as amizades podem trazer também a traição e não se sabe até quanto se pode confiar ou não nos amigos: a solidariedade e rivalidade caminham lado a lado. Amizades que inicialmente são muito intensas e que

são de ficar grudado o tempo todo, mostram-se também transitórias e, em sua maioria, não permanecem por muito tempo. Basta uma fofoca, uma suspeita de traição, um olhar diferente ou fugidio para determinar o fim de uma relação de amizade, com agressões, ameaças de morte e até a própria morte. As relações são sempre muito tênues, provavelmente influenciadas pela violência presente no dia-a-dia que tornam os relacionamentos descartáveis, repletos de conflitos que se transformam em questões de vida ou de morte, sem perspectivas de soluções mediadas pelo diálogo ou pela palavra.

P: Eu não acredito hoje nessa amizade, porque muitos falam que é amigo, mas só querem é ferrar o outro.

P: Mas hoje eu penso assim, que as pessoas dizem que é seu amigo, seus amigos, mas, na sua frente fala bem de você, mas por trás, não.

Além disto, em busca de fortalecer sua auto-estima e seu sentimento de pertencimento, procura seguir os amigos que podem conduzi-lo para o caminho do bem ou para o caminho da violência e do crime:

C: São esses amigos que acabam te levando, determinando seu ser, como você vai ser. Você pode ter um círculo de amizades que influenciam de modo legal ou pode ter amigos que são filhos de traficantes, que são criminosos, que aspiram ser criminosos, que têm o traficante como melhor espelho.

Casa/Rua

A peça mostra que o momento de saída da casa e ida para a rua constitui uma ruptura que pode ocasionar o encontro com as drogas e com o mundo do crime. O espaço da rua (público) cada vez mais rompe com o espaço da casa (privado), provocando uma diminuição da sociabilidade da comunidade. Cassius lembra que sua infância foi marcada pelas brincadeiras nas ruas, em que todas as crianças da vila brincavam juntas. Porém, as mães de hoje não permitem que seus filhos brinquem nas ruas por considerá-las perigosas levando à internalização do significado de perigo, de risco, atribuído socialmente às ruas, e à busca de estratégias cotidianas de proteção.

A rua oferece uma ampliação da socialização, na medida em que se caracteriza como espaço mais amplo que a casa, regida por regras que ultrapassam o limite do privado.

C: Conforme o tempo, você começa a ficar mais velho e aí sua mãe deixa você descer para a rua de baixo, a rua de cima, você começa a ir para escola, você conhece outros amigos da escola, você começa a fazer lição de casa na casa dele, você tem um leque de pessoas assim.

Um segundo significado atribuído à rua, geralmente pela família, é de que se trata de um espaço perigoso, por ser o espaço dos bandidos e da violência. Por isso, deve-se permanecer longe dela.

C: Você aproveita muito essa questão de infância, embora todo o terror, todo o medo de todas as mães. A mãe tem medo de o filho ficar na rua, “é perigoso”, embora você tenha todas essas questões, você ainda tem uma questão de liberdade.

C: Inibe, inibe, eu mesmo, a minha mãe só deixava eu ir pra rua quando, à tarde, tinha um horário, depois que escureceu, eu tinha que vir para casa, lógico que às vezes você acaba não respeitando e cria uma série de coisas, mas assim, tinha regras, tipo, “escureceu vem pra casa”, “não fica mais de tantas horas na rua”, “não anda na rua”.

A partir das conclusões de Boonen (2000) podemos levantar a hipótese de que as mudanças que vêm ocorrendo nas comunidades decorrentes da exposição à violência tem levado à diminuição de contatos entre os vizinhos, os moradores parecem estar cortando os laços de solidariedade. A violência começaria a instaurar uma comunidade regida pelo medo e pelo isolamento. Resta-lhes um mundo no qual cada um está por si, na tentativa individual de sobreviver, apesar de todas as privações. Tudo indica que essa atitude leve ao isolamento e seja uma das razões da ausência de reivindicações organizadas da comunidade que exijam uma atuação satisfatória do Estado. Instaura-se uma comunidade dominada pelo medo em que os moradores cortam os laços de solidariedade, restando apenas o “cada um por si” (Boonen , 2000).

Polícia ou Bandido?

A polícia pressiona para fazer os acertos (receber dinheiro para relaxar a apreensão), seja para prender ou matar; faz o jogo de gato e rato com o bandido. As ações da polícia demonstram um envolvimento estreito com o mundo do bandido, por meio de atitudes de convivência com marginais, uso abusivo do poder, preconceito em relação a favelados. O papel de proteção à lei que a polícia deveria desempenhar é invertido: os policiais assumem o papel

de contraventores ao serem coniventes com o crime e obterem vantagens financeiras com ele. Passam a idéia de que são a própria lei, criando uma crise de confiança da população na lei dos poderes oficiais.

C: Porque a polícia, muitas vezes quando ela sobe o morro, na maioria das vezes, ela não vai para prender o traficante e livrar a comunidade, ela vai para fazer acordo com o traficante e bater nos nória. Vai para pegar um viciado e nunca um dono da boca, até porque ela quer pegar o viciado para chegar no dono da boca e poder tirar um dinheiro dali. Não é para acabar com o crime, é para tirar vantagem daquela história.

Estabelece-se assim uma relação tensa e contraditória entre polícia e população. Se por um lado deseja proteção, por outro há um sentimento de desconfiança e desqualificação da polícia, em função da ação repressiva ostensiva, das experiências negativas vividas direta ou indiretamente pelas pessoas (Nakano, 1995).

Para a população que não sabe como se proteger de seus males, aplica-se a política de redução de danos em relação ao traficante: o traficante faz menos mal que a polícia. Embora a violência policial seja denunciada e enfatizada, existem muitas atitudes mais sutis e tão ou mais violentas que passam despercebidas no cotidiano das relações que a sociedade estabelece que são alimentadas pelo medo e pela insegurança que permeiam e esgarçam o tecido social.

C: Aí, é o medo geral da polícia. Chega ao ponto de você preferir que exista um traficante do que uma polícia, um medo geral. Desde o filho que sofre a violência, que muitas vezes acaba sendo um adolescente, e ele vai contar para a mãe e, automaticamente, a mãe, o pai e toda aquela família já começa a ter o mesmo medo da polícia, a mesma raiva da polícia.

C: Aí tem toda uma situação: a polícia quando vai para pegar traficante, se vai para pegar, e não vai para fazer acordo, ela vai para matar, não vai para prender. Ela vai para matar porque, muitas vezes, se o traficante for uma pessoa de alto poderio de fogo e tal, ele já matou muitos policiais e tem essa coisa da retaliação

A relação com a polícia é ambígua, predominando o sentimento de revolta devido à violência freqüente, abusos e extorsões por parte dos policiais. Em resposta, a população classificaria a polícia como perseguidora de trabalhadores, corrupta, cujos crimes ficariam impunes. A polícia estigmatiza a

população pobre, mas também é estigmatizada por ela, a desconfiança que a população nutre pela polícia se generaliza para outros órgãos e aparelhos do Estado, criando uma crise generalizada de confiança nos mecanismos oficiais de regulação social, abrindo espaço para a criação de um sistema paralelo de justiça e controle social.

C: Às vezes, a polícia é bandido da mesma forma. É difícil, às vezes, você conseguir separar. Às vezes, você tem o mesmo medo dos dois.

Traficante: bandido ou anjo da guarda, herói ou anti-herói ?

C: A gente pensa no traficante porque dentro da coisa do crime ou desse universo periférico acaba sendo a opção de mais glória. Dentro do crime, quem atinge o status de traficante é chegar a um status, como se você tivesse chegado ao auge da carreira criminosa.

Os significados que os jovens têm do traficante concordam com as impressões de Ventura (1994) sobre o chefe do tráfico, descrito como uma figura que atrai e repele as pessoas, transmitindo mensagens ambíguas para a população: por um lado é o bandido que trabalha na lógica do mercado da droga, que precisa de clientes e, conseqüentemente, quer a ampliação do campo do vício; por outro, é aquele que garante a segurança na favela, oferece oportunidades de trabalho e desafia as corporações policiais inoperantes e corruptas.

C: Dentro desse universo periférico, ele passa a ganhar não só o medo, mas, muitas vezes, a admiração mesmo das crianças que moram na rua, ele passa a ser uma pessoa famosa até porque vai andar com os melhores carros da vila, ele vai realizar a festa de Cosme e Damião, ajudar a formar festa junina, então, ele acaba trazendo um entretenimento que não existe no bairro.

P: Tinha um que é o chefe de onde moro, que era assim, ele estava passando por aqui, se eu tivesse que passar por aqui, eu atravessava, eu passava longe porque eu morria de medo dele. Minha mãe, uma vez conversando com ele - que a minha mãe conversa, ela não está nem aí - ela contou que eu tinha um pouco de medo e ele disse que já tinha percebido: porque quando eu tô vindo ela atravessa, aí então ele pegou e me disse que não era para eu ter medo, que ele não ia fazer nada contra mim. Só que depois, eu descobri que ele sabia aquilo que tinha acontecido na minha vida, inclusive ele falou assim que se o agressor, se ele aparecesse por lá, era só uma vez. Então, sei lá, depois que minha mãe falou isso aí, eu fiquei com mais medo, só que sempre que eu encontrava, eu falava com ele, mas com aquele medo ainda. Aí eu acabei me acostumando, agora eu converso normal com ele.

O conflito moral mais evidente é o que põe em confronto os valores defendidos pela comunidade e pela família pobre, calcados no trabalho, e as exigências e parâmetros de ação do mundo de criminalidade. O bem e o mal são continuamente relativizados. (Guará, 2000).

É difícil saber o que é certo ou o que é errado, os jovens experimentam o sentimento de ter uma MORAL DILACERADA (Guará, 2000) e continuamente buscam encontrar uma unidade e recompor seus parâmetros de valores.

O valor apregoado pelo capitalismo de que “dinheiro é dinheiro” e de “vale tudo por dinheiro” está incutido na fala de Cassius, que explicita que qualquer reflexão moral sobre o dinheiro ser fruto de práticas ilegais e violentas cai por terra quando comparado com o significado social muito mais poderoso de que o dinheiro pode suprir todas as necessidades pessoais.

C: Não interessa se esse dinheiro matou 300 pessoas, se viciou outras 20, não interessa para mim, interessa que é dinheiro.

O fato de um jovem não se envolver diretamente com o mundo do crime não significa que ele não estruture sua visão de mundo. Todos os jovens relacionam-se com o mundo dos bandidos, envolvendo-se diretamente, como vítimas ou agentes ativos, ou indiretamente, pelos efeitos das ações violentas.

As normas, ações e regras da vida infracional são construídas a partir de critérios próprios de justiça, cuja mediação é feita pelos mais fortes. A rigidez dos códigos submete as individualidades em jogos de dívidas que implicam o uso da violência e da coação física para resolvê-las.

Na ausência da justiça social do Estado, a justiça da delinquência se instala. E busca dar respostas próprias e imediatas para elaborar suas experiências e solucionar problemas.

Pinheiro (1998) afirma que o Estado não consegue aplicar a lei nem controlar arbitrariedades. Não consegue também garantir a igualdade entre os cidadãos, gerando uma intensa fragmentação de juízos. Atuando de forma tão fragilizada, não cumpre sua obrigação no uso da autoridade e perde sua legitimidade.

Diante do retraimento e ineficácia do Estado, a violência se torna uma das formas de organização da sociedade, conforme previsto nas teorias de desobediência legítima.

P: Sei lá, apesar de o dono da boca dizer, ele disse que não era para eu ter medo, que não vai acontecer nada comigo lá dentro, que ele está ali para me guardar, tipo meu anjo-da-guarda, ele falou isso. Uma vez ele falou brincando que é meu anjo-da-guarda, aí eu fiquei com mais medo ainda. Então, principalmente à noite, à noite não gosto de chegar lá mesmo, apesar dele falar de ser meu anjo-da-guarda, ficar brincando.

A crença de que a norma social só foi feita para beneficiar os que têm poder para comprar a justiça diminui as expectativas de que vale a pena confiar no valor da honestidade. Os jovens tentam justificar seus atos de transgressão, dizendo-se autorizados a agir por conta própria, uma vez que a sociedade tolera as infrações de seus membros mais poderosos, percebem a existência implícita de uma sociedade em que os valores morais não mantêm coerência, não são as mesmas para todos e caem por terra.

Diante dessa constatação, desenvolve-se um sentimento de impotência individual. Há uma fragilização das normas sociais e a tendência de perda de credibilidade nas próprias normas sociais leva a uma desconfiança generalizada que atinge as instituições responsáveis pela manutenção da ordem: a polícia e o Judiciário.

C: Até porque na filosofia do mundo em que a gente vive hoje não está errado ser traficante ou seqüestrar, os fins justificam os meios. Se os fins justificam os meios, da mesma forma que eu posso ser político corrupto e roubar o dinheiro que ia para saúde, eu posso pegar uma arma e te roubar numa esquina, porque os fins justificam os meios. Não consigo enxergar diferença na atitude, só a diferença se caracteriza pelo grau de violência. É muito mais violento, é muito mais forte.

4) RÓTULOS QUE APRISIONAM

Este núcleo trata da violência simbólica, instituída pelos poderes e que raramente é apreendida como violência pelos jovens.

“Uma história de amor começa na favela, um romance num lugar onde não tem história bela” (Não Precisava Ser Assim)

Os rótulos que aprisionam são os modelos idealizados que cristalizam as ações, as reflexões, impedem o movimento e a transformação. É um tipo de violência silenciosa em que os poderes instituídos por meio das regras, práticas e discursos impõem-se ao sujeito. Há uma naturalização de conceitos, valores e relações produzidos pelo social que passam a ter vida própria, existem absolutos. A violência está presente na linguagem da vida social que transforma conceitos e relações produzidas socialmente em conceitos naturais e absolutos.

Quando Samanta se apresenta dizendo ter uma família totalmente desestruturada e os sujeitos entrevistados explicitam que este foi um dos principais motivos que levou Samanta a sair de casa, a envolver-se com um traficante e a ter o fim trágico que teve, percebemos que há um processo de culpabilização da família pela infelicidade e pela tragédia que acomete seus membros. O problema era ter uma família desestruturada.

Mas o que seria uma família desestruturada?

Eu sempre imaginei um modelo de família com um pai, uma mãe, um filho. A partir do momento que falta pai dentro de casa ou mãe, a família não é família, sei lá: Fica desestruturada. (Patricia)

A minha Samanta tinha pai e tinha mãe, mas também era de uma família desestruturada, porque a mãe da Samanta era tipo daquela mãe que quem dava as ordens era o pai, então tudo era o pai, então a mãe não dava muita opinião, quase não prestava atenção na Samanta. (Patricia)

A família é considerada desestruturada por não corresponder ao padrão idealizado da família burguesa. Apesar de haver diversas maneiras de constituir famílias, o modelo idealizado é o da família nuclear, composta por pai, mãe e filhos, que estabelece o relacionamento heterossexual, monogâmico e patriarcal como modelo ideal no imaginário coletivo. Neste modelo, o homem é visto como provedor, o responsável pelo sustento econômico da família, enquanto a mulher estaria identificada com a casa, responsável pelas tarefas domésticas e pelos cuidados dos filhos.

Mas, por que família é ou se torna desestruturada?

P: As pessoas dessa família não se entendiam muito.

E: Por quê?

P: Eu não parei para pensar muito.

Não se consegue explicar o motivo que leva uma família a ser desestruturada, a família torna-se a vítima expiatória da desestrutura de seus membros. A condenação que a sociedade faz da família desestruturada é assumida como valor internalizado pelos seus pensamentos, que se expressam com o sentido subjetivo de terem uma família errada, inadequada.

Segundo Guareschi (2001), na legitimação da exclusão, é necessário encontrar uma vítima expiatória em quem depositar a culpa da marginalização, que é sempre o próprio excluído. O culpado não é um sistema, baseado em relações excludentes, que faz milhões de pobres, mas sim os próprios pobres.

Muitos arranjos familiares não se encaixam dentro deste modelo idealizado, caracterizado pela impessoalidade das tradições, dos modelos transmitidos pelas instituições, pela mídia. O modelo idealizado impede a reflexão sobre as condições concretas de vida das pessoas, dificultando a consideração de outras possibilidades de ação dentro da sua realidade. Surgem os conflitos quando as expectativas têm como referencial o modelo e não as pessoas em questão, e vive-se a sensação de estar errado por não corresponder ao padrão idealizado.

Essas estratégias de culpabilizar aqueles que não correspondem ao padrão são profundamente ideológicas já que se utilizam de formas simbólicas para criar, reproduzir relações de dominação, isto é, relações assimétricas, desiguais, injustas que legitimam a marginalização. (Guareschi, 2001)

Estes valores sociais idealizados exercem uma coação social sobre o mecanismo psicológico das pessoas, culpabiliza-se o indivíduo ou sua família por sua situação, promovendo uma desqualificação social do indivíduo que se sente estigmatizado pela sociedade.

Cabe aqui resgatar o significado do estigma, como cicatriz explícita feita para denunciar e marcar negativamente o seu portador, tal como descrito na obra do sociólogo Erving Goffman (1990).

“Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor - uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada, especialmente em lugares públicos”.

Torna-se muito difícil construir e manter uma boa imagem de si mesmo quando a sociedade como um todo a deprecia ou a inferioriza.

Como apagar os estigmas sociais?

C: Na verdade eu me apeguei aos rótulos, a favela tem um rótulo: falam favela, as pessoas têm medo. A favela tem um rótulo de que não existem coisas legais, não existem histórias legais. As pessoas contam, muitas vezes, só histórias ruins mesmo. Na roda de amizades, é o cara da rua de cima que morreu, o cara que começou a usar droga, o outro que... Tem sempre uma história ruim. Na maioria das vezes, o assunto quando não é futebol, de quem se ouve falar, você só acaba ouvindo histórias ruins.

Rendendo-se ao peso da diferenciação social que lhes é imposta, os próprios moradores da favela internalizam os estigmas, as marcas negativas, que lhe são atribuídos:

C: E mesmo de quem vive lá, as pessoas acabam alimentando muito essa história de só contar coisas ruins. Às vezes, se fala tanto de coisas ruins que não se consegue ver coisas boas.

Abre-se espaço para que as profecias estipuladas pela sociedade se realizem, as pessoas assumem as identidades pré-determinadas pela sociedade. Segundo Zaluar (1996), os pobres deixam de tornar-se trabalhadores porque sua própria condição de pobres ameaça e amedronta os patrões que lhes poderiam fornecer emprego. Ou seja, eles são tachados de perigosos antes de efetivamente o serem, ao terem que optar pela vida criminosa. A própria consciência de que sofrem esse estigma torna-se um fator a mais na sua opção pelo crime. Monta-se um círculo vicioso, que se transforma em um

obstáculo efetivo à obtenção de emprego e interfere poderosamente na constituição da subjetividade do indivíduo.

C: Tem todo estigma de arbitrariedade da polícia com relação a pessoas que não fazem nada, que são trabalhadores que ficam em atitude suspeita. Aí, automaticamente você vira vagabundo. A partir disso, já existe o direito de usar da violência para tentar arrancar alguma coisa de você, coisa que você nem tem. Às vezes, tentam subir uma coisa que você não tem, você não tem nada daquilo. Você não é nada daquilo que eles dizem, no entanto eles querem, eles imaginaram que você seja, e por que eles imaginaram, você se torna. Então, se eles imaginam que você estaria arquitetando um assalto, então automaticamente você está arquitetando um assalto. Não passar horas com você, tentando seduzir você, para você confessar uma coisa que não está fazendo.

O olhar da polícia estigmatizaria os moradores da periferia, tratando-os como criminosos, pertencentes à uma classe perigosa. A polícia usa de violência e arbitrariedade para resolver os conflitos, principalmente quando se trata de pobres, moradores das favelas e dos negros, mas ela não o faz por conta própria ou por ser uma autoridade, mas, sim, por reproduzir e representar os valores de uma sociedade (Adorno, 1994) que é autoritária, que prega o uso da violência para a solução de seus conflitos e que discrimina pobres e negros.

Basta analisar o subtexto da fala de Eduarda que clama por vingança e torce para que a polícia mate o traficante no seu acerto de contas :

Eduarda: A polícia toda está atrás desse cara e eu quero mais é que ele apodreça na cadeia, ou que morra mesmo...

Diante da profecia que a sociedade impõe aos pobres e marginalizados, não restam muitas saídas, e a consciência do estigma sofrido é um estímulo a mais para se assumir a identidade negativa do bandido. Segundo Guará, sua identidade estigmatizada acaba se incorporando à sua própria imagem, o estigma passa a funcionar positivamente, pois interessa construir uma imagem de violento e criar a ilusão de onipotência e a fantasia de dominação.

C: A gente queria padronizar, pegar por estigmas, tipo, o pessoal faz rótulos, as pessoas põem rótulos nas coisas e a gente tava observando que as pessoas estavam dando nomes bonitinhos para o traficante quando, na maioria das vezes, ele tem um apelido, ele não tem um nome de galã de novela. Aí, eu falei: “Vamos pôr Fininho, porque Fininho é nome de traficante”.

A partir do momento em que se assume uma determinada identidade em seu território, é difícil voltar atrás, resignificar a identidade assumida:

C: A primeira coisa que você vai saber de uma pessoa, se ela é traficante, é que ela é traficante; a primeira coisa que falam dela é “ô, aquele fulano ali é traficante de não sei da onde, de não sei o quê”.

Somente abandonando o território e assumindo o anonimato é possível recomeçar de forma diferente.

C: Então, (o traficante) quando sai, vai para outro lugar, para outra cidade, se torna anônimo como qualquer outra pessoa. Às vezes a pessoa tem uma esperança de: “Ah, ela não sabe, aí vou conseguir sair”, talvez seja um meio de ele não contar para ela, e pelo menos com ela, poder esquecer a vida que tem.

Um ciclo que se repete:

A família e a escola aparecem claramente como reprodutoras dos valores:

C: Então, é a família que te insere dentro deste meio e te insere a forma dentro deste meio. A família que te coloca dentro da escola e a escola acaba te dando uma visão fora da família: você tem a visão da família e na escola aprende a visão das pessoas de fora. Então é a família que acaba te colocando dentro deste meio.

A mídia aparece apenas de forma indireta como aquela que cria e divulga estereótipos estigmatizadores que são fatores a mais na reprodução de valores e na culpabilização individual:

P: Porque hoje em dia passa muita coisa de violência na televisão

C: E ele não tem um nome de galã de novela.

As famílias estabelecem um ciclo de vida que se repete, reproduzindo e transmitindo valores e cultura, perpetuando uma ideologia e formas de ação que, muitas vezes, são ineficientes e descoladas de sua realidade.

Cassius rompe com o significado de culpa historicamente atribuído às famílias empobrecidas, reproduzindo as idéias presentes no discurso do Movimento Hip Hop. Em seu discurso, busca poupar a família e atribui a um processo social mais amplo a reprodução dos valores. Também resgata a questão do racismo, como violência ideologizada que é continuamente reproduzida:

Independente se a família tem valores individuais que podem atrapalhar sua criação, mas estes valores acabam não sendo culpa do pai e da mãe, porque esses valores acabam sendo seculares. Há 500 anos que o Brasil é exploração, quem vai educar para a não-exploração? Quem conseguiu ter uma visão de que o Brasil foi explorado! Por que existe racismo até hoje? Porque as famílias educam para o racismo até hoje! (C.)

A família reflete os valores vigentes de uma sociedade e por isso torna-se um centro importante de manutenção da vida social.

Então, é um pouco dessa história que a família é importante nessa história. É o primeiro meio, muito da família acaba passando para você e a situação social se agrava porque não existe nenhum outro lugar que acaba te dando outra visão. (C.)

Para Cassius, construir uma percepção própria, pessoal e crítica implica trilhar um caminho árduo e ambíguo, assumindo a responsabilidade pessoal pela escolha dos rumos do vivido.

A forma que a elaboração de nossas experiências vai tomando passa pelos sentimentos envolvidos durante o processo de formação. O mesmo ocorre quando queremos mudar.

“Ou você consegue encontrar uma outra visão sozinho por uma percepção própria que aí é um no meio de um mil, ou você vai continuar vivendo nessa coisa limitada, essa coisa pequena e desestruturada”. (C.)

5) PROJETOS DE VIDA E MORTE

Trata-se dos projetos movidos pela potência de ação ou pela potência de padecer. Apreendemos que os projetos que aparentemente representam a reprodução ou manutenção da violência vivida podem conter a potência de transformação de uma determinada realidade e que o inverso também pode ocorrer.

Segundo Sawaia (2001 b), a potência de ação é a capacidade de ser afetado e afetar o outro num processo de possibilidades infinitas de composição da vida, que não se confundem com o mero impulso corporal, pressupõem a unidade entre corpo e mente, configurando uma força proveniente da alegria de saber-

se causa dos afetos e senhor das percepções e ações. O contrário da potência de ação é a potência de padecer que pertence à potência das emoções tristes provenientes das idéias inadequadas. Para Sawaia, a potência de ação é contrária ao poder de escravizar o outro e ao padecimento de se deixar escravizar.

Nesta mesma linha, Carreteiro (2001) afirma que há projetos que tendem à autonomia e buscam um movimento criativo, novo. Há ainda aqueles em que o aspecto heterônomo é mais evidente, onde há uma tendência à reprodução. No primeiro movimento haverá uma prevalência da criação de vínculos que propiciam o amor no sentido de união, de formação de vínculos originais. Contrariamente, o segundo movimento prima pelo ataque aos vínculos sociais, havendo um trabalho de destruição ou de desgaste dos mesmos.

Alguns jovens demonstram um conformismo diante da vida que levam, aceitam as limitações de sua condição social e sentem-se realizados com sua vida pacata que envolve um trabalho humilde e uma família. Se para alguns, este é o projeto de autonomia que os realiza, esta visão de mundo nem sempre é valorizada por outros jovens, que o percebem como submissão e auto-sacrifício humilhantes diante de uma situação injusta de desigualdade social. Encaram-no como aceitação da potência de padecer.

C: Às vezes, para alguns, eu não vou viver bem, por exemplo, vou trabalhar no serviço de pedreiro. Para mim é legal, vou trabalhar no serviço de pedreiro, vou receber tanto, tanto e tanto, dá pra viver mais ou menos, mas eu consigo tocar minha vida, eu vou levando.

O projeto de vida autônoma mais comum entre os jovens é aquele baseado nos valores do trabalho e da família, que se fundamentam nos valores morais da honestidade e humildade e na crença de ascensão social pelo trabalho que consiga garantir o suprimento das necessidades, sem excessos nem faltas. É no modelo tradicional - de reprodução dos valores - da família nuclear, patriarcal que se baseiam quando sonham em constituir sua própria família.

C: Porque na verdade é um sonho geral, seja traficante, ladrão, trabalhador, é um sonho geral, arrumar uma menina, casar, construir uma família, ter uma vida

tranqüila. Na verdade, se você falar com 20 pessoas que moram na periferia, 19 vão te responder que queriam ter uma vida tranqüila, não queriam..., não têm a ganância de ter uma vida com uma mansão com três quartos, piscina. Na verdade, eles querem é ter uma casa, um carro, poder dormir e não se preocupar se o dinheiro que ele vai receber no fim do mês vai dar para pagar a conta de luz, vai pagar a conta de telefone. Na verdade, é um sonho geral de todo mundo. Praticamente todo mundo quer ter uma vida tranqüila. Não quer ter enormidades de coisas, mas também não quer ter a vida que tem, tão sofrida, tão...

Há também os projetos das gerações anteriores de melhorar de vida e que passam de pai para filho. Os pais não conseguiram realizar seus sonhos e tiveram que deixar sua concretização para os filhos, que também não conseguem realizá-los e os transmitem para a geração seguinte. A expectativa de melhorar de vida está relacionada à percepção de uma mobilidade social em relação à geração precedente, no sentido de que tiveram acesso a recursos inexistentes em seus locais de origem, sobretudo no que se refere às oportunidades de trabalho, de consumo e de educação para seus filhos. O desejo de poder determinar e fazer sua própria vida muitas vezes escapa ao controle desses jovens. Se por um lado há uma potência de ação no desejo de atingir e concretizar sonhos das gerações anteriores, por outro lado, tornam-se escravos de sonhos do passado.

C: Na verdade, o que acontece na periferia é que as pessoas vão transferindo os seus sonhos: os avós tinham o sonho de ter uma casa tal e ter uma vida tranqüila. Eles não conseguem, então, quando eles têm um filho, eles batalham para que o filho batalhe e consiga ter uma casa, um carro e uma vida tranqüila e, automaticamente, os pais fazem isto também: batalham, batalham, não conseguem e transferem para os seus filhos e se cria um ciclo. E aí, lá pela terceira ou quarta geração é que talvez as duas famílias consigam ter vidas mais tranqüilas. Porque aí um casal que teve 5, 6, 7 filhos, aí os 5, 6 destes filhos se arranjaram na vida e aí eles começam a juntar aqui o dinheiro para ajudar os pais. Aí os pais constroem a casa ou os filhos constroem. Então é necessário uma mobilização grande, que poucas famílias acabam conseguindo, para atingir esse patamar. Na verdade, muito poucas.

Este movimento compensatório também aparece com freqüência nos projetos de jovens que buscam o dinheiro e sucesso rápido, demonstram a necessidade de aquisição de bens de consumo e de projeção diante de seus pares. Não acreditam em um caminho legítimo no mundo do trabalho que possibilite uma mobilidade social e optam pelo mundo do crime. Sentem-se livres e potentes ao imaginar que fazem seu próprio destino, mas também não

percebem que se tornam prisioneiros desse mundo. Ao escolher o mundo do tráfico para parar de dar "cabeçada" no mundo, escolhem a potência de ação, de SER. Entretanto, percebem que se tornam prisioneiros da vida no crime, assumem a potência de padecer ao escolher serem escravos do mundo do crime.

C: Um outro trampo para coisas melhores, já é mais difícil, já é mais impossível, já é mais distante. Porém, o tráfico está aqui do meu lado. Por enquanto, eu ainda tenho medo do tráfico, não quero o tráfico, tenho medo. Então eu vou insistir, vou dando cabeçada, só que eu não consigo andar, vou insistir mas não consigo andar, até que chega uma hora em que o tráfico, que está sempre do meu lado, bate na minha porta e me oferece uma chance. Aí eu vou e acaba indo e acabo sendo um traficante.

Quando percebem que não é possível estabelecer um projeto a longo prazo no mundo do crime, surge o desejo de romper e mudar de sua vida. A partir deste desejo de mudança, dá início ao processo de resignificação de sua condição, rompendo com o significado internalizado de traficante e resgatando sua condição de sujeito potente. Sente-se capaz de dar um novo sentido à sua vida, desde que se mobilize para ter um futuro.

C: O resto da vida dele é um dia, cada dia que ele acorda é uma vitória, o resto da vida dele é um dia. Não tem uma coisa assim de um plano para o futuro, o plano para o futuro que ele tem é dar um tempo, conseguir sair, sossegar, ter uma vida tranqüila, ir para o interior, como muitas vezes eles falam.

Romper com o mundo do crime é difícil. Poucos conseguem trilhar o caminho de volta, pois não basta apenas uma transformação interna, pessoal. Considerando que a subjetividade se constrói nas relações sociais, fica implícita a necessidade de que a sociedade lhe atribua novos significados para que possa mudar. Apesar de acreditar na possibilidade de refazer sua vida e romper com o significado de traficante, no subtexto de seu discurso fica clara a dificuldade de consolidar sua resignificação na sociedade, de romper com a significação social que a sociedade lhe atribui, que o aprisiona no espaço da marginalidade e da desordem social.

Reforça-se o discurso predominante da sociedade, que significa o traficante apenas pela negação, pelo que ele não tem, ignorando o esforço que faz para mudar. Partindo da concepção de que a subjetividade se constitui a partir das relações sociais fica claro em seu discurso que o fato da sociedade continuar

atribuindo a ele o significado de criminoso, gera conflitos e sentimentos que dificultam seu processo de resignificação e podem vir a prejudicar sua reinserção social.

Fininho: Eu queria ter feito a minha vida, mas a vida foi me fazendo e vamo vê no que vai dar

Fininho: Tem hora que a gente quer dar um tempo.

C: É dar um tempo da vida que ele leva. Pelo menos eu ainda não vi ninguém que diz: “não, é essa a vida que eu quero, tô bem assim”. Na verdade, todas as pessoas que estão no tráfico, elas dizem: “eu queria parar, queria dar um tempo, queria ficar na minha”. Na verdade, o que você mais escuta dessas pessoas é isso.

Por outro lado, muitas vezes, os jovens, para fugir das dificuldades concretas de sua vida, projetam-se em sonhos idealizados, inatingíveis, que pouco esclarecem sobre os seus desejos pessoais e a forma de atingi-los.

Samanta: Queria ser feliz para o resto da minha vida.

Muitas vezes, a impotência diante da vida pode levá-los a sonhos compensatórios em que se vêem fantásticamente potentes e capazes de ser tudo o que escolherem ser. Entretanto, não se percebem prisioneiros de seus sonhos, anulando-se ao concretizá-los, reproduzindo o mesmo padrão de vida.

Samanta exerce sua potência de ação quando assume como projeto de vida sair do inferno que era sua família, porém é capturada pelo amor e pelo projeto de ser a salvação de um traficante, torna-se escrava de seus sonhos. Ao tentar libertar-se dessa condição, é morta e não consegue realizar a sua potência de ação.

C: É sonho de menina mesmo, essa coisa de que “vou mudar o cara, para ele sair dessa vida, eu vou transformar, vou ser a salvação”, meio que sonho de menina, essa coisa da paixão: “estou apaixonada, estou cega”. Então fica essa coisa de sonho de menina, de tirar dessa vida... No entanto, um sonho que é quase uma utopia, porque é meio complicado e, aí, pode pôr em risco sua própria vida.

Ao perceber que as condições de vida poderiam ser diferentes, surge um sentimento de indignação, que pode se concretizar em um projeto de

transformação. Muitas vezes é a partir do sentimento de raiva, de indignação frente às injustiças sociais que se alicerçam os desejos de mudança. A busca do poder e da liberdade são os sentidos que emergem do subtexto de seu discurso de Cassius.

Fininho: Não precisava ser assim.

Ao questionar se vai ser diferente amanhã, há uma cobrança explícita da sociedade, porém o discurso implícito revela a necessidade de se sentir capaz para ajudar, de alguma forma, a fazer um mundo diferente para o futuro.

C: E o não precisava ser assim é que nada disso precisava ser assim dentro desta história. Não é só a questão da morte da Samanta. É a história, a minha história, a história do Fininho em especial, não precisava ser assim. A gente não precisava viver num mundo assim, a minha história podia ser diferente, não precisava ter passado por tudo o que eu passei, eu poderia ter conhecido a Samanta sem ter um tiroteio, poderia ter salvo ela de uma queda e não de um tiroteio. Nada desta história precisava ser assim, tudo podia ser diferente, e não precisava ser assim. Antes de ser uma afirmação, é uma pergunta: vai ser diferente amanhã? Como é que vai ser?

A construção desta peça foi a forma encontrada por um grupo de jovens para expressar a sua potência de ação, a luta pela transformação. Por meio da peça concretizam seus sonhos de transformação. A aceitação da idéia de que a condição de ser determinada coisa é produzida socialmente, de que por isso, pode ser modificada, de que a mudança é uma característica dialética e sócio-histórica da constituição do ser humano, que se transforma ao transformar a realidade, construindo e sendo construída por ela, move os atores sociais.

O conteúdo da peça é conservador e reproduz valores sociais, podemos notar pela moral da história que há uma postura moralista, identificada com os valores propagados em nossa sociedade de que temos que obedecer a família, meninas não devem sair de casa, homens são donos de mulheres, existe um modelo correto de família.

A forma, entretanto, revoluciona, demonstra a potência de ação. Ao construir a peça, os participantes resignificam o seu papel como sujeitos potentes que podem expor suas idéias e transformar a realidade, fortalecem seu papel de

sujeito de sua própria história. Ao participar do grupo e construírem coletivamente suas produções, fortalecem sua auto-estima, desenvolvem relações de solidariedade entre si, descobrem coisas novas sobre si mesmos. Anseiam em ser reconhecidos e valorizados e trabalham no sentido de fortalecer seu protagonismo, resgatam sua potência enquanto sujeitos e abrem o caminho para o estabelecimento de relações positivas com a sociedade.

Este grupo de jovens mostra que é possível a passagem da juventude associada à violência para a juventude associada à cidadania, desde que haja um movimento pessoal e social nesta direção. Não depende apenas da vontade ou do desejo pessoal e sim de uma mudança mais profunda da sociedade com relação à forma de ver e significar a juventude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos apresentar as principais questões relacionadas à violência expressas na peça teatral "Óperiferia", criada por um grupo de jovens das classes populares do município de Diadema, e nas entrevistas com os sujeitos significativos. Nosso objetivo foi possibilitar uma ampliação do conhecimento sobre o significado social e sobre os sentidos subjetivos atribuídos por estes jovens à violência.

A construção desta peça foi a forma encontrada pelos jovens para expressar a sua potência de ação. Por meio da peça eles concretizam seus sonhos de transformação.

Apesar da peça apresentar um conteúdo conservador e moralista, reproduzindo valores sociais como a desigualdade entre homens e mulheres e a existência de um modelo idealizado de família, a forma como a peça foi concebida, revoluciona ao demonstrar a potência de ação desse grupo.

Ao construir a peça, os jovens ressignificam o seu papel como sujeitos potentes que podem expor suas idéias e transformar a realidade. O processo de construção da peça promoveu a melhoria da auto-estima dos jovens e fortaleceu seu papel de sujeito da própria história.

Com este estudo, procuramos romper com a dicotomia que reduz os jovens à condição de vítimas ou algozes da violência e com a visão naturalizante que associa a violência à juventude, propondo uma visão dialética da realidade: a sociedade promove a transformação do indivíduo, ao mesmo tempo que o indivíduo transforma a sociedade. Somente a partir desta relação dialética poderemos promover uma mudança da cultura de violência em nossa sociedade.

Para isso, é necessário mudar o olhar da sociedade em relação à juventude, de uma forma crítica, que leve em conta esta visão dialética. Tal processo exige o

envolvimento de diversos setores da sociedade: mídia, serviços comunitários, escola, centros de convivência e de juventude, escolas profissionalizantes, postos de saúde, centros culturais, centros esportivos e de lazer, assistência social, assessorias de juventude, polícia e justiça. É necessário que a sociedade se mobilize e participe de instâncias de formulação e decisão sobre políticas públicas, tais como os conselhos e os fóruns municipais.

Este trabalho, ao mostrar os significados atribuídos à violência por jovens concretos, inseridos em uma realidade permeada de contradições e de sentimentos ambíguos, buscou resgatar a imagem dos jovens da periferia como sujeitos que se constroem a partir de sua inserção no mundo e das relações que estabelecem nesse mundo, modificando-o e sendo modificado por ele.

Cabe ressaltar a questão da diferença entre os gêneros: os olhares diferenciados do jovem e da jovem entrevistados não receberam o destaque merecido por não ser o objetivo deste trabalho e por não haver tempo suficiente para aprofundar as reflexões sobre esse tema. As diferenças de visão entre os gêneros masculino e feminino evidenciaram-se, por exemplo, nas questões relativas ao amor e aos relacionamentos afetivos, nos projetos de vida e nos papéis sociais esperados ou desempenhados. Notamos diferenças marcantes em suas respostas dependendo do gênero e de sua trajetória de vida. Enquanto Patrícia parecia falar com base na sua vivência real, respondendo às questões colocadas a partir de uma lógica não-institucionalizada, Cassius parecia respaldar-se na lógica da cidadania, respondendo às questões com falas idealizadas que nem sempre refletiam a prática cotidiana.

Notamos, além disso, a ausência da figura da mãe na peça e sua forte presença na entrevista de Cassius, em contraste com a presença relevante da figura do pai na peça e a fragilidade de sua presença nas entrevistas. Nossa hipótese é de que, como a história da peça transcorre fora dos limites da casa, a rua seria o espaço de sociabilidade dos homens enquanto a casa constituiria

o espaço de sociabilidade das mulheres, o que justificaria a presença do pai e a ausência da mãe na peça.

Em relação às políticas públicas brasileiras, entendemos ser necessário trabalhar com dados da realidade concreta e comprometidos com as transformações reais da qualidade de vida dessa população. Para isso, não basta focar nos jovens – eles próprios são enfáticos em dizer que a família é sua base de sustentação. São necessárias políticas públicas voltadas para a família e que garantam sua valorização por meio de oportunidades de geração de trabalho e renda.

A transformação da relação juventude/violência em juventude/cidadania só é possível com metodologias pedagógicas participativas, voltadas para o desenvolvimento da autonomia e que permitam ao jovem exercer seu protagonismo e assumir o significado social de ser sujeito da própria história.

Ao empreender este trabalho, nosso objetivo foi o de contribuir para a produção de conhecimento sobre a violência, para que se desse maior visibilidade à questão da juventude, desmistificando esta relação. Buscamos fortalecer o diálogo entre a prática e a teoria a fim de incentivar a proposição de metodologias inovadoras que potencializem a juventude, que venham de encontro às suas necessidades, seus desejos e suas motivações, que se baseiem no respeito às diferenças e na valorização dos potenciais e dos afetos, possibilitando ressignificações potencializadoras para a juventude.

BIBLIOGRAFIA

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981

ABRAMO, H. W. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: ANPOCS/ Scritta, 1994.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação, número especial Juventude e Contemporaneidade, São Paulo, maio a dez, 1997.

ABRAMOVAY, M. et al. Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 1999

ADORNO, S. Ética e violência: adolescentes, crime e violência. In ABRAMO, H. W.; FREITAS, M. V. de ; SPÓSITO, M. P. (orgs). Juventude em debate. São Paulo: Cortez, 2000.

ADORNO, S. Violência: um retrato em branco e preto. In: GROSBAUM, E.; ALVES, M.L.; MARTINS, A.M. (coords) Violência , um retrato em branco e preto. São Paulo: FDE, 1994.(Série Idéias n.21).

AGUIAR, W.M.J. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico In BOCK, A. M.B.; GONÇALVES, M. G. M. ; FURTADO, O. (orgs) Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001.

AGUIAR,W.M.J.; BOCK,A.M.B.; OZELLA, S. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In BOCK, A. M.B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs) Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001.

ARCE, J. M. V. Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

ARIÈS, P. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BOONEN, P.M. Sobre a vida em uma rua violenta: percepções de seus moradores. Dissertação de mestrado em Educação. São Paulo: FEUSP, 2000.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (E.C.A.). Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. In Condeca. São Paulo: Governo do Estado de SP, 1997.

CALVINO, I. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

CARDIA, N. Pesquisa sobre atitudes, normas culturais e valores em relação a violência em 10 capitais brasileiras. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

CARRETEIRO, T. C. A doença como projeto: uma contribuição à análise de formas de filiações e desfiliações sociais. In: SAWAIA, B. (org) As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001

CARVALHO, M.A.R. de. Violência no Rio de Janeiro: uma reflexão política In PEREIRA, C.A.M. et al. Linguagens da violência. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DA MATTA, R. As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social. In: BENEVIDES, M. V. et al. A violência brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DIADEMA. Coordenadoria de Defesa Social de, Plano de Segurança para Diadema: Diadema segura. Diadema: Prefeitura Municipal, mimeo, 2002.

ERIKSON, E.H. Identidade, Juventude e Crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FÉRREZ. Capão Pecado. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.

FREITAS, M. T. de A. Vygotsky & Bakhtin- psicologia e educação:um intertexto. São Paulo: Ática, 1999.

FUNDAÇÃO SEADE. <http://www.seade.gov.br/ivj/principal.html>, 2003.

GALEANO, E. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 1991.

GOFFMAN, E. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 1990.

GOLDMANN, L. Dialética e cultura. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GONZÁLEZ REY, F. La investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos. São Paulo: Educ, 1999.

GONZÁLEZ REY, F. O emocional na constituição da subjetividade. In: LANE, S.T.M. e ARAÚJO, Y. Arqueologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUARÁ, I. M. F. da R.. O crime não compensa mas não admite falhas: padrões morais de jovens autores de infração. Tese de doutorado em Serviço Social. São Paulo: PUC, 2000.

GUARESCHI, P.A. . Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: SAWAIA, B. (org) As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOBBSAWM, E.J. Bandidos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

MELLO JORGE, M. H. P. Como morrem nossos jovens. In: CNPD (Comissão Nacional de População e Desenvolvimento). Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Vol 1. Brasília, 1998.

MICHAUD, Y. A violência. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, M.C. de S. et al. Fala galera: juventude, violência e cidadania. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NAKANO, M. Jovens: vida associativa e subjetividade: um estudo dos jovens do Jardim Oratório. Dissertação de mestrado em Educação. São Paulo: FEUSP, 1995.

NETO, A.M.Q.F. & QUIROGA, C. Juventude urbana pobre: manifestações públicas e leituras sociais. In: PEREIRA, C.A.M. et al. (org). Linguagens da violência. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

O PSDB e a violência. Revista Isto é, 09.04.1997.

OZELLA, S. Concepções de adolescente/adolescência: os teóricos e os profissionais.(mimeo) São Paulo: PUC, 1999.

PERALVA, A. Violência e democracia- o paradoxo brasileiro. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PEREIRA, I. e CARVALHO, M do C. B de. Trabalho do Adolescente: mitos e dilemas. Série Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Caderno no.2. São Paulo: IEE/PUC/SP, 1994.

PERES, F. & ROSENBERG, C.P. Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública. Saúde e Sociedade 7 (1): 53-86, 1998.

- PINHEIRO, P.S.. Diagnósticos da violência. In PINHEIRO, P.S et al. São Paulo sem medo: um diagnóstico da violência urbana. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.
- RONDELLI, E. Imagens da violência e práticas discursivas. In PEREIRA, C.A.M. et al. Linguagens da violência. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SALLAS, A. L. F. et al. Os jovens de Curitiba: desencantos e esperanças, juventude, Violência e cidadania. Brasília: Unesco, 1999.
- SANTOS, B. R. dos. A emergência da concepção moderna de infância e adolescência. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. São Paulo: PUC, 1996.
- SAWAIA, B. Exclusão ou Inclusão Perversa?. In: SAWAIA, B. (org) As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001a.
- SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. (org) As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001b.
- SCARPARO, J., ALVES, N. Diadema lidera redução de crime no país. Diadema em pauta, 31.01.2003. <http://www.diadema.sp.gov.br>
- SILVA FILHO, J. V. da. O perfil do homicídio: um estudo em Diadema. São Paulo: Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, mimeo, 2002.
- SOUSA, J.T.P. de. Reinvenções da Utopia: a militância política de jovens nos anos 90. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- SPOSITO, M.P. Estudos sobre juventude em educação. Revista Brasileira de Educação, número especial Juventude e Contemporaneidade, São Paulo, maio a dez de 1997.

TOLEDO, J.R. de. Diadema é a cidade mais violenta do país. Folha de São Paulo, 15.08.1999.

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, G. e ALVITO, M.(orgs) Cidadania e violência. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 2000.

VENTURA, Z. Cidade partida. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VIANNA, H. (org). Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

VIGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. 6ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WASELFISZ, J. J. et al. Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília. São Paulo: Cortez, 1998 a.

WASELFISZ, J. J. Mapa da Violência: os jovens do Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 1998 b.

WASELFISZ, J. J. Mapa da violência II: os jovens do Brasil. Brasília: Unesco, 2000.

ZALUAR, A. Da revolta ao crime s/a. São Paulo: Moderna, 1996.

ANEXO 1

PEÇA TEATRAL: ÓPERIFERIA

*“Sua vida, ele sabia que não tinha muito valor; e que em breve ele não seria mais caçador e sim, presa”
(Ferréz, 2000, p.143)*

CENA I – SAMANTA CONTA A SUA HISTÓRIA

Samanta: Meu nome é Samanta Rosemberg, tenho 16 anos. Minha família é totalmente desestruturada, vivo brigando com meus irmãos, não consigo ser amiga dos meus pais, por isso curto a vida de qualquer jeito!

Droga, pra mim, é super normal, não me preocupo com o amanhã.

Há um tempo atrás encontrei meu grande amor, ele me salvou de um tiroteio... aliás, demorei muito para sacar que era um tiroteio, pensei que fosse festa... fogos de artifício. Me apaixonei perdidamente por ele e ele por mim.

Era tudo que eu queria na minha vida. Sair do inferno que era a minha família e ser feliz para o resto da minha vida...

CENA II – FININHO SE APRESENTA

Fininho: Eu, não, aos oito anos eu já sabia muito bem a diferença entre o que era tiro e o que era fogos de artifício... Bala é seco, é pra dentro... Fogos é pra fora, é só festa ou aviso de que tem gente estranha na área. Tá bom demais pra quem nasceu no corredor de um hospital.

Mas sei lá né mano, tem hora que a gente quer dar um tempo, ter família, arranjar uma mina legal que entenda a nossa correria, mas é difícil.

Eu queria ter feito a minha vida, mas a vida foi me fazendo e vamo vê no que vai dar... Aí tudo aconteceu mais ou menos assim:

CENA III – SAMANTA, A AMIGA E O TRAFICANTE

Samanta: Eduarda, Eduarda, você não sabe o que aconteceu, conheci um cara super legal.

Eduarda: Aonde, aonde?

Samanta: Foi ontem no Clube da Cidade. Ele é lindo! Tem uma tatuagem no braço, acho que é no direito, é o rosto de uma mulher com uma assinatura.

Eduarda: Mas como é que foi isso? Conta!

Samanta: Uma loucura, não sei como é que começou, era tiro pra todo lado, eu pensei até que fosse alguma festa, teve uma correria, e quase morri se não fosse ele me empurrar.

Eduarda: Mas isso é um romance de cinema!

Samanta: Pois é! Não sei mas eu vi um brilho diferente nos olhos dele.

Eduarda: E aí? Como é o nome desse príncipe encantado?

Samanta: Luiz Henrique. Até o nome é lindo... Eu só não gosto do apelido dele... Fininho, você acha, com um nome lindo desses e o pessoal chamar ele de Fininho, eu não me...(a amiga interrompe)

Eduarda: Pára Samanta, pára Samanta, pára!

Samanta: O que foi, você conhece ele?

Eduarda: Eu não acredito que você está envolvida com esse traficante desgraçado!

Samanta: Que traficante, você está louca?

Eduarda: Era ele que vendia droga pro meu irmão, destruiu a nossa família.

Samanta: Eu não sabia! Mas isso não muda em nada. Eu o amo e vou tirar ele dessa vida.

Eduarda: A polícia toda está atrás desse cara e eu quero mais é que ele apodreça na cadeia, ou que morra mesmo...

CENA IV- O ANEL DE COMPROMISSO

Samanta: Fininho, você precisa se ausentar por algum tempo, te deduraram e a polícia está a tua procura.

Fininho: Quem te contou? Eu vou matar esse desgraçado!

Samanta: Não posso falar, é para seu próprio bem. Por que você não me falou o que você fazia, meu amor?

Fininho: Ê ...ó, sem esse papo... Tô contigo não tô... Então... Tô a fim de você e essa é a minha correria mina ê! Você pode mudar essa história, é difícil eu falar isso ó, mas eu preciso de você.

Samanta: Tá bom, vamos esquecer isso tudo!

Fininho: Vou dar um tempo, mas eu não quero perder você. Me dá tua mão!(coloca um anel no dedo da amada) Isso é pra provar que a gente tá junto....

CENA V – A DÍVIDA DO PAI

Samanta: Meu amor, tem um problema...

Fininho: O que é que tá pegando?

Samanta: O meu pai... Tá com uma dívida alta, não tem como pagar, nós vamos perder a casa e não temos pra onde ir.

Fininho: Quanto?

Samanta: Meu Deus, é muita grana!

Fininho: Fala mina, pô!

Samanta: 50.000 reais

Fininho: 50 paus? Fica fria, fala com o Jorjão do Ponto de Encontro à noite, que ele já vai tá sabendo. só leva o número da conta. Mas avisa pro teu pai que eu vou lá amanhã

CENA VIII- A REFÉM

Fininho: (Agarra Samanta por trás, saca a arma, aponta pra cabeça de Samanta)
Ninguém se mexe!

Vizinhança: (Palavras de ordem)

Fininho: Acabou... acabou...

Samanta: Fininho, pelo amor de Deus, o que a gente vai fazer agora? Você desgraçou a minha vida, porque eu fui me meter com você, some daqui, me larga, eu te odeio...

Fininho: Eu te amo, não me força a fazer uma besteira! Eu mato todo mundo!!!

Samanta: Por que você tá fazendo isso comigo?

Fininho: Eu quero sair daqui numa boa... E vou sair!

CENA IX – O TIRO

Eduarda: Corre, Samanta, corre!

(Samanta se desvencilha de Fininho e corre)

Fininho: Não!!!! (atira)

(Samanta cai morta no chão)

Eduarda: Por quê???

CENA X – O ARREPENDIMENTO

Fininho: Eu não tive outra saída, ela me traiu. Enquanto tiver quem compre, eu vou vender, enquanto tiver quem queira me matar, eu vou matar. Não precisava ser assim... Não precisava ser assim...

ANEXO 2

ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM O JOVEM CASSIUS

DATA: 05/06/02

Duração: 40 minutos

E: Como foi a montagem da Óperiferia, quais são os pontos marcantes da peça, de onde nasceu essa idéia?

C: O mais legal foi ter sido uma construção em conjunto, ter todo mundo participado, todo mundo escreveu o texto, deu o nome dos personagens e tal ...

E: Como foi a escolha de nomes dos personagens?

C: O pessoal foi falando lá, cada um foi dando o seu nome, uns tentaram, cada um foi traçando um biotipo, tipo, o Rosemberg foi até o L (um colega do Projeto) quem escolheu, mas foi assim, foi brincadeira, a gente queria padronizar, pegar por estigmas, tipo, o pessoal faz rótulos, as pessoas põem rótulos nas coisas e a gente tava observando que as pessoas estavam dando nomes bonitinhos para o traficante quando, na maioria das vezes, ele tem um apelido, ele não tem um nome de galã de novela. Aí, eu falei: "Vamos pôr Fininho, porque Fininho é nome de traficante".

E: É, o nome dele era Luiz Henrique...

C: Acho que Luiz Henrique foi uma outra escolha aí. A gente pôs Fininho, a gente nem pôs nome próprio, pôs Fininho, e o Rosemberg é porque a gente queria tratar do estigma de uma família de um outro lado, de um outro nível. Tipo, Rosemberg é um nome gringo, estrangeiro. A gente quis pegar um outro estigma, um outro rótulo desse conflito entre classes.

E: Então seria para mostrar esse conflito de classes. Samanta representaria uma outra classe social... O Fininho se associa com o quê? O nome, o apelido Fininho?

C: É o apelido, que na rua, na favela a gente sempre..., o pessoal pega um ponto e põe um apelido em você. Às vezes o pessoal inverte as coisas, se você é gordo o pessoal te chama de magro, se você é magro, o pessoal te chama de gordão, tem essas coisas assim. Mas o Fininho, a gente pegou assim, imaginando que fosse um cara, porque na maioria do pessoal que se envolve são pessoas que não são fisicamente fortes, altas e tal, mas o pessoal que se envolve são pessoas que na infância ou até na adolescência acabaram sofrendo uma espécie de violência na escola, na rua, por conta de não serem tão fisicamente fortes, por serem baixinhos, por serem magros e o pessoal que é mais velho ou mais alto acaba dando cascudo, fazendo brincadeiras mais violentas por conta dessa fragilidade física, aí a gente pensou o reflexo dessa conta aí.

E: Então provavelmente o Fininho teria um porte físico frágil...

C: Exato, quando eu coloquei o nome Fininho, eu pensei assim, vamos pensar por um estigma assim: ser uma pessoa magra e baixa e vai ser Fininho o nome dele.

E: E que sofreu violência por parte dos colegas na infância e na adolescência. Isso tem a ver com o caminho que ele vai escolher, você acha?

C: Na verdade a gente não pensou muito nisso, tipo se isso tem muito a ver. A gente pensou: Fininho é um apelido, ele é magro e é baixinho e é assim, e a gente pôs Fininho. Então, essa coisa da violência e tal é uma coisa que acontece até freqüentemente, mas que não é uma regra também. Nem todo mundo que tomou cascudo na escola vem a ser violento no futuro, às vezes nem tanto, até porque você não passa a vida inteira magro, você cresce e, às vezes, você pode escolher outros caminhos. Não sei, isso não tem muito a ver. O que a gente se apegou mais para ele ter ido para outros caminhos foi a infância e a vida que ele viveu, tipo, sem mãe, tipo, já ter nascido num lugar ruim.

E: No corredor do hospital...

C: No corredor do hospital, a gente se apegou nessas coisas assim. A gente criou uma história assim, a gente pôs Fininho para dar o tom de fragilidade, por ser uma pessoa frágil. E, a vida torta veio por esta questão de já ter nascido nessa situação complicada, de pai beber, de não ter pai, da mãe já ter morrido no começo. Lembro que quando a gente escreveu a nossa história a gente até pensou, a gente fez que o pai começou a beber a partir de que a mãe morreu. A gente foi dando fundamentos para as coisas assim. A vida vem a partir daí, dessa situação.

E: Ele já nasce numa situação muito difícil...

C: E aí, a situação ao invés de melhorar, ela vai se complicando, a situação é ruim. Aí em seguida, o pai começa a beber, a situação vai se complicando.

E: E como ele chega a ser traficante?

C: A gente pensa no traficante porque dentro da coisa do crime ou desse universo periférico acaba sendo a opção de mais glória. Dentro do crime, quem atinge o status de traficante, é chegar a um status, como se você tivesse chegado ao auge da carreira criminosa. Dentro desse universo periférico aí, ele passa a ganhar não só o medo, mas, muitas vezes, a admiração mesmo das crianças que moram na rua, ele passa a ser uma pessoa famosa até, porque ele vai andar com os melhores carros da vila, ele vai dar..., vai realizar a festa de Cosme e Damião, ajudar a formar festa junina, então, ele acaba trazendo um entretenimento que não existe no bairro.

E: Ele acaba sendo querido pela comunidade?

C: Não sei se querido, mas, assim, a um limite das pessoas preferirem ter, sabe redução de danos, de todos os males o pior dos males, que fique o que cause menos males. Acaba sendo isso, porque as pessoas, muitas vezes, acabam tendo mais medo da polícia em si do que do próprio filho delas se viciar por conta do traficante. Por uma questão de pânico mesmo. Porque a polícia, muitas vezes, quando ela sobe o morro, na maioria das vezes, ela não vai para prender o traficante e livrar a comunidade, ela vai para fazer acerto com o traficante e bater nos nória. Vai para pegar um viciado e nunca um dono da boca, até porque ela quer pegar o viciado para chegar no dono da boca e poder tirar um dinheiro dali.

E: Então não é para acabar com o crime, é para tirar vantagem dele...

C: Não é para acabar com o crime, é para tirar vantagem daquela história e tem todo um estigma de arbitrariedade da polícia com relação a pessoas que não fazem nada, que são trabalhadores, que ficam em “atitude suspeita”, num horário complicado, tipo, conversar na frente da casa à meia noite. Aí, automaticamente você vira vagabundo. A partir disso, já existe o direito de usar da violência para tentar arrancar alguma coisa de você, coisa que você nem tem. Às vezes, tentam subir uma coisa que você não tem, você não tem nada daquilo. Você não é nada daquilo que eles dizem, no entanto eles querem, eles imaginaram que você seja, e por que eles imaginaram, você se torna. Então, se eles imaginam que você estaria arquitetando um assalto, então automaticamente você já está arquitetando um assalto. Não passar horas com você, tentando seduzir você, para você confessar uma coisa que você não está fazendo.

E: E depois de passar por uma experiência como essa, o que acontece normalmente, que tipo de marca isso deixa ou não?

C: Aí, é o medo geral da polícia. Chega ao ponto de você preferir que exista um traficante do que uma polícia, um medo geral. Desde o filho que sofre a violência, que muitas vezes acaba sendo um adolescente, e ele vai contar para a mãe e, automaticamente, a mãe, o pai e toda aquela família já começa a ter o mesmo medo da polícia, a mesma raiva da polícia. Não existe a coragem de dar uma queixa ou de tentar fazer alguma coisa porque, depois da meia noite, ninguém é de ninguém, à noite é complicado, então assim. Isso é uma coisa que praticamente toda a revista em que é usada de abuso de autoridade é dito isso: “ó, muito cuidado com o que você fala, porque da mesma forma que eu te encontrei aqui a essa hora, posso te encontrar num outro dia”. Existe um pacto de silêncio geral. Assim como o traficante faz um pacto de silêncio com a comunidade, tipo “não me cagoete porque você corre risco de vida”, a polícia faz a mesma coisa. Às vezes, a polícia é bandido da mesma forma. É difícil, às vezes, você conseguir separar. Às vezes, você tem o mesmo medo dos dois.

E: Tem uma hora no rap da Óperiféria que diz “uma história de amor começa na favela, um romance num lugar onde não tem história bela”. O que você acha disso?

C: Na verdade, a favela tem um rótulo: falam favela, as pessoas têm medo. A favela tem um rótulo de que não existem coisas legais, não existem histórias legais. As pessoas contam, muitas vezes, só histórias ruins mesmo. Na roda de amizades, é o cara da rua de cima que morreu, o cara que começou a usar droga, o outro que... Tem sempre uma história ruim. Na maioria das vezes, o assunto quando não é futebol, de quem se ouve falar, você só acaba ouvindo histórias ruins. E mesmo de quem vive lá, as pessoas acabam alimentando muito essa história de só contar coisas ruins. Às vezes, se fala tanto de coisas ruins que não se consegue ver coisas boas. Por isso que, às vezes, uma história de amor passa batido, as pessoas não conseguem enxergar. Às vezes, têm histórias até dramáticas, muito contadas nos bailes. Acabam sendo dramáticas, mas são histórias de amor, que seriam coisas assim, até shakespearianas, do tipo: a mulher que se separa do marido, o cara enlouquece. Enlouquece mesmo, de ir morar na rua, de parar em manicômio, coisas assim. Enlouquece mesmo, pira por completo. Histórias assim de, às vezes, um assassinato dramático, alguma coisa assim que a pessoa não consegue se encontrar mais. Você tem histórias de romances, coisas assim, mas que as pessoas, às vezes, contam de uma forma assim: “ ah, o cara é trouxa, enlouqueceu por causa da mina”. E acabam falando como se fosse uma coisa ruim. Lógico que é ruim porque o cara pirou mas, assim, tem um lado belo nessa história, de ser realmente um amor

verdadeiro, de ser realmente uma coisa real, de não ser uma coisa forjada e tal , então às vezes ...

E: Uma coisa é o rótulo de que na favela não há história bela, visto pelas pessoas de fora. Mas até as pessoas de dentro da favela, pelo que você conta, também só conseguem dar atenção às coisas dramáticas. Por que você acha que isso acontece?

C: É complicado porque você tem as coisas do cotidiano. Por exemplo, eu costumo dizer que quem vive a infância numa comunidade , acaba vivendo uma infância muito mais legal do que quem vive uma infância dentro de um condomínio fechado. Porque, pelo menos do que a gente sabe, quem vive uma infância no condomínio fechado tem limites, ele tem os limites da grade. Ele tem as brincadeiras pontuais, ele tem um clube , ele tem o curso de inglês, ele tem a academia, ele tem coisas que muitas vezes quem está na periferia gostaria de ter. Porém, quem vive na periferia tem um círculo de amigos maior, porque você acaba brincando não somente com seu irmão, você acaba brincando com a rua inteira, muitas vezes, com a vila inteira. A vila inteira se junta para brincar de esconde-esconde, se junta para brincar de pega-pega, e por aí vai. Você tem milhões de brincadeiras, você tem coisas divididas por tempo. Assim, ninguém escreveu uma cartilha e falou: agora é tempo disso, é tempo daquilo, mas tem, né. Tem o tempo do pião, da bolinha de gude, tempo de empinar pipa, você tem tempo para cada brincadeira. Jogar taco, acho que existe só no Brasil taco, acho que não existe em lugar nenhum do mundo, e são coisas assim. Futebol só, entra. Às vezes é difícil os outros esportes, porque não existe um investimento para popularizar outros tipos de esportes. E o futebol é simples, as pessoas com uma bola de meia e quatro pedras, você joga bola, entendeu? No basquete, você ia precisar do aro, você ia precisar de uma série de coisas, assim como o vôlei, assim como outras coisas e já, o futebol, não, o futebol é simples.

E: E o que é o taco?

C: O taco é uma brincadeira muito comum, que em muitos lugares você deve ter com diferentes nomes. É uma brincadeira que você tem que ter duas latas de óleo, uma de lado da outra e duas pessoas que arremessam a bolinha para derrubar a lata e outras duas com o taco, então são duas duplas. A dupla que vai no taco e a dupla que joga a bolinha para derrubar a lata . Se a dupla que derrubar a lata..., a dupla que arremessa a bola, derrubar a lata, vai para o taco e a que está no taco vai para bolinha. Tem umas regras assim, tipo, se a dupla que está no taco jogar a bolinha longe, ela corre e troca de posição, cada vez que ela trocar de posição são dois pontos, são dois , quatro, seis, acaba doze. Tem uma roda aonde a dupla que está com o taco fica, um lugar onde fica a latinha e se a pessoa está fora dessa roda, a bolinha pode queimar a pessoa e aí ficar com o taco. Então você tem umas regras do jogo assim, então, acho que é uma criação nacional, não conheço nenhum outro lugar que tenha, tipo, uma competição mundial de taco.

E: Interessante, eu pelo menos, não conheço...

C: Você tem um leque de brincadeiras e um leque de amigos que se estende conforme o tempo. Conforme o tempo, você começa a ficar mais velho e aí sua mãe deixa você descer para rua de baixo, a rua de cima. Você começa a ir para escola, você conhece outros amigos da escola, você começa a fazer lição de casa na casa dele. Você tem um leque de pessoas assim, você aproveita muito essa questão de infância, embora tenha

todo o terror, todo o medo de todas as mães. A mãe tem medo do filho ficar na rua, “é perigoso”. Embora você tenha todas essas questões, você ainda tem uma questão de liberdade.

E: Isso afeta ou não o comportamento dos filhos, esse temor dos pais de alguma forma inibe que o jovem saia ou não?

C: Inibe, inibe. Eu mesmo, a minha mãe só deixava eu ir para rua quando: à tarde. Tinha um horário, depois que escureceu eu tinha que vir para casa. Lógico que às vezes você acaba não respeitando e cria uma série de coisas mas, assim, tinha regras, tipo: “escureceu vem para casa”, “não fica mais de tantas horas na rua”, “não anda na rua”. Às vezes, pelo temor dos pais, os pais querem escolher seus amigos, tipo, “não, não anda com esse, porque esse é filho de fulano e é perigoso”, entendeu. Então, tem essas coisas assim que prejudica, essa relação às vezes acaba não sendo mais amistosa, não se ampliando por esta questão. Às vezes, o excesso de preocupação - não é excesso, é uma questão natural - acaba fazendo com que o menino coloque uma coisa na cabeça, tipo, “não anda com esse porque esse não é bom amigo para você”. Aí, você fala para uma criança, ela vai falar para ele, aí fala para ele, vai gerar uma intriga ali, vai gerar uma briga, acaba gerando uma situação de violência. E não existe uma maldade nem na criança nem no ato do pai, só uma questão de precaução, de medo mesmo, que acaba gerando uma coisa complicada. Se não tivesse todo o pânico, todo terror, essa situação não ia existir, era mais simples.

E: Interessante que no início você disse que a Samanta pertenceria a uma outra classe social, mas encontra como Fininho num baile. Que baile é esse em que as classes se encontram?

C: Na história, o baile é no centro da cidade.

E: Está acontecendo em Diadema ou não?

C: Acho que foi pensado em Diadema...

E: Acho que foi escrito Clube da Cidade...

C: Tanto que ele fala Clube da Cidade, o baile é no centro da cidade e a rua, principalmente as ruas mais centrais, é aonde tudo se encontra. Porque enquanto as pessoas estão nos seus condomínios ou em suas casas, cada um tem sua verdade e sua norma, sua lei funciona. Quando você vai para a rua, essas leis e normas, se tornam, vão bater de frente com as de outras pessoas. Tudo ali se encontra. A rua é onde todo mundo se reúne. Todo mundo passa pela rua, independente de ser rico ou pobre, preto ou branco. Pela rua todo mundo passa, todo mundo vive, todo mundo depende da rua e acaba aprendendo com a rua. Uns, uma má lição, outros, uma boa lição. Outros, não querem lição nenhuma, a rua não ensina nada. Mas cada um, de um jeito ou de outro, acaba aprendendo alguma coisa, independente, vivendo nessa rua. Uma hora do seu dia você vai viver naquela rua, você vai passar por aquela rua, vai conversar com alguém na rua. Uma hora você vai conversar com alguém ali. E pela rua do centro essa coisa é mais evidente, porque todas as pessoas, sejam da periferia ou sejam de uma outra classe, as pessoas vão para rua e vão para o centro, vão para o bar, vão para uma casa noturna. Numa casa noturna interessa se você pagar. Se você pagar, você entra, seja

rico, pobre o que for. Num bar, no centro, numa festa, todo mundo quer ir para uma festa, seja rico ou pobre e é aí que os dois se encontram, na verdade é aí que as classes se encontram. E na verdade essa relação acaba, nos dias de hoje, sendo complicada, porque existe uma separação, existe uma seleção dos próprios donos de casas noturnas. Talvez uma questão de vila, de ter hoje noitadas para quem tem dinheiro e noitadas para quem não tem. Você tem baile de dois reais e, na rua de cima você tem baile de 25 reais. São casas diferentes e isso já é uma seleção...

(Interrupção da entrevista, pela entrada de outro jovem na sala onde estamos)

C: (A casa noturna) Selecionando o público pelo dinheiro, acaba sendo mais um tijolo colocado dentro de um muro que separa, que divide as classes. Mas sempre digo que sempre vai haver um ou outro que vai pular o muro. A rua é o trânsito e é onde todo mundo vai e, aí não tem jeito, vai ter um cara de uma vida boa, de uma classe legal que vai querer andar de skate. Vai andar de skate aonde? Vai andar de skate na rua. E na rua ele vai encontrar outros skatistas que são do outro lado do muro, entendeu? Então esse muro vai ser sempre pulado por alguém. Alguém vai sempre pular o muro, porque por mais que as pessoas queiram separar, o mundo é um só, a vida é uma só e a rua é a passarela, é por onde vai passar todo mundo, não tem jeito.

E: Queria voltar nos rótulos, você falou no início que os personagens foram pensados cada um com um rótulo. Qual foi o rótulo pensado para Samanta? Como é essa menina?

C: A Samanta é uma menina que deveria ter uma vida tranqüila, mas que se sente abandonada pelo pai, pela mãe, por causa do trabalho, de compromissos, de negócios, disso e daquilo, que tem um pai que arrisca os bens deles, um pai viciado em jogos, que arrisca os bens deles nos jogos, e aí é onde surge a dívida dele, e uma mãe socialite que se envolve nessas coisas de padrão, de manter a imagem e tal. E a Samanta é uma menina no meio desse turbilhão de coisas. A família é desestruturada porque ela não tem, a família não fornece uma base para ela, e aí é um desses casos assim, de chamar a atenção, de procurar chamar atenção da família para ela. E aí, a necessidade das drogas, a necessidade de transviar regras para chamar atenção, que acaba sendo um rótulo. Então é essa situação de vida complicada da Samanta que a gente tinha pensado.

E: Quando a Samanta diz que “quer sair do inferno que era minha família”, na verdade ela queria que a família olhasse mais para ela?

C: Ela acha que é um inferno, acredito eu, por essa questão, por se sentir meio abandonada.

E: O Fininho, você até já o descreveu, e achei interessante o projeto de vida do Fininho, que diz assim: “sei lá, tem hora que a gente quer dar um tempo, ter família, arranjar uma mina legal, ...” um projeto bem convencional, pensando que ele é um traficante. O que ele tá querendo dizer com isso?

C: Porque na verdade é um sonho geral, seja traficante, ladrão, trabalhador, é um sonho geral, arrumar uma menina, casar, construir uma família, ter uma vida tranqüila. Na verdade, se você falar com 20 pessoas que moram na periferia, 19 vão te responder que queriam ter uma vida tranqüila, não queriam..., não têm a ganância de ter uma vida com uma mansão com três quartos, piscina. Na verdade, eles querem é ter uma casa, um

carro, poder dormir e não se preocupar se o dinheiro que ele vai receber no fim do mês vai dar para pagar a conta de luz, vai pagar a conta de telefone. Na verdade, é um sonho geral de todo mundo. Praticamente todo mundo quer ter uma vida tranqüila. Não quer ter enormidades de coisas, mas também não quer ter a vida que tem, tão sofrida, tão.. Na verdade, o que acontece na periferia é que as pessoas vão transferindo os seus sonhos: os avós tinham o sonho de ter uma casa tal e ter uma vida tranqüila. Eles não conseguem, então, quando eles têm um filho, eles batalham para que o filho batalhe e consiga ter uma casa, um carro e uma vida tranqüila e, automaticamente, os pais fazem isso também: batalham, batalham, não conseguem e transferem para os seus filhos e se cria um ciclo. E aí, lá para terceira ou quarta geração é que talvez as duas famílias consigam ter vidas mais tranqüilas. Porque aí um casal que teve 5, 6, 7 filhos, aí os 5, 6 desses filhos se arranjaram na vida e aí eles começam a juntar aqui o dinheiro para ajudar os pais. Aí os pais constróem a casa ou os filhos constróem. Então é necessário uma mobilização grande, que poucas famílias acabam conseguindo, para atingir esse patamar. Na verdade, muito poucas. Então na verdade é um sonho geral de todo mundo, é ter uma vida sossegada, ficar tranqüilo.

E: Quando ele fala que quer dar um tempo?

C: É dar um tempo da vida que ele leva. Pelo menos eu ainda não vi ninguém que diz “ não, é essa a vida que eu quero, tô bem assim”. Na verdade, todas as pessoas que estão no tráfico, elas dizem que “eu queria parar, eu queria dar um tempo, eu queria ficar na minha”. Na verdade, o que você mais escuta lá, dessas pessoas é isso.

E: Quer dizer, não é uma opção tranqüila, não é um sonho para ficar para o resto da vida...

C: Não é, até porque a vida, o resto da vida dele é um dia, cada dia que ele acorda é uma vitória, o resto da vida dele é um dia. Não tem uma coisa assim de um plano para o futuro, o plano para o futuro que ele tem é dar um tempo, conseguir sair, sossegar, ter uma vida tranqüila, ir para o interior, como muitas vezes eles falam.

ENTREVISTA COM O JOVEM CASSIUS

DATA: 20/06/02
DURAÇÃO: 1 hora

Após uma retrospectiva sobre a primeira entrevista, inicia-se a segunda entrevista com o jovem C.

E: Gostaria de que você falasse mais sobre o primeiro encontro entre Samanta e Fininho.

C: Tem o fascínio ... Tem essa coisa do ilícito, do ilegal. Eu até acho que não, mas há quem diga que se as drogas ilícitas fossem legalizadas, diminuiria o uso, porque tem realmente um fascínio por essa coisa de “é contraventor, anda contra a lei, etc”, porque quem vive no submundo tem que estar mais ligado do que qualquer outra pessoa. Mas nos dias de hoje todo mundo tem que estar ligado porque bala perdida não tem dono. Mas tem essa coisa do fascínio pelo traficante, fascínio por essa relação de poder, de fato. É a mesma fama que o traficante alcança em relação à comunidade. A primeira coisa que você vai saber de uma pessoa, se ela é traficante, é que ela é traficante; a primeira coisa que falam dela é “ô, aquele fulano ali é traficante de não sei da onde, de não sei o quê”. Então tem um fascínio e o que a gente quis mostrar é um pouco desse fascínio aí, essa idéia. Pô, ela está no meio de um tiroteio, o cara salvou ela, e ela fica fascinada por essa coisa complexa, do cara ter articulado, do cara estar mais ligado que ela na hora. E aí depois, ela fica sabendo que ele é traficante, mas mesmo assim não importa, porque já está fascinada!

E: Quando ela fica sabendo que ele é traficante e amiga fala sobre a destruição de sua família, não cria um conflito para ela?

C: Acho que de repente tende a criar, mas é sonho de menina mesmo, essa coisa de que “vou mudar o cara, para ele sair dessa vida, eu vou transformar, vou ser a salvação”, meio que sonho de menina, essa coisa da paixão: “estou apaixonada, estou cega”. Então fica essa coisa de sonho de menina, de tirar dessa vida...No entanto, um sonho que é quase uma utopia, porque é meio complicado e aí, pode pôr em risco sua própria vida.

E: Um sonho de menina, de achar que ela pode mudar a vida do traficante, quer dizer que a Samanta tinha essa intenção?

C: Sim, tem.

E: E o fascínio?

C: Somado, acho, somado a essa questão do poder, da fama, porque é o mesmo nível de um artista, às vezes é até pior porque ele está aí do lado, ele não está na televisão, está aí do lado. O artista tem carro importado, o traficante acaba tendo um também; o artista tem.... Nossa sociedade é construída em cima de valores e não de pessoas, em cima de dinheiro, de bens e não das pessoas. Aí, é lógico que vai se destacar quem tiver o maior número de bens, uma vez que a nossa sociedade prioriza isso. A segunda coisa é a

imagem, nossa sociedade vende imagem, seja ela qual for, uma boa imagem, uma bela imagem, independente do que tem dentro...

E: O que você entende por imagem?

C: Aquilo que se vê, a forma. A imagem somada ao número de bens te torna ídolo, mito ou coisas parecidas. Mesmo sendo mau, sendo ruim, mesmo sendo a pessoa que desgraçou a vida da minha melhor amiga. Eu acredito que ele é tão legal comigo que eu vou conseguir tirar ele dessa vida. O que faz uma menina continuar namorando um dependente? É acreditar que vai conseguir tirar ele do vício, o que faz uma mulher continuar casada com um homem que bate nela, que bebe, o que é que mantém ela casada com aquele cara, um alcóolatra? É o sonho de que ela vai dar um jeito para ele parar de beber. Não adianta dizer que é... É claro que tem também a questão dos filhos, a questão da dependência, porque a maioria das mulheres que ficam nessa vida durante anos é porque não tem uma independência, acabam sendo dependentes...Mas também tem o sonho de que ele vai parar, que ele vai mudar, que ele vai melhorar.

E: Quer dizer: eu quero esse cara, mas também quero mudar esse cara, como é isso?

C: É difícil dizer se é isso ou aquilo com certeza. Na vida você não tem uma certeza de nada, você não tem nem a certeza de que vai estar vivo amanhã, o que é mais cruel. Isso acaba sendo cruel, mas a vida é formada de surpresas e você tem que lidar com essas surpresas, então não consegue dizer que é uma coisa certa. Mas acho que tem um pouco de cada coisa aí, um pouco da questão da ilegalidade do cara, de subir morro, de muita gente chamar ele de mau, tem um pouco dessa coisa, dessa relação, de príncipe, de salvador, tem um pouco dessa coisa de acreditar que ele está no caminho errado, mas eu vou tirar, eu vou ser a solução para a vida dele.

E: Quando Fininho pergunta: “quem te contou? vou matar esse desgraçado”, de fato ele acredita que ela poderia não saber de nada? Porque você mesmo disse que a primeira coisa que contam sobre um traficante é sua identidade de traficante...

C: Sei lá, acho que tem uns que contam, outros que não. Quando falo que é a primeira coisa que contam, tem um campo limitado, porque em cada vila tem um chefe. Muitas vezes os chefes acabam brigando entre si por territórios, aquilo que a gente chama de guerra urbana, essa coisa das brigas pelos territórios. Do mesmo modo que tem um cara famoso aqui, tem um cara famoso ali. Se você inverte as peças, os dois acabam ficando anônimos nas vilas, a menos que essas vilas tenham algum tipo de contato, ou por brigas ou por elas serem redes. Então, quando sai, vai para outro lugar, para outra cidade, aí, se torna anônimo como qualquer outra pessoa. Às vezes a pessoa tem uma esperança de: “ ah, ela não sabe”, mesmo sabendo que ali é complicado não saber. “Ah ela não sabe, aí vou conseguir sair”, talvez seja um meio de ele não contar para, e pelo menos com ela, poder esquecer a vida que tem. Talvez seja para proteger também, para o pessoal não ligar a imagem dela com a dele e ter alguma retaliação e o pessoal ir em cima dela e não dele.

E: E com as famílias, normalmente, como é?

C: Tem duas versões: tem mães que mandam a filha embora e tem mães que vão na casa do traficante porque ele é o melhor, é bom para a filha, é o mais e tal.

E: Mas eu digo, a reação deles, é de contar ou não contar?

C: A primeira reação é essa do espetáculo mesmo, que é a de “tô indo e vou levar sua filha embora para morar comigo”. A primeira reação é essa, e aí é que se os pais vão ficar sabendo, vão ficar sabendo na mesma hora. A primeira reação é levar a filha para morar junto.

E: O anel de compromisso, o que significa?

C: É o símbolo, o anel, a aliança, é o símbolo de um compromisso, deveria teoricamente ser um símbolo que assustasse algumas pessoas que tem atração: “ô, tem anel de compromisso então não vou querer dar idéia nele”, há outras pessoas que não. Então é um tipo de compromisso que na hora que ele diz que vai se ausentar, cair fora, aí ele não quer perdê-la e para não perder, faz essa coisa, dá o anel para ela. Aí ela está compromissada com ele, independente de qualquer coisa. Ela sabe disso e ele também sabe, é uma forma de não perder, de ter uma segurança.

E: Aí vem a dívida do pai, então ela fala da dívida do pai, por que ela fala isso para o Fininho?

C: Porque no fundo ela vislumbra uma possibilidade de ele pagar, sanar a dívida e tal, uma vez que eles precisam e não têm aonde correr. Na nossa idéia, foi a primeira vez que eles tiveram uma necessidade de grana e aí ela não tinha para onde correr e sabendo que o pai realmente ia precisar de dinheiro, ela vê no Fininho a possibilidade de ter esse dinheiro. Então, bem ou mal, querendo ou não querendo, ela acaba falando.

E: Mesmo ela sabendo de onde o dinheiro vem?

C: Naturalmente, não tem cor, origem. Dinheiro é dinheiro, não importa de quem que seja. No Brasil talvez, não, no Brasil com certeza, não se pensa duas vezes, o traficante tem conta no banco, ele põe o dinheiro dele no banco e o banco não estuda para ver se esse dinheiro é legal ou não. Ah, isso não interessa, o dinheiro está aqui, é o que está aqui. Lógico que é diferente se ele tiver uma passagem pela cadeia, isso o banco averigua, mas se não tiver, pode muito bem ser traficante e abrir uma conta no banco.

E: Mas ela tinha essa meta de tirar ele dessa vida, para ela não importa?

C: Como já falei, dinheiro não tem cor, independe da fonte de onde ele vem. Há países no mundo que são sustentados pelo tráfico, onde o tráfico de drogas é a maior fonte de renda do país. Interessa de onde vem? O presidente do país está preocupado de onde vem o dinheiro? Dinheiro não tem essa!

E: E o mesmo para as famílias?

C: Sem dúvida! O pai aceita, não pestaneja, não interessa. Até porque normalmente as pessoas não se preocupam com isso e, agora que estou precisando, eu vou me preocupar? Não interessa se esse dinheiro matou 300 pessoas, se viciou outras 20, não interessa para mim, interessa que é dinheiro.

E: Como você caracterizaria esse pai da Samanta?

C: Na verdade, o pai era um jogador. Ele tinha uma vida legal, só que ele era viciado em jogo e apostou uma quantia alta no jogo. Perdeu e acabou ficando sem nada, com a casa em risco porque a dívida era tão alta que eles não teriam como pagar. A gente tentou criar uma situação em que ele tivesse que pedir a ajuda para terceiros, e também, a coisa do jogo é complicada porque se não pagar, eu vou lá cobrar, eu posso pegar sua família, posso pegar você. E aí o pai fica na seguinte situação: o dinheiro que pintar eu tenho que pegar, porque senão Aí ele pega.

E: E depois o Fininho também quer alguma coisa em troca, é isso?

C: Não que ele..., é que acaba sendo uma troca. A idéia é que o Fininho vai lá para falar “eu vou levar a Samanta para morar comigo” e ele não espera aquela reação do pai porque o pai tem rabo preso com ele. O pai mesmo sabe disso, tanto que a primeira coisa que faz é agradecer o dinheiro. E se o pai já sabia o que ele faz, como diz que sabia, o pai já disse que sabia, então do que ele estava reclamando agora? Então ele não espera uma reação dessa, o que esse homem...

E: Como você explicaria essa reação do pai, ele tem rabo preso, mas ...?

C: Eu acho que é a crise, porque na verdade, ele colocou toda a família em risco. Se ele não tivesse perdido as coisas no jogo dessa forma, a família não passaria por aquilo, e ele poderia logicamente ponderar: “ah, minha filha não se envolva com esse cara”, mandaria ela para China, sei lá, ele teria como contornar a situação. Ele colocou a família em risco quando ele perdeu tudo e duplicou quando ele aceitou o dinheiro e aí viu isso se complicar mais ainda quando viu o Fininho bater na porta dele e dizer que ia....Quer dizer, ele quis de alguma forma contornar essa situação, tendo uma postura de embate e tanto ele como o Fininho não esperavam reações desse nível.

E: O pai não esperava que isso fosse acontecer, mesmo aceitando essa quantia grande de dinheiro?

C: É eu acho que seria uma coisa meio previsível, assim, mas, de uma forma ou de outra, aceitando uma quantia de dinheiro e ele sanou a dívida dele e a expectativa dele era... porque até aquele momento era um empréstimo, não era dado, era um empréstimo. Então, a expectativa dele era juntar o dinheiro, pagar e limpar a barra, mas quando ele viu o Fininho na porta dele, cobrando, falando em morar com a filha dele, aí ele teve uma crise de consciência. “Pô, vou pôr minha filha numa roubada, sou eu o culpado”, e ele tenta proteger e, ao mesmo tempo, ele não espera que o Fininho vai se defender, vai...

E: E como se explica a reação de Fininho de pegar a Samanta de refém?

C: É a explosão, porque a partir do momento que eles entraram em briga, no embate ali, os ânimos já se exaltaram. Quando você vive no mundo do crime, você está sempre na corda bamba, mais lá do que aqui, e quando ele vê o pai pedindo para chamar a polícia, ele vê essa situação se complicar ainda mais. Então, como ele queria levar a Samanta, então, ele a agarra, na expectativa de sair com ela e ir embora, e não ser mais procurado, não ser atormentado pela família, abandonar mesmo a família. A idéia era essa, mas aí a

situação se complica cada vez mais, vai se complicando, se complicando, a própria Samanta diz que não quer mais saber dele e...

E: Por que a Samanta diz isso?

C: No sentido de proteger a família. Acho que a mesma crise de culpa que teve o pai, ela teve também. Ela vê que se ela não tivesse namorado com o Fininho, não tivesse com o Fininho, nada disso teria acontecido. Agora a vida da família dela está em risco, a casa dela, a casa dela está cercada de polícia. Ela se vê no meio dessa bagunça toda e ela acha que, sente culpa daquilo, ela acha que foi ela a culpada por aquilo. Então, meio que para tentar proteger a família, ela tenta se livrar do Fininho, dizer que não quer mais saber dele, meio que para ver se o Fininho não vai embora, foge sozinho ou alguma coisa parecida, até porque a família não vai fazer nada para impedir, a família não tinha como impedir o Fininho de fugir. Então a idéia do Fininho era fugir com a Samanta, aí com ela era mais difícil, com o Fininho fugindo sozinho seria mais possível, embora ele corresse risco de vida com a polícia lá fora, mas mesmo assim seria mais fácil. Então a idéia que ela tem é de proteger a família, dizendo que não quer saber dele, aí aumenta a loucura na cabeça do Fininho. A loucura começa a aumentar, aumentar, aumentar e não pára, até culminar numa atitude de desespero total, quando a Eduarda grita e ela foge, ele se sente meio que apunhalado, abandonado, sozinho e aí acaba atirando, sem muito se dar conta de que atirou. Depois que vê que atirou, que a cena pára, é que ele se toca do que aconteceu, do que fez. Aí não sabe mais, aí já está feito, feito foi feito, não tem como voltar atrás.

E: Essa loucura que vai num crescendo na cabeça dele o que é?

C: Primeiro foi a reação do pai que ele não esperava, de desafio e tal. Aí, ele desafia o pai e o pai chama a polícia e aí ele vive numa corda bamba sempre, aí, sabendo que está dentro de uma casa, com uma arma, as pessoas chamaram a polícia e ele fazendo o que faz, ele logo viu que a polícia ia pegar. Aí tem toda uma situação: a polícia quando vai para pegar traficante, se vai **para pegar**, e não vai para fazer acerto, ela vai para matar, não vai para prender. Ela vai para matar porque, muitas vezes, se o traficante for uma pessoa de alto poderio de fogo e tal, ele já matou muitos policiais e tem essa coisa da retaliação. A polícia acaba sendo o maior terror do traficante, e aí essa coisa vai aumentando. Ele quer fugir com a Samanta, e sua perspectiva é que a Samanta não resista. Mas a Samanta resiste, diz que não quer saber dele e o abandona. E ele se sente traído, essa coisa aumenta, a Samanta tenta fugir, no que a Samanta tenta fugir, o impulso que ele tem é atirar e aí ele atira. Quando ele atira é que se toca do que ele fez, afinal ele gostava, ele amava a Samanta. Ele acabou de atirar na pessoa que ele ama, meio que matou o próprio amor, meio estranho, mas é o que acaba acontecendo.

E: É o que acaba acontecendo?

C: A maior carga emocional é, na verdade, que ele mata o próprio amor. Ele não mata a Samanta por raiva, por vingança ou por outra coisa parecida. É amor, ele mata ali o amor. Eu acho que aquela questão: "o amor, o amor, o amor" é essa. Assim: será que o amor morreu ou ainda vive? Morreu ou ainda vive? Como é essa história?

E: É um final que não é tão esperado. Por que vocês escolheram esse final para a peça?

C: Acho que talvez pela surpresa, mas não sei dizer com certeza. A gente fez, cada um foi fazendo um texto, cada grupo foi fazendo um texto e depois se compilou todos os textos, pegou os textos e juntaram todos eles. Aí se selecionou diálogo de um, nomes de outros e assim foi fazendo. E isso a gente só foi ver como ficava, depois de pronto. Foi assim, a gente entregou as coisas para o G. (o oficinairo de teatro), aí o G. pegou, fez o que tinha que fazer e trouxe de volta. Quando ele trouxe de volta, a gente foi ver, depois de pronto, aí a gente foi ver: “ah o nome ficou, ah não sei o quê ficou”, “ah, mas era Sandra, não era Samanta, agora ficou Samanta”. A gente foi identificando, “ah esse diálogo fui eu quem fiz”, “ah essa idéia fui eu quem tive”, enfim, a gente foi identificando ali as coisas. E essa coisa da morte da Samanta, fazia parte de uma ópera em que foi inspirada a idéia, que é o Lamemour, lá, Luzia, Lucia. É Lucia de Lamemour, um nome meio difícil assim, fazia parte, tipo o cara matava a pessoa que ele amava, uma situação de loucura também. Aí meu grupo fez, a gente fez o texto, sabendo que isso fazia parte, a gente manteve, a gente colocou, só que o nosso final, era a Eduarda falando com o Fininho na cadeia. Porque a polícia invadia o espaço, pegava o Fininho e no final era a Eduarda falando com o Fininho na cadeia, que não precisava ser assim, bla, bla, blá. Só que quando a gente viu, não ficou esse final, embora a Samanta morresse, não ficou o nosso final. Mas aí teve outros finais, teve outros em que o Fininho morreu, teve outros em que morreu todo mundo: morreu Fininho e morreu Eduarda, teve umas coisas assim.

E: Pensei que vocês discutissem a peça a cada etapa. Não foi discutido a cada etapa?

C: A gente discutiu ponto a ponto de cada coisa, aí fez os textos. Aí G. (oficineiro) juntou e trouxe o texto, depois ele pegou cena por cena e foi falando: “ficou assim, ficou assim, por isso, por aquilo, por aquilo”, “essa cena quer dizer isso, essa cena quer dizer aquilo”. Então, por exemplo, a cena da Samanta, tinha a questão da surpresa, tipo, todo mundo pensa que é o Fininho que vai acabar morrendo, mas morre a Samanta, porque a gente teve a seguinte idéia: com a morte da Samanta, todo mundo ia ficar dizendo que era o Fininho que tinha que ter morrido. Então na hora da discussão, a idéia era o seguinte: na hora que tivesse rolando a discussão, alguém no meio da platéia levantava e dava um tiro no Fininho, e virava para a platéia e dizia: “Vocês não queriam que ele morresse? Morreu!” Só que aí já não era mais o Fininho, atirava no ator. Era para deixar bem caracterizado que as pessoas estão sempre pedindo mais violência: “ah, ela morreu, ah, tudo bem, mas o Fininho também tinha que ter morrido”. Então vocês querem? Aí morrem dois... “mas naquela parte”- ia rolando a discussão- “nessa parte fulano tinha ter morrido”, então as pessoas estão sempre pedindo mais violência. Se no meio da discussão rolasse de alguém falar que alguém mais tinha que ter morrido, levantava alguém da platéia e dava um tiro nesse ator. Era essa a idéia que a gente tinha.

E: Forte essa idéia, não? E a fala do final?

C: É uma lógica. Só se vende uma coisa se tem clientela, é meio que um vive em função do outro. Se você não tem quem vende, acaba não tendo cliente, se tem quem vende, acaba tendo cliente, embora a clientela force mais do que a pessoa que vende. Às vezes, você pode tentar vender, mas se não tem cliente, você não vende nada. Agora, se tem cliente, acaba forçando que você venda. Quer dizer, o cliente faz mais peso do que a pessoa que vende, embora um exista em função do outro. Muitas vezes, o mesmo que vende é o mesmo que usa, acaba sendo a mesma coisa. Mas a idéia que a gente teve foi mostrar um pouco dessa coisa de um depender do outro e que não precisava ser assim.

E, também, a coisa do enquanto tiver gente que queira me matar eu vou matar, no sentido de auto-defesa, de auto-proteção...

E: Em que sentido o tiro em Samanta tem o sentido de auto-defesa?

C: A carga, tem toda uma carga em cima, tem a polícia, tem o pai que quer ele fora, tem agora a Samanta que quer ele fora. Aí ele se vê naquela situação e ele dá um tiro, ele dá um tiro meio que, eu dou um tiro para fugir, eu dou um tiro para me vingar talvez porque ela me traiu. É uma questão de fuga e não de ataque, mas de fuga. E o não precisava ser assim é que nada disso precisava ser assim dentro desta história. Não é só a questão da morte da Samanta. É a história, a minha história, a história do Fininho em especial, não precisava ser assim. A gente não precisava viver num mundo assim, a minha história podia ser diferente, não precisava ter passado por tudo o que eu passei, eu poderia ter conhecido a Samanta sem ter um tiroteio, poderia ter salvo ela de uma queda e não de um tiroteio. Nada dessa história precisava ser assim, tudo podia ser diferente, e não precisava ser assim. Antes de ser uma afirmação, é uma pergunta: vai ser diferente amanhã? Como é que vai ser? Tudo poderia ser diferente se fosse de outra forma, se as vidas deles tivessem tido outro rumo, se as famílias fossem, porque o problema do Fininho é não ter família, o problema da Samanta era ter família, é..., ter uma família que não se entendia, que não se comunicava, em que os filhos brigavam, em que os pais não se falavam, uma família desestruturada como ela fala. Samanta também tinha um problema de família. Então, a idéia era que todo o universo, toda essa idéia que foi criada no espetáculo, todo o Operiféria não precisava ser assim, podia ser diferente.

E: A grande questão desses dois personagens parece ser a família.

C: Acaba sendo o básico.

E: Por que família? Qual o peso da família nisso tudo que acontece?

C: A família é sua primeira relação dentro do que a gente chama de sociedade, então, por exemplo: uma pessoa se torna capitalista, por que você se torna capitalista? Porque as famílias de hoje educam para o capitalismo, você tem uma educação voltada para o capitalismo. A escola educa para o capitalismo também. Você tem um senso de individualidade, as famílias não educam para você viver em comunidade, pelo contrário, muitas vezes as mães e pais brigam porque você está no círculo de amigos e te tiram do círculo de amigos: "não, tem que parar de andar com esses meninos porque eles são maus elementos". Você tem que pensar só em você, você não pode pensar nos outros, você precisa estar lutando por essa questão. Esse é seu primeiro contato dentro do que a gente chama de sociedade, que eu já nem sei se é sociedade, porque se você pegar sociedade, o nome traduz uma relação social, você tem que se relacionar com as pessoas que vivem, então para você ter uma sociedade, você tem que ter mais do que uma pessoa. No entanto, no mundo em que a gente vive, você prioriza o individual e não mais pessoas, então não sei se é certo falar sociedade, mas a gente vive chamando de sociedade. Então, é a família que te insere dentro deste meio e te insere a forma dentro deste meio. A família que te coloca dentro da escola e a escola acaba te dando uma visão fora da família: você tem a visão da família e na escola aprende a visão das pessoas de fora. Então é a família que acaba te colocando dentro deste meio. Se a família não existe, então você tem que aprender tudo sozinho. E aprender tudo sozinho,

é aprender tudo sozinho, você pode aprender bem, como você pode aprender mal, você pode aprender rápido, como você pode levar muito tempo para aprender ou morrer e não aprender. E o que acontece é isso, as pessoas acabam vivendo solitárias, vivendo tudo sozinhas, toda a sua vida, tudo sozinho, aonde tem perigo, aonde não tem perigo, o que é realmente perigoso, o que não é realmente perigoso. Aí, às vezes, como aprendo sozinho, eu posso achar, por exemplo, que o tráfico não é tão perigoso assim, porque fulano de tal conseguiu chegar até os quarenta anos, então não é tão perigoso assim. Aí posso achar que isso é bom, ou menos ruim, isso sem ter a oportunidade de ir para o outro lado, eu acabo indo para esse lado porque não existe uma base familiar que te prenda ali “putz, se por um lado eu fosse fazer isso, eu vou desapontar minha família, posso vexar minha família”. Às vezes, a base familiar te remete ao contrário: como a família acaba passando sempre necessidade, é tudo sempre difícil, é sempre complicado, eu vejo no tráfico uma oportunidade de crescer na vida e poder tirar minha mãe da vida de lavadeira. Se eu crescer de vida no tráfico, minha mãe não vai mais ter que ser lavadeira, minha mãe não vai mais apanhar do meu pai que bebe. Eu pego a minha mãe, levo ela para morar comigo e deixo meu pai lá. Ela não vai mais apanhar do cara que bebe. Então, depende muito do círculo, do ambiente em que você vive, onde você cresce e a família é o primeiro ambiente, é ali que você vai crescendo, no primeiro ambiente. Independente se a família tem valores individuais que podem atrapalhar na sua criação, mas esses valores acabam não sendo culpa do pai e da mãe, porque esses valores acabam sendo seculares. Há 500 anos que o Brasil é exploração, quem vai educar para a não- exploração? Quem conseguiu ter uma visão de que o Brasil foi explorado! Quem não conseguiu, vai educar da mesma forma como foi educado há 500 anos. Por que existe racismo até hoje? Porque as famílias educaram com o racismo até hoje! Porque se você põe uma criança branca para brincar com uma criança negra, a criança branca não aponta para o negro e fala: ó ele é diferente, nem o negro, não aponta. Eles brincam de carrinho, brincam de pega-pega, eles inventam brincadeira, eles vão para o mundo deles, eles brincam normalmente. Agora, é o pai que diz que ele é preto: “olha aquele ali é preto, aquele é branco, você viu”? É o pai que diz, ou é o pai preto que diz que o outro é branco. Então, é o pai que faz a criança ver a diferença, porque a criança não vê. Então, é um pouco dessa história que a família é importante nessa história. É o primeiro meio, muito da família acaba passando para você e a situação social se agrava porque não existe nenhum outro lugar que acaba te dando outra visão. Ou você consegue encontrar essa outra visão sozinho por uma percepção própria que aí é um no meio de um mil, ou você vai continuar vivendo nessa coisa limitada, essa coisa pequena e desestruturada. Porque acaba não sendo culpa dos pais e das mães, porque as mães também foram criadas assim, os pais também foram criados assim, isso é uma coisa secular, que vem rodando há muito tempo, que alguém precisa dar um breque. Mas aí continua sendo um dando o breque no meio de um milhão. Por isso a importância da transmissão do conhecimento, porque aí você começa a discutir isso com mais pessoas, mais pessoas e, de repente, vão surgir outras pessoas, mais pessoas. É girar o círculo ao contrário, essa é a nossa expectativa.

E: Apesar de muitos jovens terem uma situação de vida como a de Fininho, criados sem família, nem todos, acho que também não é a maioria, vão para o tráfico. Por que alguns vão, outros não?

C: A diferença está na relação que a pessoa faz com a vida. Às vezes para alguns, eu não vou viver bem, por exemplo, vou trabalhar no serviço de pedreiro, para mim é legal, vou trabalhar no serviço de pedreiro, vou receber tanto, tanto e tanto, dá pra viver mais

ou menos, mas eu consigo tocar minha vida, eu vou levando. Para outros, esse serviço de pedreiro não basta, porque eles têm uma visão maior, eles querem mais coisas. Então, é aí que começam a pintar as coisas, porque ter o serviço de pedreiro ainda é possível, o serviço de lixeiro ainda é possível, mesmo com poucas oportunidades ainda é possível. Um outro trampo para coisas melhores, já é mais difícil, já é mais impossível, já é mais distante. Porém, o tráfico está aqui do meu lado. Por enquanto, eu ainda tenho medo do tráfico, não quero o tráfico, tenho medo. Então eu vou insistir, vou dando cabeçada, só que eu não consigo andar, vou insistir mas não consigo andar, até que chega uma hora em que o tráfico, que está sempre do meu lado, bate na minha porta e me oferece uma chance. Aí eu vou e acaba indo e acabo sendo um traficante. Esse é um dos fatores. As coisas acabam sendo diferentes para e para outros. Todos os fatores, acho, estão ligados ao sonho de consumo, porque a sociedade é capitalista. O mundo, com raras exceções hoje, é extremamente materialista, priorizando o Ter, antes do Ser. Então, independente do fator que me leve ao crime, todos vão estar ligados à questão material. E você tem os fatores das relações de amizade que são importantes. E se você tem uma família desestruturada, complicada, onde a mãe dona-de-casa e o pai bebe, quem cria? Acaba não tendo pai nem mãe. Então quem acaba criando é a rua e os amigos. São esses amigos que acabam te levando, determinando seu ser, como você vai ser. Você pode ter amigos, amigos que são pessoas que pensam em outras coisas, um círculo de amizades que influenciam de modo legal ou pode ter amigos que são filhos de traficantes, que são criminosos, que aspiram ser criminosos, que têm o traficante como melhor espelho, que tem isso, que tem aquilo. Se em mil moleques, vinte têm como espelho o traficante, isso já é bastante. Não que vinte cheguem a ser traficante, mas têm como espelho o traficante, como exemplo de vida, “ó, aquele cara ali tá bem”. Então, a falta de exemplo, de espelho, o se educar sozinho, acaba levando uns ou outros para essa história. Acabam indo não para o tráfico, mas para o crime. Tem mil oportunidades, mil caminhos próximos das coisas ilegais. Até porque na filosofia do mundo em que a gente vive hoje não está errado ser traficante ou seqüestrar, os fins justificam os meios. Se os fins justificam os meios, da mesma forma que eu posso ser político corrupto e roubar o dinheiro que ia para saúde, eu posso pegar uma arma e te roubar numa esquina, porque os fins justificam os meios. Não consigo enxergar diferença na atitude, só a diferença se caracteriza pelo grau de violência. É muito mais violento, é muito mais forte.

ENTREVISTA REALIZADA COM A JOVEM PATRÍCIA**Data: 12.07.02****Duração: 45 min**

Iniciamos a entrevista com a leitura do início da peça *Ôperiferia* (Cena I e Cena II), pois P. estava bastante nervosa com a presença do gravador. A entrevistadora propôs a leitura para que P. desviasse a atenção do gravador.

E: Me fala o que você acha do nome Samanta?

P: Samanta é fácil porque quando a gente estava escrevendo eu sugeri o nome Samanta.

E: Então Samanta foi sua criação?

P: Foi.

E: E era Samanta Rosenberg ou só Samanta?

P: Só Samanta, mas quando foi (escolhido) Samanta Rosenberg , eu pensei: esse nome tem alguma coisa familiar para mim, Porque o grupo, quando escolheu este texto, foi tentando mostrar a realidade, porque eu imagino quantas meninas devem estar passando isso com traficante, o grupo pensou em mostrar este texto mais para tentar alertar a população, tentar abrir os olhos dos jovens.

E: Por que você escolheu o nome Samanta?

P: Porque eu fiz assim, eu pensei que quando eu crescesse e tivesse filha mulher, seria Samanta. Só que depois eu conheci uma filha de um rapaz que mora perto de casa que é Samanta e como sempre eu nunca fui com a cara de muita gente, eu não gostava desse rapaz, e eu pensava: Samanta não vai ser mais. E eu pensei em colocar o nome na peça porque eu não levei a sério (a peça), eu não sabia, eu não achava que ia montar um texto e ia colocar a minha parte. Então eu pensei: “ vou zuar com o texto”.

E: Você não acreditava que seu texto ia fazer parte da peça?

P: Eu não acreditava que meu texto ia ser peça de teatro

E: Por quê?

P: Ah, sei lá. Eu achava que o dos outros ia entrar, só não achava que o meu texto ia entrar. Então, com os nomes, eu meio que fiz uma brincadeira com os nomes. Mas no texto, eu fiquei pensando: “eu vou tentar contar a minha história, mas só que assim, não vou colocar minha história inteira no texto, vou colocar algumas coisas que eu sinto, que eu imagino, vou colocar aí no texto”. Eu me baseei meio que na minha história, foi saindo da minha cabeça e fui colocando no papel.

E: Você acha que Samanta tem coisas parecidas com sua história?

P: Eu achava, que nem assim, a idade, 16 anos, e a família totalmente desestruturada. Eu achava que a minha família também era totalmente desestruturada, no meu texto eu também escrevi que eu não me dava bem com os meus irmãos.

E: O que seria uma família desestruturada?

P: (pausa) Eu acho que cheio de brigas assim, as pessoas dessa família não se entendiam muito.

E: E por quê?

P: (pausa) Eu não parei para pensar muito.

E: Mas no texto você imaginava essa família como?

P: Quando eu pensei na minha família que era desestruturada, eu achava que... Sempre imaginei um modelo de família com um pai, uma mãe , um filho. A partir do momento que falta pai dentro de casa ou a mãe, a família não é uma família, sei lá: não consigo imaginar uma família sem um pai ou sem uma mãe. Fica desestruturada.

E: No caso, Samanta tem pai, mãe e irmãos, mas mesmo assim ela diz que tem uma família desestruturada, mas aí já não era a sua idéia de família desestruturada.

P: Mas quando eu escrevi, a minha Samanta tinha pai e tinha mãe, mas também era de uma família desestruturada, porque a mãe da Samanta, era tipo daquela mãe que quem dava as ordens era o pai, então tudo era o pai, então a mãe não dava muita opinião, quase não prestava atenção na Samanta, porque a Samanta, quando eu resolvi escrever, a Samanta vivia mais fora do que dentro de casa, porque ela não sentia que os pais tinham carinho por ela ou que davam atenção a ela. Então, ela preferia ficar na rua. Foi tanto que aí teve o tiroteio e tudo, ela pensava que era fogos, ela não conhecia nada da rua, ela passou a conhecer quando conheceu o menino.

E: Quer dizer que a Samanta sai de casa porque não tem atenção dos pais?

P: Já que não tenho atenção dentro de casa, vou para rua, ficar com as minhas amigas, conversar. Sei lá, ela procurava atenção fora de casa.

E: Primeiro com as amigas e depois, por um acaso, ela conhece o Fininho. E o Fininho, qual a história do Fininho?

P: No caso do Fininho, o Fininho não é o meu namorado da minha Samanta,

E: Qual é o namorado da sua Samanta?

P: Como eu falei, eu gostava muito de brincar com os nomes e, no caso do Fininho, eu peguei o nome de um patrão meu, que eu trabalhei há bastante tempo. O nome de verdade dele é Roberto, mas o apelido dele (do namorado do Fininho), eu peguei de um rapaz, que é um traficante perto de casa. Então o nome de verdade do meu Fininho é

Roberto, mas o apelido é L, porque o traficante de perto de casa era L. Eu logo imaginei: tem um pessoal lá perto de casa que é traficante, como eu conheço algumas coisas, então vou tentar colocar no meu texto. Eu peguei e coloquei no meu texto, me baseei em coisas que eu conhecia.

E: E como era o L (o traficante de perto de sua casa)?

P: Mais ou menos de idade, a história dele mesmo. Ele vivia na boca direto, aí coloquei ele no Clube da Cidade, porque a Samanta ia para uma festa com a Eduarda, foi quando aconteceu o tiroteio e o L salvava. Como eu sei que esse L frequenta o Clube da Cidade, eu imaginei ele lá, salvando alguém, e aí resolvi colocar a Samanta, então assim, quando foi para avisar, que a Aninha – no meu texto a amiga da Samanta era Aninha - avisou para Samanta que a polícia estava atrás do Fininho, as duas foram juntas. No texto aqui foi só a Samanta.

E: Até porque neste texto aqui, a Eduarda não gostava do Fininho.

P: Mesmo porque a Aninha não conhecia o L, então neste dia, a Aninha foi para ajudar a amiga e conhecer também o namorado da amiga, já que a amiga fala tanto neste namorado.

E: E para a amiga o fato do Fininho ser traficante, não pesava para ela?

P: Não, para amiga era normal, mesmo porque ela convivia também. Quando ela viu o L., depois ela comentou com a Samanta, que ela não imaginava que era o mesmo L. que ela conhecia, que era traficante, ela não imaginava.

E: É comum as garotas se apaixonarem por traficantes?

P: Acho que assim. Foi mais por causa da família, como a família não dava muita atenção, na minha imaginação, no que eu penso, ela falou assim: vou tentar chamar atenção, mesmo assim vou tentar chamar atenção. Até quando o Fininho foi se apresentar para o Sr Rosemberg, quando eu olho no texto de hoje, eu fico imaginando ainda se ela não estava querendo chamar atenção, porque os pais não davam atenção, fico imaginando assim...

E: Você imagina então que essa história de chamar a atenção dos pais é mais forte que o amor que ela dizia sentir por ele?

P: Eu acho que tem as duas coisas.

E: Você acha que ela tinha consciência de tudo isso, do fazer para chamar atenção ou foi fazendo?

P: Não, foi fazendo. Quando eu comecei a escrever, eu, quando eu era criança eu queria chamar muito a atenção, eu resolvi colocar para fora o que eu sentia, mas não falando que sou eu. Eu separei o que era para chamar atenção e o que não era para chamar atenção, então peguei das coisas que eu fazia para chamar atenção para colocar (na peça). Para tirar um pouco de lá de dentro, para ver se...

E: E então vem a parte do anel do compromisso (leitura da cena). Você pensou nessas coisas no seu texto?

P: No meu texto não, mas quando eu vi, depois que peça ficou pronta, li todo o texto e quando eu olhei assim, aí eu fiquei imaginando que ela deve confiar muito nesse traficante porque fala como está a situação da família. Primeiro conta para ele que a polícia está atrás dele, depois conta como está a situação da família. Ela confiava muito nele. Eu acho que ela começou a gostar dele, para contar, confiar sobre o que estava acontecendo dentro de casa, o pai dela com a dívida.

E: Você acha que ela teve confiança no Fininho. E o Fininho?

P: (pausa) Às vezes eu fico nesta dúvida: será que ele amava ela de verdade? Porque para dar um anel de compromisso, para quando ele se ausentar, eu fico na dúvida, se ele gostava dela ou não.

E: Não entendi a sua dúvida, porque, aparentemente, na peça não há muita dúvida de que ele gosta dela.

P: Tudo que eu leio, eu tenho que comparar o texto com a realidade de hoje. No meu texto: será que o L. (traficante) ia, não vejo assim que o traficante dá muita atenção assim para as meninas. Ele fica com a menina, mas depois que consegue o que quer, sai fora. Porque eu sempre comparo uma coisa com a outra.

E: Vamos tentar pegar uma coisa que está sempre presente, até para fazer uma comparação: como era a sua história, como ficou e como é a realidade. São três histórias para a gente comparar.

P: Na minha história, do pouco que eu lembro, ela falava da dívida, ele falava que tinha uma grana e que ia pegar essa grana e ia dar para ela. Ele perguntava se era suficiente, ela falava que sim, que achava que era.

E: Na sua história, a dívida era dela ou era do pai dela?

P: Do pai dela. Aí ela levava a grana e ele ia conhecer, ia lá na favela, tentar conversar com o pai dela para aproveitar, aí o pai dela fala: não quero que a minha filha se envolva com traficante. Aí, no meu texto tinha aquela vizinha que era bisbilhoteira, a Dona Mila ou alguma coisa assim, ela ligava para a polícia. Mila é tia de uma prima minha. Ela avisava a polícia, chegava um policial para tentar resolver a situação, que o nome do policial eu peguei da novela, mas tudo bem, e entrava assim e tentava resolver. Aí a Aninha pegava assim e olhava para Samanta: “aproveita que ele está entretido com o policial e corre”. Aí, ela olhava para ele, correndo, e dizia “sinto muito meu amor”. Aí ele atirava nela. Quando ela conseguiu se soltar, ela estava numa distância entre ele e a amiga e ela foi para os braços da amiga. Ela correu e disse: “Sinto muito meu amor” e ele atirava nela.

E: E quando ela disse isso ela queria dizer o quê?

P: Sentia porque ela estava deixando ele, ela tinha que escolher entre ficar com ele ou com a família. Ela correu para os braços da família

E: A amiga representava a família?

P: É, porque na confusão, a amiga também estava na casa da família. Então ela olhava para Samanta e falava para ela correr. E a Samanta preferiu a família e correu para os braços da amiga.

E: E ele atirou por quê?

P: Porque, tipo assim, porque ele a amava bastante e não queria perdê-la, e já que ele ia ser preso, porque na minha história ele acaba preso, como ele vai ser preso e não sabe quanto tempo ele vai ficar, então ele não vai querer perder ela. Se ele não pode ficar com ela, ela não fica com ele, mas também não fica com ninguém. E ele acaba sendo preso.

E: Ele a mata para que ela não possa ficar com mais ninguém?

P: É... Ah, se eu não posso, também com outro não fica, se eu não consegui, não vai ser o outro que vai conseguir o que eu queria.

E: E quando ela pede o dinheiro é porque a família está precisando. Por que a família está precisando de dinheiro?

P: Porque o pai tinha feito dívidas e ele não estava podendo pagar. Então, quando ela chegou em casa ele (o pai) falou: “que bom que você chegou em casa, minha filha, preciso conversar com vocês” e reuniu a família para contar que ele tinha feito dívidas e precisava contar com a família.

E: E ela resolve falar para ele (Fininho) por quê?

P: Para pedir o dinheiro, para ele arrumar o dinheiro para dar para ela.

E: Ela contava que depois disso ela teria que ficar com ele?

P: Como ela pediu, porque ele disse que tinha grana e ia dar para ela, ele ainda pensou alto, no meu texto, ele pensou alto: “Já tenho um motivo para ficar com a Samanta”. Ela pergunta “O que é que foi que você disse?” Ele diz “eu estou pensando alto mesmo”. Pensando na realidade de hoje, o traficante só fica com a menina por ficar, depois que consegue o que quer, ele vai para o lado dele e ela vai para o lado dela.

E: Então você acha que isso não seria muito real, acontecer o que aconteceu com a Samanta ou ele só queria ficar com ela?

P: No meu texto, ele só queria ficar com ela, não era um amor assim verdadeiro.

E: No seu texto era uma grana assim grande ou não?

P: Era grande, só que eu não dei o valor. No texto oficial é 50 mil, eu não dei o valor.

E: Mas era um valor alto?

P: Era.

E: Ele dá essa grana alta só para ficar com ela?

P: É (pausa)

P: Na verdade, no início quando eu escrevi, eu estava mais brincando, eu não estava levando a sério. Quando eu vi a (peça pronta) primeira vez eu falei assim, eu até me surpreendi. Quando eu escrevi eu ficava pensando assim: “ah meu texto não vai se colocado mesmo, não vai servir para nada, ah, ninguém me nota, ninguém me vê”. Então, resolvi brincar e quando eu vi o texto e tal, falei: “ué, parece que foi colocado só a minha história, (a minha história) ficou até pequenininha porque eu não dei muita importância.

E: Porque, de fato, o texto final da peça parece muito com a sua história.

P: Tirando uma coisa ou outra, sobra tudo do meu.

E: Você lembra onde estão as diferenças entre seu texto e a peça?

P: Na minha não tinha “por isso curto a vida de qualquer jeito, drogas para mim é super normal”, essa parte aqui não tinha na minha. Também não tem “encontrei um grande amor”, na minha ela falava que encontrou uma pessoa, mas não era um grande amor. Acho que eu dava um nome, acho que era um rapaz, que conheceu um rapaz e a idade dele era 26 anos, um negócio assim. É, na minha história era 10 anos a mais (que a Samanta). Dava a idade, o nome dele, o jeito dele, não tinha muita fala dele, como acontece na segunda cena, não tinha essa parte que o Fininho está se apresentando. Eu não apresentava o Fininho como ele foi apresentado aqui.

E: Você falou mais da Samanta, o Fininho você não apresentou muito.

P: Não, falei mais sobre a Samanta. Na minha história, a Eduarda é Aninha e a Samanta fala: “Aninha, conheci um rapaz super legal”, foi aí que eu falei, ué? (Reconheceu sua frase no texto da peça). Foi aí que veio a curiosidade de ler o texto inteiro.

E: E na sua descrição (do Fininho) tinha tatuagem?

P: Na minha não tinha tatuagem. O L. (traficante) tem tatuagem, mas no meu texto não quis colocar tatuagem. Normalmente eles usam tatuagem, não sei se é mania deles, mas eu sei que eles usam tatuagem, pelo menos os que eu conheço, usam. Aprendi até a não ter medo mais deles, tem uns lá que conversam comigo.

E: Você tinha medo deles?

P: Tinha um que é o chefe de onde moro, que era assim, ele estava passando por aqui, se eu tivesse que passar por aqui, eu atravessava, eu passava longe porque eu morria de medo dele. Minha mãe, uma vez conversando com ele - que a minha mãe conversa, ela não está nem aí - ela contou que eu tinha um pouco de medo e ele disse que já tinha percebido: porque quando eu tô vindo ela atravessa, aí então ele pegou e me disse que

não era para eu ter medo, que ele não ia fazer nada contra mim. Só que depois, eu descobri que ele sabia o que tinha acontecido na minha vida, inclusive ele falou assim que se o agressor, eu não gosto de falar o nome, se ele aparecesse por lá, era só uma vez. Então, sei lá, depois que minha mãe falou isso aí, eu fiquei com mais medo, só que eu sempre que eu encontrava, eu falava com ele, mas com aquele medo ainda. Aí eu acabei me acostumando, agora eu converso normal com ele, quer dizer, conversava, que eu não páro mais em casa. (P. está trabalhando durante o dia todo e estuda à noite).

E: Mas eles andam normal, não é?

P: Só quando você sabe que é traficante.

E: Como as pessoas sabem que é traficante?

P: Ah, porque assim, todo mundo fala! Fora que de todos eles assim, apesar de eu ter medo, ele é o único que é mais legal, porque apesar dele ser o chefe, eu me senti assim ... dá mais segurança. Tinha um outro que já morreu, mexia com droga também, ele era um que ele passava eu conversava também, sem ter medo. Depois que ele morreu, eu não ficava mais olhando, abaixava a cabeça, era assim. Mas agora não, agora fiquei assim mais segura porque ele conversa, ele brinca como uma pessoa normal, ele é normal. Ele conversa comigo, ele falou assim para eu não ter medo quando eu passo por ele, que eu não tenho que abaixar a cabeça, porque eu não devo nada para ninguém, é para passar normal.

E: A comunidade sabe quem são e eles fazem os negócios deles aonde?

P: Na viela embaixo, porque todo mundo assim, deu certo horário, todo mundo tem medo e entra pra dentro de casa, normal. Lá, pelo menos, eles usam mais à noite, de dia também dá para encontrar eles lá, mas eles estão num barzinho tomando cerveja, bebendo só.

E: Eles também usam?

P: Também. Tanto que quando eu saio daqui (região sul de Diadema), porque antigamente eu ia, eu não pegava o treze, eu ia para Diadema (centro) e pegava o 23 porque às vezes eu ia com a R. e a R. pegava o 23. Aí eu dava uma volta. Tem um escadão lá, é só eu descer um escadão e subir um outro para ir para minha casa, mas eu tenho que passar por onde eles ficam. Então não vou mais por lá, eu pego o 13, dou a maior volta para chegar em casa.

E: Por que isso?

P: Sei lá, apesar do dono da boca dizer, ele disse que não era para eu ter medo, que não vai acontecer nada comigo lá dentro, que ele está ali para me guardar, tipo meu anjo-da-guarda, ele falou isso. Uma vez ele falou brincando que ele é meu anjo-da-guarda, aí eu fiquei com mais medo ainda. Então, principalmente à noite, à noite não gosto de chegar lá mesmo, apesar dele falar de ser meu anjo-da-guarda, ficar brincando.

E: Quer dizer, tem um lado de medo, mas também tem lado de se sentir protegida?

P: É, eu me sinto mais segura.

E: E comparando a história da Óperiferia com a realidade.

P: Eu não acredito muito, que nem: o Fininho, emprestar dinheiro para o pai da menina.

E: Isso não acontece?

P: Bom, para mim, não. E assim, eu não conheci uma história que diga que o traficante ia pedir ela em namoro, que ele dá um anel de compromisso para menina. São coisas que eu não acredito muito.

E: Como acontece normalmente?

P: Que nem as pessoas falam, tem muitos homens que só usam e, depois, largam. Acabou, jogou fora.

E: Você acha que a maior parte dos homens faz desse jeito?

P: Acho que, assim, mais para o lado do traficante, ele não quer coisa de compromisso assim.

E: Por quê?

P: Acho que eles gostam de ser mais livres, conheço... Mesmo aquele que morreu, conversava com ele normal, ele era pai de três crianças de mães diferentes e nenhuma das três ele assumiu, nem ajudava as crianças. Por isso que eu estou dizendo, eu não acredito.

E: Mas na sua história também tinha isso, né? Ele ajuda, apesar de você não acreditar, você colocou na sua história.

P: É que muitas vezes eu gosto de contrariar a realidade. Agora eu lembro de uma frase do M. (jovem colega de trabalho e membro do grupo também), às vezes, ele fala assim, que eu vim mais para contrariar. Porque no meu serviço, eles gostam de tudo assim, mas eu já gosto mais assim, o M. às vezes brinca: só veio aqui para contrariar a gente. Às vezes, o M. fala uma coisa, eu falo outra assim, as opiniões são diferentes e ele fala que eu vim para contrariar.

E: E você acha que a Óperiferia é uma história para contrariar a realidade?

P: (pausa) Esse texto final eu acho que veio mais para mostrar a realidade, mostrar a realidade para as pessoas. Eu não vejo assim, ele (o texto) veio para contrariar.

E: Que pontos (da peça) você acha que são os mais importantes?

P: A história da Samanta com o traficante, o final que ele acaba matando ela. Muitas das pessoas que assistiram perguntam se ele matou por amor, já chegaram a perguntar se ele mata ela por amor.

E: E você responde o quê?

P: Como eu já falei, como ela não podia ser dele, então ela não ia ser de ninguém. Mas, ainda bem que eu nunca respondo ao público... Na maioria das vezes foi respondido (pelo grupo de jovens) que ele matou por amor.

E: Não lhe parece amor?

P: Não, eu procurei pegar um traficante bem ruim mesmo.

E: E a Samanta, era para ser de que jeito?

P: Pensei numa menina carente.

ENTREVISTA COM A JOVEM PATRÍCIA**DATA: 25/07/02****DURAÇÃO: 1 hora**

E: Como foi a montagem da Óperiferia?

P: G (o oficinairo de teatro) já tinha um modelo, ele já falou como ele pensava. Então, a cada reunião nossa a gente escrevia. A gente escreveu a primeira e a segunda parte, como eu te falei, eu me empolguei. No começo eu falei assim, vou escrever por escrever, depois eu fui me empolgando e fui fazendo, até que eu terminei primeiro que os outros, fui fazendo de duas em duas cenas.

E: Quer dizer que ele (o oficinairo de teatro) já tinha dado a história ?

P: Ele explicou para gente do jeito que ele gostaria que fosse, aí cada um foi montando a sua história, só que assim, na base da explicação do G..

E: Entendi, a base foi dada pelo oficinairo.

P: Ele leu uma história para gente, o Óperiferia tem um pouquinho dessa história. A história que ele leu para gente também tinha traficante, tinha a menina, o pai que tinha dívida. Foi daquilo ali que a gente começou a fazer.

E: E cada um foi fazendo no seu ritmo?

P: Quer dizer tinha uns grupos fazendo, cada um ia fazendo, duas ou três pessoas no grupo. E eu escolhi fazer sozinha.

E: E depois a seleção final, quem foi que fez?

P: G. com o grupo. Ele leu as histórias, ele não identificou as pessoas, porque eu mesma fui uma daquelas que não quis ser identificada, e a gente foi escolhendo.

E: E como era? Ele lia toda a história, do começo ao fim, o que cada grupo tinha feito?

P: Ele juntava todas as histórias, a gente se reunia, por exemplo, de terça e quinta. Na terça a gente escrevia e na quinta ele juntava os textos de cada um. No final, ele resolveu ler para gente, a gente escolheu o final.

E: Não foi passo-a-passo? Ele leu tudo junto de uma vez?

P: Ele leu alguns pedaços. Depois a gente pegava de volta as histórias para continuar a escrever e assim ia, escrevia e juntava.

P recorda que na época, ensaiavam ao mesmo tempo uma peça que discutia o ECA e, entre os ensaios, produziam os textos e discutiam a Óperiferia. A entrevistadora

pergunta se o grupo tem encenado a peça do ECA e P. conta que a última apresentação foi na PUC e que foi mais legal do que nas outras vezes.

E: Por que foi mais legal?

P: Porque eu me soltei.

E: Como assim?

P: Eu falei....Até eu me surpreendi de ter falado.

E: O que você falou?

P: Quando pediram nossa opinião, a mulher pediu a nossa opinião, aí eu olhei assim... Não, perguntou assim o que é que mudou na gente e queria ouvir a opinião de todos. Eu não falei, só que a mulher insistiu que queria me ouvir também. Aí eu fui e falei. Aí eu me empolguei e falei um monte.

E: Olha, que legal! Mas o que mudou com sua entrada no Projeto, no teatro, encenando peças?

P: Eu perdi a vergonha, eu quase não falava no começo e agora o G. quase até brinca que tem que mandar eu fechar a boca. Que nem antes, às vezes eu tinha uma opinião e ficava calada. E hoje não, quando eu tenho uma opinião, eu pego e falo. Tanto, que uma vez eu discuti com a S. (educadora do Projeto) porque eu achava uma coisa e ela falou que não, não sei o quê. Que nem a questão do horário, ela propôs uma coisa, de repor e ficar quatro horas numa reunião, aí eu peguei e fui contra. Aí a gente resolveu lavar os panos na reunião, aí eu peguei e disse "Eu não concordo" e expliquei porque eu não concordava

E: Que legal. Você acha que o teatro tem a ver com isso?

P: Eu não era de ficar falando muito.

E: E isso de quando vocês vão se apresentar, essa coisa das pessoas pedirem para você falar, você acha que isso é legal?

P: Até que é legal, porque com o tempo eu vou me soltando mais. Eu já perdi muito da timidez, não tenho mais vergonha de falar o texto. Praticamente, quando eu ia falar o texto eu não ficava assim olhando, eu olhava para cima, eu procurava um ponto e agora não, eu consigo falar olhando para a platéia e não errar o texto.

E: Qual é a cena da Óperiferia que te chama mais a atenção e o que ela representa?

P: Quando a Samanta morre. Quando a Eduarda grita para a Samanta correr, que a Samanta corre e cai nos braços dela e do Sr Rosenberg, que é o pai dela.

E: E o que isso representa para você?

P: Eu não sei, porque eu, P., sou muito apegada às amizades. Acho que hoje não existe mais aquela amizade mesmo, aquela amizade verdadeira. Acho interessante porque a Eduarda estava ali, ao lado da Samanta até no momento de dificuldade, e aí, quando o Fininho atira, a Eduarda corre para segurar a Samanta. Hoje eu não vejo uma amizade sincera assim, ter uma amiga do lado da outra no momento de dificuldade, em todos os momentos, não só do lado na alegria. Uma coisa que mudou em mim é que eu comecei a dar lugar às amizades. Antigamente eu era trancada no meu mundo.

E: Como foi isso de dar lugar às amizades?

P: Porque eu comecei a abrir novas oportunidades para que outras pessoas se aproximassem de mim. A T. é um exemplo, mesmo eu estudando com ela, eu não gostava dela, mesmo sem conhecê-la. Na primeira vez que eu vim para cá (refere-se ao Projeto), eu olhei para T. e pensei: “Já basta na escola, aqui também?” Foi quando eu comecei a falar com ela, era ela quem me ajudava na escola, quando tinha, assim, uma peça que a gente tinha que apresentar, ela que me ajudava a pegar as falas e com o tempo a gente ficou amigas.

E: Você estava falando que as amizades de hoje não são tão fortes como a da Eduarda e da Samanta. Você acha isso mesmo?

P: Ah, eu acho, porque... Acho assim, não é obrigado as duas ou os dois, se for amigo, a ficar um grudado no outro, mas hoje eu penso assim, que as pessoas dizem que é seu amigo, seus amigos, mas, na sua frente fala bem de você, mas por trás, não.

E: Voltando à cena, ela quando morre cai nos braços das duas pessoas...

P: A Samanta quando morre, a Eduarda corre para segurá-la e o pai fica lá, fazendo o papel de pai, porque a filha dele está ali.

E: Qual seria o papel de pai?

P: Papel de protetor também....

E: Até a vizinhança aparece, tem um momento em que a vizinhança grita palavras de ordem.

P: Não tem nem vizinho na peça...

E: Talvez na parte escrita tenha... Bom então a cena mais marcante é essa: a morte da Samanta nos braços da amiga e do pai. O que significa a morte dela?

P: Acho que, com a morte da Samanta, a gente estava tentando mostrar a violência, a violência na periferia.

E: A violência extrema. É o tipo da violência comum?

P: Eu nunca cheguei a presenciar, mas acho que acontece. Eu já ouvi várias conversas de uma amiga da minha mãe, contando várias histórias, de coisas que ela chegou a

presenciar, por isso eu acho que acontece. Parecido assim, como o dono da boca que mata a namorada, ou até mesmo a esposa...

E: Por que isso acontece?

P: Bem, a Samanta não chegou a trair o Fininho, mas, em algumas histórias que essa amiga me contou, foi por traição ou, mesmo que não, o traficante achava que a mulher tinha traído ele.

E: Quer dizer, às vezes nem era verdadeiro, mas na cabeça dele...

P: Ele acreditava nos amigos. Por isso que eu não acredito hoje nessa amizade, porque muitos fala que é amigo, mas só querem é ferrar o outro.

E: Enquanto tiver quem compre eu vou vender, enquanto tiver quem queira me matar, eu vou matar. Não precisava ser assim. O que você acha desse final?

P : Fala que não precisava ser assim, se o Fininho tivesse outras saídas, se ele tivesse outras oportunidades, acho que ele não teria chegado ao ponto de ter matado ela.

E: Que outras saídas?

P: Sei lá, se o Sr Rosemberg tivesse deixado ele namorar com a Samanta, se ele tivesse dado oportunidade, tentado ajudar o Fininho, a Samanta não teria morrido, a história teria tomado outro rumo.

E: Vamos pensar, em que pontos da história, ela poderia ter tomado outro rumo?

P: ...

E: Vamos pegar pelo texto. Vamos ver aqui na apresentação. Você acha que poderia ter sido diferente a história de cada um?

P: Apesar de na minha história, eu não ter escrito assim, eu acho que na apresentação está tudo bem. Eu gosto muito de imaginar as coisas, então, acho que poderia ser diferente quando, por exemplo, o Fininho chega no Sr. Rosemberg. Sei lá, a partir daí , a história podia ter tomado outra direção

E: Como assim, ter um final feliz?

P: É. Apesar de que se não terminasse em violência, como é que a gente ia debater com o povo a violência?

E: Mas por que discutir a violência com o público?

P: Porque hoje em dia passa muita coisa de violência na televisão e acho que nós (do Projeto) devemos conscientizar a população, os jovens, as pessoas. Porque hoje no mundo tem muita violência.

E: E você sabe o que gera essa violência?

P: Só porque eu esbarro em você, sei lá, se as pessoas aprendessem a perdoar mais, a tolerar mais as pessoas, não teria tanta violência. Antes por qualquer coisa, se uma pessoa olhasse feio, eu não chegava a bater, mas ficava com vontade de bater. Mas hoje, que nem para mim, quando uma pessoa esbarra em mim, pisa no meu pé, acho que eu devia tolerar mais, me colocar na posição de todo mundo. Se todo mundo tolerasse mais, acho que não haveria tanta violência.

E: Então você acha que é falta de tolerância por parte de todo o mundo. Mas voltando para nossa imaginação, ela vai para a festa ouvem o barulho que acha que é fogo de artifício, Samanta conta tudo para amiga até que a Eduarda diz para ela parar pois Fininho é o traficante que acabou com a família dela., mas a Samanta não liga e diz que o ama e vai tirá-lo disso. Aqui você acha que a história poderia ter tomado um outro rumo?

P:Sei lá.

E: Você acha que é comum as meninas acharem que vão tirar alguém do tráfico?

P: Elas podem até tentar, mas acho difícil. Eu não acreditaria nisso. Eu acho assim, se fosse num começo, até teria alguma possibilidade, mas se ele já está envolvido há mais tempo... Porque se fosse no começo, ainda poderia dar.

(Hoje está difícil de esquecer do gravador)

E: Do anel de compromisso: a Samanta quando foi falar com ele, ela tinha intenção de que ele o ajudasse.

P: A Samanta contou para o Fininho para ele ajudá-la.

E: Mesmo que ela quisesse tirá-lo dessa vida?

P: Eu acho que naquele momento eu estava meio confusa, eu não sei se naquele momento eu estava imaginando, de pedir dinheiro para o Fininho, ah sei lá, até eu estava meio confusa para escrever.

E: Tudo bem, é confuso isso, não é. E para o Sr Rosenberg, ele não aprova o trabalho de Fininho, não aceita o namoro, mas aceita o seu dinheiro, o dinheiro do tráfico.

P: Mas eu acho que quando ele pegou o dinheiro, ele não sabia do Fininho. Eu estou imaginando que a Samanta deu o dinheiro para ele e, quando ele viu aquele dinheiro, ele quis saber a fonte. Se fosse eu, a Samanta ia enrolar o pai, até ele usar o dinheiro, depois eu contava. Eu não conto, primeiro eu enrolo, depois eu falo de onde é a fonte, porque aí já usou mesmo. Primeiro, eu ia enrolar, depois conto, porque, se eu fosse a Samanta, é lógico que no momento que ela deu o dinheiro, se ela falasse, acho que o Sr Rosenberg não iria aceitar.

E: Mas o Sr Rosemberg ia aceitar qualquer enrolação? Porque não se trata de 5 ou 10 reais, mas 50 mil reais...

P: Acho que a necessidade falou mais alto.

E: Quando o Sr Rosemberg não aceita que a Samanta seja negociada, o que você acha disso?

P: Acho que é normal, que nenhum pai ia aceitar que a filha..., não é porque o namorado emprestou um dinheiro, não é por causa que emprestou um dinheiro que o pai vai dar uma filha.

E: Pensando pela lógica do Fininho, você acha que para o Fininho seria natural pensar esse tipo de coisa?

P: É porque até eu mesmo escrevi, ele pensando alto: "Já que eu estou emprestando o dinheiro, já tenho um motivo para ganhar a Samanta".

E: Quer dizer que na cabeça do traficante é muito claro isso. (Leitura do trecho em que Samanta diz que Fininho desgraçou a vida dela e que ela o odeia.) Como você entendeu essa parte?

P: Eu acho que a Samanta, ela acreditou e não acreditou na amiga. A amiga tentou avisá-la, mas aí ela pensou em tentar tirar ele dessa vida, ela meio que não acreditou muito. No final que ela ia entender. Mas acho que ela não estava falando do fundo do coração que ela odiava o Fininho, acho que ela começou a gostar dele. Mas ela viu que ele desgraçou a vida dela da mesma forma que ele desgraçou a vida da colega, mas acho que nesse período ela já tinha começado a gostar dele, aí ela pegou e falou que odiava ele, mas acho que não era verdadeiro.

E: O que se passava na cabeça dela e o que se passava na cabeça dele?

P: Ela falava mais por causa da situação, porque ele estava lá agarrando ela, eu acho assim que os dois deveriam dar um tempo e tentar resolver o problema primeiro, para não acabar mortos. Mas sei lá, acho que a única coisa que passava pela cabeça dela

E: Por que você matou a Samanta?

P: Foi uma opção minha. Porque eu pensava, ah, vou matar minha Samanta, porque a lógica, muitas das vezes, seria ela continuar viva. Mas na minha história não é o traficante que vai morrer, na maioria dos textos o Fininho é quem acabou morrendo. Na minha, quem morreu foi a Samanta. Para fugir da lógica.

E: Você já andava me falando que você tem tido idéias do contra, até com o M.(colega de trabalho e de grupo, que P mencionara na entrevista anterior)

P: É que eu dou minha opinião e muitas vezes é contra a de outra pessoa.

E: Quer dizer, não é porque você quer ser do contra, mas é porque você pensa diferente do outro.

P: Às vezes, eu faço assim, contrario, mas por brincadeira. Mas, na maioria das vezes, eu não contraria aquela pessoa, não assim de propósito, na maioria das vezes é minha opinião.

E: E como você se sente tendo opiniões diferentes e até contrárias a de outras pessoas?

P: Eu estava até brincando com a A. (colega de trabalho e de grupo) que eu nasci para contrariar, estava até brincando com aquele grupo, "Só pra contrariar", e eu nasci só pra contrariar.

E: Mas como você se sente nesse papel de nascida para contrariar?

P: Às vezes é chato, eu não sou daquele jeito...Ah... eu ainda tenho medo de magoar as pessoas com o que eu digo, então nem sempre eu gosto de estar contrariando.... Mas o problema é que na maioria das vezes eu estou contrariando do mesmo jeito: se eu não contrariar a pessoa, estou me contrariando, então não tem jeito.

E: Quer dizer, de qualquer forma, você vai contrariar alguém. E o que você prefere, contrariar as pessoas ou contrariar a você mesmo?

P: Se eu ver que vai me prejudicar, eu prefiro contrariar a pessoa.

ANEXO 3

**CONTEXTUALIZAÇÃO DO
MUNICÍPIO DE DIADEMA**

CAPÍTULO 5: DIADEMA

ASPECTOS FÍSICOS E TERRITORIAIS

Diadema localiza-se na parte sudeste da Região Metropolitana da Grande São Paulo, entre os municípios de São Paulo e São Bernardo do Campo, a 17 km do centro de São Paulo e a 8 km de São Bernardo do Campo.

Possui 30,7 km², incluindo a área da Represa Billings e a área da Rodovia dos Imigrantes. Sua topografia é acidentada, o relevo apresenta-se na forma de pequenas colinas e morrotes alongados, com poucas áreas planas.

O município está dividido em 11 bairros: Campanário, Canhema, Casa Grande, Centro, Conceição, Eldorado, Inamar, Piraporinha, Serraria, Taboão e Vila Nogueira.

HISTÓRICO DA CIDADE

A partir dos dados do Centro de Memória de Diadema (2002), constatamos que a história de Diadema começou no século XVIII, quando jesuítas portugueses saíram de São Vicente em busca de índios para catequizar e acabaram reunindo grandes lotes no território onde hoje se localiza Diadema. O primeiro foco de agrupamento populacional ocorreu na atual região do Centro, onde foi construída uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição.

Mais tarde, com a corrida dos bandeirantes em busca de ouro em Embu, foi criada uma parada na rota Embu-porto de Santos, chamada Piraporinha, que passou a ser ponto de pousada dos viajantes.

No início do século XX, esta antiga rota passa por um processo de urbanização, e são criados loteamentos de terra que originam a Vila Conceição e o Eldorado. Estas duas vilas e a de Piraporinha foram os três primeiros núcleos habitacionais que deram origem à região que mais tarde seria chamada de Diadema.

Ao final da década de 40, apesar de Piraporinha possuir o maior pólo comercial entre as três vilas, é a Vila Conceição que lidera a luta política para emancipação da região que pertencia ao município de São Bernardo do Campo.

Até os anos 40, a Vila Conceição era composta por pequenos sítios, algumas chácaras para lazer e subsistência e por muita mata nativa. Possuía um pequeno comércio, que era impulsionado pelo trânsito de pessoas em finais de semana, atraídas pelas atividades de lazer da Represa Billing, no Eldorado. Entretanto, a região não contava com infraestrutura. Motivados pelo descaso das autoridades, os moradores das chácaras iniciaram um processo de busca de autonomia da regência de São Bernardo do Campo.

Assim, em 24 de dezembro de 1948, Diadema passa à condição de distrito do município de São Bernardo do Campo, já com sua atual denominação. O território do distrito compreendia quatro vilas: Piraporinha, Vila Conceição, Eldorado e Taboão. O nome da cidade foi dado pelo jurista Miguel Reale, que buscava um nome que completasse o ABC (Santo André, São Bernardo e São Caetano) e que também contemplasse a forte religiosidade da região. Escolheu Diadema, por sua letra inicial e pelo significado de tiara ou coroa, que orna a cabeça dos três santos dos municípios vizinhos e a de Nossa Senhora da Conceição, a padroeira da cidade.

O processo de emancipação de distrito para município deu-se por meio da realização de um plebiscito, cujo resultado favorável foi apurado em 25 de dezembro de 1958. A emancipação foi regulamentada pela lei nº 5.385, de 18 de fevereiro de 1959. O município de Diadema, que surgiria efetivamente a partir de 1º de janeiro de 1960, já se diferenciava muito daqueles vários povoados dispersos existentes até a década de 40. A região rural cedia rapidamente lugar aos bairros populares e a suburbanização ocorria em consequência da instalação da indústria automobilística e de autopeças em São Bernardo do Campo.

Até a década de 40, as atividades econômicas de Diadema eram a agricultura de subsistência, o desenvolvimento extrativista de carvão, pedras e madeira e olarias para produção de tijolos. A região fornecia muita matéria-prima para cidades vizinhas, como São Paulo. Além disso, desde a construção do Reservatório Billings, o sul da região – o Eldorado – tinha assumido o perfil de estância turística, com estaleiros e restaurantes, e

até a década de 60 foi importante área de turismo e lazer da cidade. Depois, com a poluição da represa, Diadema perdeu seu pólo turístico, só lhe restando voltar-se para a industrialização do Grande ABC.

Na década de 50, ocorreu a instalação de montadoras de veículos e de autopeças no Grande ABC. Por um lado, isto impulsionou o desenvolvimento socioeconômico, mas, por outro, acarretou um crescimento desordenado da região. A Via Anchieta tornou-se o grande eixo de localização da indústria automobilística, enquanto a mão-de-obra atraída pelas indústrias intensificou a demanda por lotes residenciais. As áreas mais próximas da região se valorizaram rapidamente, levando a população de menor renda a procurar terrenos acessíveis ao seu poder aquisitivo, em locais mais distantes como o Distrito de Diadema. As antigas áreas rurais da cidade cediam lugar aos loteamentos populares, situação que se aceleraria nas décadas seguintes.

Na década de 60, este processo se acentua. A construção e a expansão do parque industrial da região do ABC atraem muita mão-de-obra, que opta por residir em Diadema por causa da proximidade e da disponibilidade de terra barata. Diadema passa a ser conhecida como uma cidade-dormitório. Ocorre uma ocupação desordenada do espaço urbano, decorrente de um intenso processo migratório de pessoas de baixa renda provenientes principalmente do Nordeste e de Minas Gerais e da transferência das famílias moradoras das favelas de São Paulo desapropriadas pela construção da Rodovia dos Imigrantes, que ligaria São Paulo a Santos. (Secretaria de Obras, Habitação e Desenvolvimento Urbano de Diadema, 2002)

As mudanças ocorridas no plano físico, econômico e social resultam numa configuração de cidade fragmentária e caótica. Priorizava-se a lógica da produção e da circulação dos produtos, ou seja, a óptica do mercado em detrimento da qualidade de vida e das necessidades das pessoas que habitavam seu espaço.

Na década de 70, várias indústrias instalam-se no município, atraídas pela facilidade da Rodovia dos Imigrantes e pelos incentivos fiscais (isenção de impostos municipais) oferecidos pela Prefeitura. São principalmente indústrias de suporte às montadoras que absorvem a mão-de-obra residente no município.

Segundo relatório da Secretaria de Obras (2002), o início do processo de favelamento no município ocorreu neste período, com o desenvolvimento industrial na cidade e por falta de uma política habitacional de âmbito nacional. A terra valorizou-se e seus moradores foram expulsos, passando a ocupar, principalmente, as terras públicas.

O contínuo agravamento da situação socioeconômica da classe trabalhadora aumentava ainda mais o número de moradores de favelas na cidade. Na década de 80, estes moradores se organizam e passam a ter maior representatividade ao constituir os movimentos de moradia cuja principal bandeira de luta era a urbanização e a posse da terra.

Nesta época, a imagem da cidade era associada a um grande acampamento sem as mínimas condições de infra-estrutura urbana. A pavimentação e a iluminação pública restringiam-se ao Centro. Apenas 22% da malha viária era urbanizada, ou seja, 78% da cidade era desprovida de drenagem, pavimentação, rede de esgotos, água, saúde, educação, lazer e segurança. Em 1980, Diadema detinha a maior taxa de mortalidade infantil da Grande São Paulo, com 82,9 mortes por mil nascidos vivos. (Lima, 2001).

A partir de 1983, com sucessivos governos populares, passa-se a priorizar o investimento na área social, promovendo o desenvolvimento de uma política habitacional de incorporação das lutas dos movimentos de moradias, tais como a urbanização de favelas (reordenamento espacial do sistema viário e dos lotes, atendimento dos serviços essenciais de infra-estrutura), regularização fundiária (garantia ao efetivo direito à terra), construção de moradias (pelo processo de mutirão e de autogestão) e participação popular (abertura de canais de participação como o Fundo Municipal de Apoio à Habitação de Interesse Social - FUMAPIS, Encontros de Habitação e outros fóruns permanentes de discussões regionais).

Somente em 1991 alcança-se um relativo equilíbrio entre o número de homens e mulheres no município, sugerindo que, finalmente, os trabalhadores pareciam considerar Diadema como local de residência permanente, trazendo suas famílias para seu local de trabalho. Até então, na população da cidade havia uma clara predominância do sexo masculino, principalmente nas faixas etárias produtivas. (Secretaria de Obras de Diadema, 2002)

Em 2002, os dados da Secretaria de Obras indicavam que cerca de 30% (103.900) da população do município morava em núcleos de favelas, ocupando 4,5% (1,40 km²) do território da cidade. O município já detém a segunda maior densidade demográfica do país, com 11.630 habitantes por km² (IBGE, 2000). Essa densidade é quase sete vezes maior nos núcleos habitacionais da cidade, com 74.200 habitantes por km². Do total desses núcleos, 70% estão urbanizados, mas cerca de 5% encontram-se em péssimas condições de habitabilidade, sem qualquer tipo de saneamento, com casos de moradores com mais de 10 anos de ocupação, isto é, famílias que vivem há mais de 10 anos em locais totalmente insalubres.

ASPECTOS ECONÔMICOS

Diadema instituiu-se como município em 1960, em época e condições que favoreceram sua industrialização, devido ao processo de desconcentração industrial regional que levou grandes projetos do Programa de Metas (1956-60) a se instalarem no ABC. Entre 1970 e 1980, quando esse processo atinge o ABC, Diadema vê sua produção industrial sextuplicar. Entre 1980-85, sua indústria cresceu 16,6%, enquanto a paulista caiu 4,7%. Uma característica marcante da indústria de Diadema é o tempo de vida de seus estabelecimentos: 39% instalaram-se no município após 1991. Essa concentração de indústrias jovens vem acompanhada de uma diminuição no tamanho médio dos estabelecimentos. O setor secundário ainda ocupa papel predominante no plano econômico da cidade, caracterizado por indústrias médias, principalmente, a metalurgia e as indústrias de cosméticos e plásticos. (Secretaria de Obras de Diadema, 2002)

Porém, desde 1995 vem ocorrendo uma mudança no perfil econômico da cidade, que tem se voltado para o setor de comércio e de serviços. No setor terciário predominam as empresas de pequeno porte, voltadas para as necessidades de concentração urbana: comércio varejista não especializado, reparação de veículos automotores, de objetos pessoais e domésticos e a prestação de serviços na área de alimentação. O perfil dos trabalhadores apresenta, dentre outras características, uma pequena utilização de capital fixo, baixo grau de escolaridade da mão-de-obra e do próprio empresário e pouca disponibilidade de recursos próprios. (Departamento de Ação Social de Diadema, 2002)

A presença do setor público é marcante enquanto absorvedora de mão-de-obra, principalmente nas áreas de educação e saúde. (Secretaria de Obras de Diadema, 2002)

Nos últimos anos, Diadema vem sofrendo os impactos do processo de reestruturação produtiva e da intensificação da globalização econômica. A taxa de emprego vem declinando em toda a região do ABCD desde os anos 80, enquanto a taxa de desemprego atinge cerca de 20% da população economicamente ativa (PEA). Como no ano de 2000 a PEA era de 215.000 (IBGE, 2000), pode-se concluir que cerca de 43.000 pessoas estavam desempregadas no município.

Em busca de soluções para essa situação, em 1998 foi criada a Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Desenvolvimento Econômico. O objetivo é planejar e implementar políticas e ações voltadas para a geração de emprego e renda e políticas de educação, qualificação e requalificação profissional. Em 2000, foi instituída a Central de Trabalho e Renda, órgão destinado à colocação de trabalhadores no mercado de trabalho.

No seu primeiro biênio de funcionamento (2000-2001), a Central recebeu a inscrição de 17.708 pessoas em busca de trabalho, das quais 2.251 foram colocadas nas 2.596 vagas abertas no mercado. Os números indicam que o total de pessoas colocadas no mercado de trabalho é inferior ao número de vagas oferecidas. Uma das explicações é que os trabalhadores indicados pela Central concorrem com outras agências de colocação. Outra explicação refere-se à escolaridade/qualificação profissional exigida pelo mercado de trabalho superior à encontrada entre os inscritos na Central. (Observatório de Políticas Públicas de Diadema, 2002). Entretanto, fica evidente a discrepância acentuada entre o número de trabalhadores inscritos e o número de vagas abertas pelo mercado de trabalho – para o total de 17.708 inscritos, o mercado disponibilizou vagas para apenas 15% deles .

Em relação ao grau de instrução dos candidatos inscritos, 72% dos inscritos tinham pelo menos o ensino fundamental completo (Observatório de Políticas Públicas de Diadema, 2002), um grau de escolaridade comparativamente mais alto do que o alcançado em gerações passadas.

O número de trabalhadores ambulantes em Diadema era de 1.956 pessoas em 2002, segundo dados da Central de Trabalho e Renda, sendo que 65% eram homens, 33% mulheres e 2% não constava essa informação. (Observatório de Políticas Públicas de Diadema, 2002)

Em relação ao rendimento nominal mensal da pessoa responsável pelo domicílio, temos no município de Diadema os seguintes dados: 14% declararam não possuir nenhum tipo de rendimento; 21% recebem até 2 Salários Mínimos, 39% recebem mais de 2 até 5 Salários Mínimos; 20% recebem mais de 5 até 10 Salários Mínimos e 6% recebem mais de 10 Salários Mínimos. (IBGE, 2000)

Se associarmos esses dados ao número médio de 3,62 moradores por domicílio¹⁸ (IBGE, 2000), verificamos que 35% da população¹⁹ vivem com até meio-salário mínimo per capita, um dos critérios para configuração de pobreza para os programas sociais do Governo Federal²⁰. É significativo ressaltar que 14% da população vivem em situação de total miserabilidade, sem nenhum rendimento.

Segundo relatório sobre trabalho e renda em Diadema (Rede de Observatórios de Direitos Humanos, 2002), as dificuldades de inserção no mercado de trabalho decorrem de mudanças no cenário industrial da cidade com a transferência de várias indústrias para outras localidades fechando muitos postos de trabalho e estimulando o crescimento do setor informal. Este processo atingia de modo mais dramático as pessoas mais velhas que perdiam seus postos e não conseguiam reinserção no mercado formal e os jovens que, além de encontrarem mais dificuldades para inserirem-se no mercado, muitas vezes eram vítimas do desrespeito à legislação trabalhista, tais como a falta de registro do contrato de trabalho, jornada de trabalho excessiva, condições de trabalho insalubres. A necessidade de trabalhar associada à falta de informações sobre os direitos trabalhistas faz com que muitas pessoas tornem-se vítimas de exploração no trabalho.

¹⁸ Segundo dados do IBGE/2000, a média de moradores por domicílio permanente é de 3,62 em Diadema. Os bairros de Taboão (3,71) e Inamar (3,70) são os com maior índice de habitantes por domicílios, enquanto o do Centro (3,39) é o de menor número de moradores por domicílio.

¹⁹ Corresponde à porcentagem da população cujo responsável recebe até 2 salários mínimos para manter a família. Aproximamos o número médio de moradores por domicílio para 4, o que resultaria na renda percapita de até meio salário mínimo.

²⁰ O critério de renda estabelecido para inserção de famílias em programas sociais do Governo Federal é que a renda percapita na família seja de até meio salário-mínimo.

Ao analisar os dados deste relatório, a pesquisadora Mônica Rique (Rede de Observatórios de Direitos Humanos, 2002, p. 327) afirma que a conjuntura econômica que impulsionou a industrialização do ABCD era caracterizada pelo modelo de desenvolvimento fordista, de produção em série de bens duráveis, rígido controle da produção, pleno emprego no regime formal. Naquela época, as multinacionais, em busca de maiores lucros, transferiram suas indústrias para os países periféricos fugindo dos altos custos da mão-de-obra organizada e escolarizada de seus países. Assim como as vagas ocupadas no Brasil, significavam vagas fechadas nos países desenvolvidos, pôde-se notar em 1980-85 que, enquanto a indústria de Diadema crescia 17%, a de São Paulo diminuía 5%.

Posteriormente, a falta de investimento do Estado, acabou com o dinamismo econômico que havia atraído as empresas metalúrgicas para o ABC, levando-as a migrar ou a fechar. A globalização baseada na terceira revolução tecnológica fez com que as empresas se reestruturassem e adotassem novas tecnologias de produção e de gestão. O resultado é que o mercado de trabalho passou por mudanças que afetaram fortemente os assalariados, como a redução da ocupação na indústria, a terceirização, a informalização e a proletarianização.

Segundo Mônica Rique, isso explica a mudança no perfil econômico de Diadema, onde houve uma redução dos postos de trabalhos nas indústrias, o que empurrou muitos trabalhadores para o setor terciário informal. Com isso, ficam privados da carteira de trabalho e dos direitos trabalhistas, são obrigados a viver de “bicos”, trabalham como vendedores ambulantes e, além disso, formam o exército de reserva do crime organizado. Outra consequência da globalização e da revolução tecnológica é o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho. Em muitas famílias, elas passam a garantir o sustento econômico da família.

Ao apontar a conjuntura econômica como principal fator da diminuição dos postos de trabalho, esta análise difere de posições que argumentam que o desemprego decorreria da falta de escolaridade e especialização da mão-de-obra trabalhadora.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

Quando passou à condição de município, em 1960, Diadema contava com uma população de 12.284 habitantes. Entre os anos 70 e 80 há um salto no crescimento populacional da cidade, até atingir, no ano de 2000, a população de 357.064 habitantes. É a cidade paulista com maior densidade demográfica a segunda maior do país, com 11.650 habitantes/km². Em 40 anos de existência, sua população cresceu quase trinta vezes. (IBGE, 2000)

Os dados do Censo 2000 indicavam que o número de homens era de 175.109 (49% da população) e o de mulheres, de 181.955 (51%). Até a faixa etária de 9 anos, o número de crianças de sexo masculino (51%) é superior ao de crianças do sexo feminino (49%); na faixa dos 10 aos 14 anos esse número se iguala e, a partir dos 15 anos, o número de mulheres será sempre superior ao de homens. (IBGE, 2000) O fato de o número de homens ser inferior ao de mulheres a partir dos 15 anos pode ser reflexo do alto índice de mortalidade de jovens do sexo masculino de 15 a 25 anos no município.

Em relação ao perfil da população infanto-juvenil do município, em 2000 praticamente 50% da população era formada por crianças, adolescentes e jovens de até 24 anos, isto é, 176.920 habitantes tinham até 24 anos. Os jovens de 15 a 24 anos correspondiam a 21% dos habitantes da cidade, ou 75.353 pessoas. (IBGE, 2000)

Nas últimas décadas, houve aumento da mortalidade relacionada à violência urbana. Em 1979, a mortalidade por causas externas representava 10% do total de óbitos no município. A partir de 1985, a mortalidade por causas externas já ultrapassava as por demais causas, atingindo 20% das causas de óbito no município. Em 1997, no grupo etário de 5-14 anos, a taxa de mortalidade era de 23,69 por cem mil habitantes e, entre 15-29 anos, atingia 280,56 por cem mil habitantes. (Lima, 2001)

Os dados da Secretaria de Saúde Municipal referentes ao ano de 2001 revelam que a faixa etária mais vulnerável à mortalidade por causas externas é a de 15 a 25 anos, com a taxa de 233,88 por cem mil habitantes, seguida da faixa de 25 a 34 anos, com 194,69 mortes por cem mil habitantes. (Secretaria Municipal de Governo de Diadema, 2002)

Segundo os dados da Secretaria de Saúde Municipal referentes ao ano de 2001, nos casos de mortes por fatores externos, o índice de mortalidade do gênero masculino é sempre bem superior ao do feminino. Nas mortes decorrentes de acidentes de transporte, o índice masculino é seis vezes superior ao feminino, enquanto nos casos de mortes em decorrência de agressões o índice masculino supera em 19 vezes o feminino. (Secretaria Municipal de Governo de Diadema, 2002)

SERVIÇOS OFERECIDOS À COMUNIDADE

EDUCAÇÃO, CULTURA, ESPORTE E LAZER

A rede municipal de ensino é constituída por 46 escolas, sendo que um mesmo equipamento realiza atendimento em programas diferenciados. Destas, 44 atendem no Programa de Educação Infantil, 31 em período parcial (pré-escola) e 17 em período integral (creche). O Ensino Fundamental é realizado em 6 escolas, e a Educação de Jovens e Adultos em nível de Suplência Fundamental, em 38 escolas. A Educação Especial no município tem como princípio a educação inclusiva, atendendo alunos com necessidades especial em todas as escolas, contando também com uma escola especial para deficientes auditivos e um Centro de Atenção à Inclusão Social (CAIS).

O município conta com um Centro de Formação Profissional (Fundação Florestan Fernandes), que atende adolescentes, jovens e adultos.

A rede estadual é constituída por 67 escolas, que oferecem o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e as suplências tanto do Ensino Fundamental como do Médio.

No programa de educação de jovens e adultos, o nó crítico ainda é o analfabetismo e a evasão escolar (26% na rede municipal e 20% na estadual). Faz-se necessário criar mais 30 classes no período diurno para promover a inclusão de alunos que se encontram ainda fora da escola regular e formal, bem como a implantação de projeto-piloto cultural para criar novos espaços alternativos que auxiliem no desenvolvimento educativo, social e cultural dos jovens para sua reinserção à escola. (Secretaria Municipal de Governo de Diadema, 2002).

As ações de cultura são desenvolvidas pela Secretaria de Educação, por meio do Departamento de Cultura, que conta com 10 centros culturais, 1 centro de memória, 1 centro de aprendizado de instrumentos musicais, 12 bibliotecas e 1 videoteca. Nesse aspecto, o município oferece, segundo dados do Mapa da Criança e do Adolescente (Secretaria Municipal de Governo de Diadema, 2002):

* O *Programa de Formação Cultural*, que prevê acesso gratuito de crianças e adolescentes às oficinas regulares de sensibilização e iniciação artísticas nas áreas de teatro, dança, artes plásticas, música, *hip-hop*, fotografia, cinema e vídeo, literatura.

* O *Programa de Fruição e Difusão Cultural*, que oferece uma programação permanente com acesso gratuito aos espetáculos de teatro, dança, circo, música, artes plásticas e eventos especiais para períodos específicos como o Projeto Férias (janeiro a julho) e Carnaval.

As ações de esporte e lazer também estão vinculadas à Secretaria de Educação e são desenvolvidas pelo Departamento de Esportes, que conta com 10 campos de futebol, 16 salas de ginástica, 28 quadras poliesportivas, 5 parques municipais, 5 ginásios poliesportivos e 1 clube municipal. Para a atenção a crianças e adolescentes, desenvolve os seguintes programas: o *Mais Esportes*, com atividades de recreação, iniciação e treinamento esportivo para a faixa etária de 7 a 15 anos de idade, e o *Bom de Bola, Bom na Escola*, que atende 2.800 crianças e adolescentes (ano 2002), por meio das Escolas de Futebol, localizadas nas áreas mais carentes da cidade. No Mapa da Criança e do Adolescente (Secretaria Municipal de Governo de Diadema, 2002), o nó crítico apresentado refere-se aos “recursos financeiros insuficientes para cobrir quadras esportivas” e as ações desenvolvidas.

SAÚDE

Segundo relatório da Secretaria de Saúde Municipal, a rede de saúde é composta por 4 hospitais, sendo 3 públicos e 1 privado, oferecendo um total de 566 leitos, dos quais 408 são públicos. Dispõe também de 2 Pronto-Socorros, 14 Unidades Básicas de Saúde, 4 Unidades de Referência (Especialidades Médicas, Tratamento de AIDS, Dependência

Química e de Atendimento Psicossocial Integrado) e 6 unidades do Programa Saúde em Casa, que atuam na saúde preventiva. Oferece também o programa de distribuição de medicamentos para população. (Observatório de Políticas Públicas, 2002)

A política de saúde no município é realizada pelo Sistema Único de Saúde e tem por princípio a saúde de qualidade para todos. Na área do adolescente e do jovem, as principais metas constantes do Mapa da Criança e do Adolescente (Secretaria Municipal de Governo de Diadema, 2002) são:

- a) redução das taxas de mortalidade materna e infantil;
- b) prevenção e tratamento das DST/AIDS e do uso indevido de drogas, prevenção da gravidez precoce, redução da taxa de incidência de AIDS e capacitação dos profissionais para o desenvolvimento de projetos educativos e preventivos com a comunidade;
- c) plano de reestruturação da saúde mental para 2003 que prevê, entre outras ações, a criação de um Centro de Apoio Psicossocial ao Adolescente, o desenvolvimento de ações integradas com o Programa de Agentes Comunitários de Saúde e o Programa de Saúde em Casa para atendimento de adolescentes e jovens com foco prioritário em atendimentos grupais.

A ASSISTÊNCIA SOCIAL E A DIVISÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

O Departamento da Ação Social e Cidadania (DASC), instituído em 1995, tem o objetivo de incentivar e dinamizar programas, projetos, serviços e benefícios previstos na Lei Orgânica da Assistência Social. Desse departamento faz parte a Divisão da Criança e do Adolescente (DCA), criada no mesmo ano para a implementação da política dos direitos da criança e do adolescente.

As crianças, os adolescentes e os jovens atendidos pela política de assistência social são aqueles que se encontram em situação de risco pessoal e social por uma série de condições: falta de condições mínimas da família para garantia de vida com dignidade; dificuldade de acesso às políticas sociais públicas estabelecidas como direitos sociais de cidadania; vítimas de violência doméstica, de abuso sexual e de violência urbana;

inseridos precocemente no trabalho; adolescentes e jovens em conflito com a lei no cumprimento de medida sócio-educativa judicial; crianças e adolescentes com medidas de proteção especial (medida de abrigo) e ainda em situação de rua.

A rede de proteção social a crianças e adolescentes é formada por entidades governamentais e 17 entidades não-governamentais parceiras ou conveniadas com o Departamento da Ação Social/Divisão da Criança e do Adolescente, com devido registro junto aos Conselhos de Assistência e dos Direitos da Criança e do Adolescente. A rede trabalha com programas e projetos de modo direto e indireto (conveniado) e em parceria com grupos sociais, além das esferas estaduais e regionais da administração pública (região do ABC). No total, a rede atende aproximadamente 4.000 crianças e adolescentes. (Secretaria Municipal de Governo de Diadema, 2002)

Os programas e projetos da rede de proteção a crianças e adolescentes estão assim distribuídos: *situação de pobreza e exclusão social de famílias*, como Renda Cidadã, Fortalecendo a Família, Assistência às Famílias de Ex-Catadores de Lixo, Saindo da Crise (específico para mulheres vítimas de violência), Bolsa Trabalho, dentre outros; *promoção da cidadania e protagonismo juvenil*, como Ações Complementares à Escola, Adolescente Aprendiz, SOS Bombeiro, Agente Jovem, PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, Medidas Sócio-Educativas restritivas de liberdade (liberdade assistida e prestação de serviços à comunidade); *violência e violação dos direitos humanos*, como Observatório dos Direitos Humanos, Conselho Tutelar e atendimento à violência doméstica; *medida de proteção especial*: atendimento em regime de abrigo; *assessoria e supervisão técnica* às entidades não-governamentais, grupos sociais, fundações, conselhos das políticas de assistência social, da criança e do adolescente e tutelares; *capacitação e mobilização social*, como organização de cursos de capacitação de educadores sociais que atuam diretamente nos programas e projetos de atenção à criança e ao adolescente, aos gestores das entidades da rede conveniada, mobilização social em defesa dos direitos da criança e do adolescente para participação nos espaços de debates e proposições para a elaboração e implementação de políticas (conferências e assembleias), acompanhamento das ações (ações de monitoramento). (Departamento de Ação Social de Diadema, 2002).

O número de crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica (física, sexual ou psicológica) era de 334 em 2000, subiu para 405 em 2001 e caiu para 337 em 2002. A atenção a essa população vitimizada é realizada no município por entidade de atendimento credenciada para essa finalidade (organização não-governamental) e também pelos próprios equipamentos municipais. (Secretaria Municipal de Governo de Diadema, 2002)

Dados do Consórcio Intermunicipal do Grande ABC (de maio a dezembro de 2000) indicavam que, no ano de 2000, entre as sete cidades do ABC paulista, Diadema contava com o maior número de adolescentes internos na Febem (56), assim como de adolescentes cumprindo medida sócio-educativa de liberdade assistida (181). Entre os adolescentes que cumpriam a medida sócio-educativa de liberdade assistida, 75% tinham entre 17 e mais de 18 anos, 72% deveriam estar cursando o ensino fundamental, mas apenas 49% deles encontravam-se matriculados na escola, 53% trabalhavam, geralmente sem vínculo empregatício, 82% não freqüentavam cursos profissionalizantes e 56% tinham contato com drogas. A taxa de reincidência era de 35%.

O total estimado de adolescentes em conflito com a lei em 2000 era de 270, sendo 56 em medida de internação e 214 em liberdade assistida (LA) e/ou prestação de serviços à comunidade (PSC). Em 2001, o total era de 330, com 83 cumprindo internação e 247 em medida de LA e/ou PSC. Em 2002, o número era estimado em 390, sendo 109 internos e 281 em medida de LA e/ou PSC. (Secretaria Municipal de Governo de Diadema, 2002)

Cabe ressaltar que o município apresenta índices elevados de adolescentes em medidas sócio-educativas (desde as privativas até as restritivas de liberdade) e que o número de jovens em conflito com a lei vem aumentando ano a ano. O atendimento das medidas sócio-educativas, com exceção da prestação de serviços à comunidade, é realizado pela instância da administração pública estadual, por meio da equipe técnica da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem/SP), regionalizada no ABC.

Diante disso, é possível constatar que a rede de proteção social ainda é insuficiente em termos quantitativos e qualitativos para lidar com a complexidade dos problemas apresentados pela população em situação de risco pessoal/social.

VIOLÊNCIA NA CIDADE

Em março de 1997, a cidade de Diadema recebeu destaque nacional quando o Jornal Nacional, da TV Globo, exibiu cenas de violência praticada por policiais militares que, durante madrugadas, mataram, torturaram, extorquiram e humilharam a população da Favela Naval²¹. (Revista Isto é, 1997)

Era apenas uma faceta da violência vigente na cidade. Naquele ano, segundo o Datasus/Ministério da Saúde, a taxa de homicídios na cidade foi de 140 por 100 mil habitantes, cinco vezes superior à média brasileira, o que conferia ao município o título de “cidade mais violenta do país”. (Toledo, 1999)

Segundo dados da Coordenadoria de Defesa Social (2002), entre 1995 e 1998, a população da cidade cresceu 3,4%, enquanto os homicídios saltaram de 238 casos para 355, um aumento de 49% sobre números já altos. Em 1999, segundo a Fundação Seade, a taxa de homicídios foi de 143 mortos por 100 mil habitantes, o maior do Estado e provavelmente do país. Em 2000, o índice foi de 76,15 mortos por 100 mil habitantes, em 2001 passou a 65,79 mortos por 100 mil habitantes, o que resultou na perda da primeira colocação no ranking das cidades mais violentas do país.

A redução da violência no município é uma das prioridades da atual administração, e a Coordenadoria de Defesa Social levanta as seguintes hipóteses como causas da violência: a quantidade insuficiente de efetivo policial (em 1997, havia 1 policial para 800 habitantes; em 2002, a cidade passou a contar com 1 agente para cada 452 habitantes, mas o ideal seria contar com 1 policial para cada 250 habitantes, o que implicaria quase duplicar o efetivo de 789 agentes entre policiais militares, policiais civis e guardas civis municipais); falta de equipamentos e de sistemas modernos de informação para realizar o mapeamento e levantar estatística atualizada dos crimes; baixa integração das organizações policiais: a Polícia Militar, a Polícia Civil, o Corpo de Bombeiros e a Guarda Municipal possuem centro de operações totalmente separados e acabam desenvolvendo poucas ações integradas.

Em 2001, foi criada a Coordenadoria de Defesa Social com a função de assessorar o prefeito na coordenação de ações de apoio ao aparato policial e de promover a integração entre a guarda civil municipal e as polícias civil e militar. Ficaram a cargo do Fórum de Combate à Violência e do Conselho Municipal de Segurança o direcionamento das políticas de segurança no município e o estabelecimento de um canal formal de comunicação entre as diversas agências de segurança entre si e com os órgãos de prevenção social, educacional e assistencial, governamentais e comunitários. Em julho de 2002, implantou-se a Lei Seca no município, visando ao fechamento de bares e locais de venda de bebida alcóolica a partir das 23h até às 6h. Essa lei foi formulada a partir de resultados de pesquisa da Coordenadoria de Defesa Social, baseada em dados fornecidos pela Polícia Civil, de que 60% dos homicídios ocorriam entre as 23h e 4h. Criou-se também o Projeto Programa Legal, com a atribuição de monitorar a fiscalização das diversas irregularidades do município, dentre elas a Lei Seca. Segundo a avaliação da Coordenadoria de Defesa Social, após 6 meses e meio da implantação da Lei Seca o índice de homicídios caiu 17,31%.

Para o coronel reformado da Polícia Militar José Vicente da Silva Filho, pesquisador do Instituto Fernand Braudel, Diadema é a cidade brasileira que obteve o maior índice de redução de violência no Brasil no período de 2001-2002 (Scarparo, 2003). Em seu estudo sobre o perfil do homicídio em Diadema (Silva Filho, 2002), o pesquisador analisou 567 inquéritos policiais abrangendo 618 homicídios ocorridos na cidade entre os anos de 1998 e 2000. Apontou algumas causas para a violência na cidade, tais como o rápido crescimento demográfico, que teria impedido que os valores sociais de convivência fossem consolidados, acarretando a desordem social. Também indica que a localização da cidade, que faz divisa com áreas violentas da zona sul de São Paulo, pode ter estimulado o padrão criminal de Diadema. Revela que, desde o episódio da Favela Naval, ficava evidente que Diadema era um símbolo do descaso com que as autoridades tratam as áreas com problemas crônicos de violência: designando chefes com problemas de conduta policial para cumprir uma espécie de castigo no local. Os chefes foram trocados, porém, ao longo do tempo não houve investimento para adequar os recursos policiais aos níveis de violência da cidade, nem em número de policiais e equipamentos nem em qualidade de ação para debelar o problema.

²¹ A Favela Naval localiza-se na região leste da cidade de Diadema.

Os resultados de sua pesquisa indicavam que as mortes concentravam-se nas áreas mais pobres da cidade. O horário predominante do crime era a madrugada (0h às 8 horas), seguida do anoitecer (das 16h às 20h). Em 96% dos casos foram usadas armas de fogo, e em 71% desses casos as vítimas foram atingidas por três ou mais tiros. Em 72% dos casos o crime ocorreu nas vias públicas, com destaque para as mortes em bares, e em apenas 22% dos casos as mortes ocorreram em ambientes fechados como casa, empresa ou chácara. Em 42,8% dos casos a vítima conhecia o agressor e em 75% das vezes a vítima estava acompanhada de outra pessoa.

No que se refere ao perfil da vítima, 96% eram do sexo masculino, sendo que 18% tinham entre 15 e 20 anos e 45% tinham entre 20 e 30 anos. Os negros correspondiam a 52,5% das vítimas. A maioria era solteiro, um terço tinha emprego estável e 47% eram oriundos de outros Estados, principalmente Bahia, Ceará e Pernambuco. Em apenas 16% dos casos pesquisados houve confirmação de antecedentes criminais das vítimas.

Sobre o perfil dos poucos agressores identificados: 55% foram classificados como pardos, 15% tinham entre 15 e 20 anos, porém a faixa predominante é a de 20 a 25 anos, com 38% dos casos, seguida da faixa de 30 a 35 anos, com 24%. Geralmente eram solteiros, metade já tinha registro de passagem pela polícia, 39% estavam empregados e em 38% havia sinais de embriaguês.

Apenas em 29% dos casos foi possível estabelecer as causas do crime, concluindo-se que os motivos mais significativos são os conflitos entre a vítima e o agressor, quer por uma situação daquele momento (9% dos casos), quer por vingança decorrente de problemas anteriores (9%). A pesquisa respaldava a associação de violência e álcool, uma vez que constatou em 38% dos agressores indícios de alcoolização. Entretanto, a associação de homicídios e o uso e/ou tráfico de drogas não é tão clara, uma vez que em apenas 2 casos essa relação foi confirmada. Em 5% dos casos constatou-se latrocínio, ou seja, o homicídio vinculado ao roubo, enquanto em outros 5% constatou-se a relação com o crime organizado.

O destaque da pesquisa é a conclusão de que a impunidade é muito evidente: dos 567 casos de homicídio registrados, em apenas 6,7% (38 casos) descobriu-se a autoria do crime. Uma taxa muito baixa quando se considera que o homicídio costuma ser o crime

de maior índice de esclarecimento, até porque, em muitos casos, a vítima e o agressor se conhecem. O pesquisador aponta que a impunidade, associada à ineficiência da polícia, provavelmente contribuiu para a elevação dos índices de homicídios na cidade. Em poucos casos houve ações imediatas de investigação no local para a coleta de evidências e informações sobre testemunhas do crime e em menos de 6,7% dos casos o autor do homicídio foi punido, uma vez que muitas vezes os criminosos fogem e outras vezes faltavam evidências para garantir a condenação.

Um outro fator que o pesquisador aponta como facilitador da violência é a indiferença e tolerância da sociedade como um todo em relação à violência: a própria população passa a afirmar que aqueles que morreram mereciam ter morrido, pois tinham envolvimento com o crime ou com drogas. Também é possível constatar essa tolerância pela ausência de mobilização de associações e movimentos que cobrem ações efetivas das autoridades para a contenção da violência, pela ausência de pesquisas sobre a questão. O medo de denunciar, a falta de mecanismos de denúncia e falta de confiança na polícia reforçam essa tolerância com a violência. O pesquisador aponta que essa questão mereceria mais estudos acadêmicos.

O pesquisador reconhece que os partidos populistas que governaram a cidade desde 1983 investiram na área social, principalmente saúde e educação, o que pode ser comprovado pela rede de atendimento e de equipamentos sociais espalhados pela cidade. Entretanto, aponta que esse investimento parece não ter sido suficiente para prevenir a violência, pois, na visão do pesquisador, os mecanismos de agressão para a solução de conflitos parecem estar profundamente enraizados na cultura da periferia e, para modificá-los, seria necessário criar programas com foco específico na prevenção da violência. Sugere que sejam criados programas contínuos e integrados dos órgãos oficiais de atenção ao jovem, por ser a faixa etária mais vulnerável ao crime.

Afirma que algumas conclusões podem ser aparentes, por exemplo, quando se conclui que os perfis das vítimas e dos agressores são muito parecidos. Talvez isso ocorra devido à pobreza de dados registrados, assim como à constatação de um número elevado de negros como autores e vítimas de homicídios pode indicar a continuidade da discriminação contra esse grupo racial.

O pesquisador indica duas vertentes de iniciativas a serem tomadas: a primeira vertente é a policial, que implicaria aumento quantitativo e qualitativo de recursos policiais e equipamentos, em planejamento, acompanhamento e avaliação das ações, metodologias avançadas de investigação, inteligência e análise dos dados, padronização de procedimentos, informatização de procedimentos para o acompanhamento das autoridades, do Ministério Público e, finalmente, a integração entre as Polícias Civil e Militar.

A segunda vertente proposta é a social, que implicaria a articulação dos órgãos públicos locais e entidades sociais para o diagnóstico e o planejamento de ações integradas de prevenção da violência, focadas de acordo com as áreas e os problemas identificados.

BIBLIOGRAFIA:

- BRASIL, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Contagem populacional de 2000. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2000.
- CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DO GRANDE ABC. Diagnóstico dos adolescentes autores de atos infracionais da região do Grande ABC. Grande ABC: mimeo, 2000.
- DIADEMA, CENTRO DE MEMÓRIA DE. Diadema: referências históricas 1501-2000. Diadema: Prefeitura Municipal, 2002.
- DIADEMA, COORDENADORIA DE DEFESA SOCIAL DE. Plano de Segurança para Diadema: Diadema segura. Diadema: Prefeitura Municipal, mimeo, 2002.
- DIADEMA, SECRETARIA MUNICIPAL DE GOVERNO DE. Mapa da criança e do adolescente de Diadema. Diadema: Prefeitura Municipal, mimeo, 2002.
- DIADEMA, OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE. Administração e Finanças, Demografia, Cidadania e Urbanidade. Diadema: Prefeitura Municipal,

mimeo, 2002.

DIADEMA, SECRETARIA DE OBRAS, HABITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO URBANO DE. Síntese descritiva e dinâmica social do Município. Diadema: Prefeitura Municipal, mimeo, 2002.

DIADEMA, DEPARTAMENTO DE AÇÃO SOCIAL E CIDADANIA DE. Projeto rede de atenção a crianças e adolescentes de Diadema. Diadema: Prefeitura Municipal, mimeo, 2002.

LIMA, Sérgio Alves. Espaço Fernando Ramos da Silva: um projeto de tratamento e prevenção à dependência de drogas em Diadema. Dissertação de mestrado em Psicologia Social. São Paulo: PUC, 2001.

O PSDB e a violência. Revista Isto é, 09.04.1997.

REDE DE OBSERVATÓRIOS DE DIREITOS HUMANOS BA/ES/PA/PE/RJ/SP. Relatório de Cidadania III: os jovens e os direitos humanos. São Paulo, 2002.

SCARPARO, Júlio, ALVES, Nara. Diadema lidera redução de crime no país. Diadema em Pauta, 31.01.2003. <http://www.diadema.sp.gov.br>

SILVA FILHO, José V. da. O perfil do homicídio: um estudo em Diadema. São Paulo: Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, mimeo, 2002.

TOLEDO, J.R. de. Diadema é a cidade mais violenta do país. Folha de São Paulo, 15.08.1999.